

GABRIEL PUNDEK SCAPINELLI

REFAZENDA: JARDINAGEM E MICROPOLÍTICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Área de Concentração: Teoria, Produção e experiência do espaço.

Linha de Pesquisa: Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo e suas relações com outras artes e ciências

Orientadora: Prof. Dra. Renata Moreira Marquez

BELO HORIZONTE

2018

FICHA CATALOGRÁFICA

S284r

Scapinelli, Gabriel Pundek.

Refazenda [manuscrito] : jardinagem e micropolítica / Gabriel Pundek Scapinelli. - 2018.

230 f. : il.

Orientadora: Renata Moreira Marquez.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura.

**1. Ecologia urbana - Teses. 2. Jardinagem - Teses.
3. Antropologia - Teses. 5. Artes - Teses. I. Marquez, Renata Moreira.
II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Arquitetura.
III. Título.**

CDD 711.42

Ficha catalográfica: Biblioteca Raffaello Berti, Escola de Arquitetura/UFMG

Dissertação defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo - NPGAU
– da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, e aprovada em 23 de
novembro de 2018 pela Comissão Examinadora:

Prof. Dra. Renata Moreira Marquez (Orientadora-EA/UFMG) Renata Marquez

Prof. Dr. Altamiro Sérgio Mol Bessa (EA/UFMG) altamiro Mol Bessa

Prof. Dra. Louise Marie Cardoso Ganz (UEMG) Louise Marie Cardoso Ganz

Prof. Dr. Jorge Mascarenhas Menna Barreto (UERJ) Jorge Menna Barreto



Fig. 01. João & Gabriel - Oficina de Bandeiras. fotografia 15x21cm. 2016.

Gostaria de agradecer a todos aqueles que me ajudaram a seguir e cumprir com essa pesquisa. Minha namorada Bárbara Basseto. Minha família: Paolo, Regina, Manoela e André. Meus amigos: Otávio Arcanjo, Marcelo Azarias, Kalil Fagundes, Maria Cecília Vidal, Silvio Brunno Santos, Otavio Dutra, Ícaro Selene, Flávio Schons, Fernanda Gorski, Áton Lourman, Nayara Zagnoly, Luanda Vannuchi, Sarah Pusch. Meus professores: Renata Moreira Marquez, Altamiro Bessa, Louise Ganz e Jorge Menna Barreto. Ao grupo Fora: Bruna Maria Maresch, Camila Argenta e Nara Milioli e nossa curadora Brígida Campbell. Àqueles que me ajudaram com a pesquisa sobre o sítio Guariroba: Roberto Pinho e Marcelo Machado. Àqueles que me ajudaram na oficina de bandeiras e no sonho de uma horta comunitária no Pocinho: Nica Rodrigues, Luiza Fernanda Silva, Margareth Leta, Lucas Bezerra Alves, Marilda Magalhães e todas as crianças que infelizmente não anotei os nomes. Agradecer também àqueles que me receberam na comunidade Roots Ativa: Alice Knast e Thiago Lopes. À Pamella Silveira, por me receber e mostrar o CPCD em Araçuaí (MG). Ao Rodrigo Toyama e à Mônica Santana, professores do primeiro ano da escola da Maré, e todas as crianças do Clubinho Florestal: João, Henrique, Tiago, Alexandre, Luís Felipe, Bruno, Enzo, Possato, Martina, Sofia, Maria e Ana. Aos participantes do projeto artístico “Doe um jardim” e Gráfica Botânica: Gabriela Leirias, Erica Mattos, Diego Fagundes, Igor Vinícius, Luíza Fainblat, Teresa Siewerdt, Renata Marquez, Otávio Arcanjo, Ártemis Garrido, Camila Vieira, Betânia Silveira, Marimar Poblet, Luciana Bragança, Adriana Barbosa, Bruno Araújo, Vânia Baxbaum, Wilson Hirle, Maira Lima, Pompéia Tavares, Sophia Carvalho, Marcos Turibio, Mariana Berta, Mariane Santos, Tatiana Rosa, Ismael Paul, Janete Anderman, Inaê Coelho, Laís Veloso, Danielle Dias, Santana Dardot, Bianca Pataro, Lara Paiva, Inês Linke e Maíra Lima. Também gostaria de agradecer aos funcionários do Museu Mineiro por terem se envolvido e cuidado das plantas que ficaram lá expostas. À ONG “Veracidade”, sobretudo à Djalma Nery. À ONG “Cidades Sem Fome”, sobretudo ao Hans Dieter. À ONG “CSA Nossa Horta”, sobretudo ao Marcos Mudado. Ao Grupo de pesquisa AUÊ, sobretudo à Daniela Adil. À “Horta das corujas”, sobretudo ao André Biazoti e à Cláudia Vizoni, que me apresentaram o lugar. Ao pessoal do acampamento do MST “Pátria livre”, sobretudo David Robinson e Adson Silva. A todos citados na minha bibliografia, sobretudo Caetano Veloso e Gilberto Gil. À minha revisora Nathalia Muller.

Obrigado!

“Numa cidade entulhada e ofendida pode, de repente, surgir uma lasca de luz, um sopro de vento.”

Lina Bo Bardi

RESUMO

As potencialidades das relações entre jardins e jardineiros e a relação entre jardinagem e micropolítica surgem nesta investigação como experiência político-comunitária: outros sítios, outras fazendas, outros jardins... outros pela possibilidade de resistir e ressurgir como redutos verdes em meio à cidade contemporânea: refazenda. Através de errâncias empreendidas pelo país, da construção e manutenção de diálogos experimentais com as ecologias urbanas é que se dá uma tentativa de “cartografia verde”, na qual sucedem questões: onde estão e como são os jardins comunitários; como se fazem; como se fortalecem; quais os conflitos e dificuldades no enfrentamento com a dada política e como potencializar a construção de outros referenciais estético-político-ecosóficos. Essas perguntas muitas vezes não levam a respostas literais, mas, sim, a conversações. Enfim, tem-se uma alternativa prática ao jardim, espaços de cultivo (cultura) e experimentos processuais da terra. Lugares que aparecem na cidade, resistentes, resilientes e potencialmente autônomos para a construção de micropolíticas ecológicas insurgentes.

Palavras-chave: Jardinagem. Arte. Ativismo. Cidade. Micropolítica. Ecologia.



ABSTRACT

The potentialities of relations between gardens and gardeners, and the relation between gardening and micropolitics appear in this investigation as a common-political experience: other localities, other farms, other gardens... Other possibilities to resist and reappear as green strongholds among contemporary cities: "refazenda". By means of the undertaken wanders through the country, the construction and maintenance of experimental dialogs with urban ecologies, there is an attempt of a 'green cartography' through which some questions come about: Where are the community gardens; how they are made; how they strengthen themselves; which are the conflicts and difficulties in confronting the current politics; and how to potentialize the construction of other aesthetical-political-ecosophical references. These questions don't take us quite often to literal answers, but instead, to dialogs. Regardless, there is a practical alternative to gardens, places of cultivation (culture) and processual experiments of the land. Resistants, resilient and potentially autonomous places that appear in cities, for the construction of insurgent ecological micropolitics.

key-words: **Gardening. Art. Activism. City. Micropolitics. Ecology.**

SUMÁRIO

- manual de leitura pg.10
- rearranjos tropicais pg.15
//elogio a terra //ser da terra //devorar a terra //oficinas
//J01 - guariroba // rizomas tropicais
- desenhos e canteiros pg.35
//introdução // extra jardim //paisagem útil // uma pausa para
Petrarca //J02- pocim //J03 -roots ativa
- escolas pg.59
// educação pela terra// J04- CPCD// J05 - clubinho florestal
// J06 - veracidade
- esculturas pg.87
// arte concreta// J07 -jardim sem governo // J08-restauro
// J09 - terrários
- resiliência pg.115
J10 - vaso reciclado //daninhas na cidade // J11-exsicata de ru-
derais de Barão Geraldo //terrenos baldios //J12-dispensar
- agricultura urbana pg.147
//direito à cidade// hortas urbanas // J13 - horta das corujas
// J14 -CSA nossa horta// J15 - cidade sem fome
- marchas pela terra pg.171
//campo urbano //J16 - acampamento 'pátria livre'
- aterro pg.199
// J17 - caixa de areia // dilúvio
- bibliografia pg.223

MANUAL DE LEITURA

*

Investigar jardins urbanos contemporâneos e as alternativas desse processo é uma narrativa composta por fragmentos. Como escrever um jardim? Polifonia e fricções a criar um mosaico-mapa de vetores verdes. Afinal não existem jardins fechados, todos se conectam, e dentro de cada história... Outra história. O texto que se apresenta não se faz pela completude, mas, sim, opera por sugestão de debates e pensamentos em ciclos de retroalimentação. Em vez de produtos, processos que se desdobram uns sobre os outros. Não chegaremos a um resultado, chegamos a uma nova pergunta, outra volta, uma revolta.

*

Os jardins narrados estão espalhados pelo texto e demarcados pela letra 'J': são os locais visitados ao longo da trajetória. Asteriscos (*) aparecem como índices de quebra do discurso, pontos finais, mudança de assunto. Barras inclinadas (/) são pontos de pausa, tempo a ser tomado antes de continuar a leitura. Os "xs" entre parênteses (X) demarcam oposições ideológicas. Enquanto destacam-se os eixos temáticos e uma leitura dinâmica com a variação do tamanho de fonte. As referências bibliográficas tomadas de assalto e devoradas estão citadas com as iniciais do autor em itálico e referenciadas com o título em nota de rodapé e a fonte ao final do trabalho, uma inspiração antropofágica sugerida por Suely Rolnik em cartografia sentimental (2012). Ainda assim restam referências tradicionais dentro de (()) parênteses, não devoradas por opção pessoal.

*

rearranjos tropicais - polifonia e cosmovisões da antropofagia que nos move// desenhos e canteiros - uma introdução ao trabalho e contextualização contemporânea à paisagem e à jardinagem // escolas - práticas de

educação pela terra // esculturas - construções plásticas ecológicas // resiliência - das plantas que revingam nas cidades// agricultura urbana - hortas e hortalões urbanos como articuladores políticos// marchas pela terra - movimento social em direção à construção do cultivo comxum da terra // aterro - condição primária do ponto de chegada, ou partida. Os capítulos deste trabalho podem ser lidos em qualquer ordem, estando, nesta versão, encadernados em sequência para seguir o padrão da biblioteca, porém a versao apresentada na banca final tinha os fascículos soltos.

*

Você é o que você come. (A.O) Ariovaldo Oliveira. (A.P). Ana Primavesi. (A.S.R). Antonio Santoni Rugiu. (A.V.S) Adriana Veríssimo Serão. (C.F). Celso Favaretto. (C.P.E). Clarice Pinkola Éstes. (C.V). Caetano Veloso. (D.E). Daniele Eckert. (D.H). David Harvey. (D.N). Djalma Nery. (E.C). Estatuto das Cidades. (E.V.C). Eduardo Viveiro de Castro. (F.G). Felix Guattari. (F.V). Flávio Villaça. (G.B). Guy Brett. (G.C). Gilles Clement. (G.C.F). Grupo Contra Filé. (G.L & F.T). Gabriela Leirias e Faetusa Teseli. (G.N). Gustavo Nagib. (H.L). Henry Lefebvre (H.O). Hélio Oiticica. (J.L.G). Jacques LeGoff. (J.M.B) Jean-Marc Besse (J.P.S) João Pedro Stédile. (J.R). Jacques Rancière (L.G & B.S). Louise Ganz & Breno Silva. (L.V). Luanda Vannuchi. (M.F). Michel Foucault. (M.H & A.N). Michael Hardt & Antonio Negri. (M.S). Milton Santos. (N.B). Nego Bispo.(O.A). Oswald Andrade. (P.F). Paulo Freire. (R.A). Rosário Assunto. (R.P). Regina Pundek. (R.S). Robert Smithson. (S.R). Suely Rolnik. (T.R). Tião Rocha.

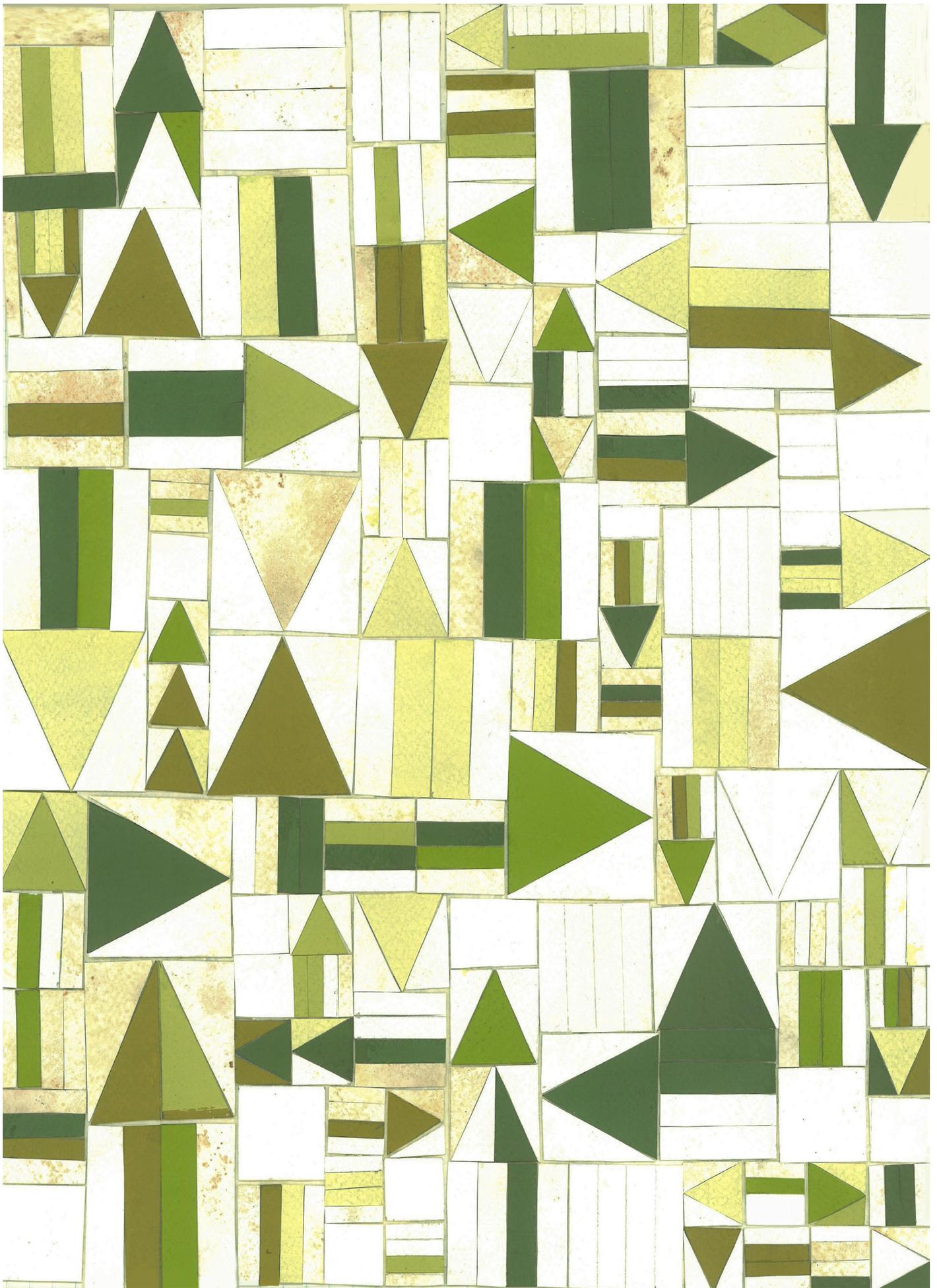


Fig. 02. Mapa de vetores verdes. (Guache sobre papel. 41 cm x32 cm. Bárbara Basseto & Gabriel Scapinelli, 2017). (verso).

REFAZENDA - JARDINAGEM E MICROPOLÍTICA
01
REARRANJOS TROPICAIS



Fig. 03. vasos reciclados. barro modelado sobre garrafas plásticas. Obra do autor. 2016.

REARRANJOS TROPICAIS

//elogio à terra

Nada mais moldável do que a terra, elemento transmutável e retentor de água e do ar, dos seres decompositores a recomeçar o ciclo do carbono, da argila fundida à cerâmica, entalhes sob a forma dos corpos. Terra e suas esculturas de barro, que perduram milênios, a formar vasos e vasilhames, terra como origem mitológica, de onde viemos e para onde vamos. A terra se desenvolve viva na sua superfície, faz-se viva na comunhão dos seres que habitam ali, das bactérias aos fungos, das minhocas às mandiocas, todos com direitos iguais. Terra não tem dono. Terra, ente cosmológico, Gaia e seus outros mil nomes.

*

//devorar a terra

Por séculos houve (senão ainda o há) uma constante política que insistia em negar ao outro a cidadania e, no limite, negar-lhe a humanidade. Os indígenas encontrados no litoral americano, a exemplo, eram vistos como selvagens Canibais¹. Uma visão colonizadora que não dava

1 Canibais - palavra criada por Cristovam Colombo para dar nome a algo que não conhecia - 'caribales' - índios do caribe, descritos como homens selvagens, logo de-

brechas para a narrativa alterna, para a voz do colonizado, restando a categorização a partir dos valores colonizadores. Os tupinambás nos foram (senão ainda o são) apresentados por Hans Staden, famoso viajante que deles ficou refém por nove meses em pleno século XVI, viu seus colegas serem devorados e só não foi também devorado porque os índios não viram dignidade “palatável” nele – de Staden temos, por fim, uma narrativa tendenciosa vinda do olhar europeu. (E.V.C).²

Os antropófagos, ao contrário, buscam a imagem do outro em Si; uma proximidade e conexão com o outro; o respeito pelo inimigo, pela alteridade. (O.A).³ A antropofagia ritual, realizada pelos indígenas que aqui viviam colocava-se em meio a uma vivência plena na natureza, transmutando-se com ela, valorizando os ciclos – morte e vida – e a conexão contínua entre os seres – o perspectivismo⁴. Cantos, mantras, danças e ritmos criam uma atmosfera mágica de incorporação. A terra que havia suprido a vida e as virtudes de um ser e que, logo mais, irá devorar esse ser e essas qualidades para si, permite a partir de rituais que tais virtudes se transfiram diretamente de homem para homem.

Na antropofagia, o ato de comer nunca é dissociado de sentido. Tribos ameríndias antropófagas devoravam humanos principalmente em duas situações: Os parentes mortos, para que não fossem devorados pela terra fria, sendo reservado aos entes queridos o calor da deglutição; e os inimigos sacros, para que fosse absorvida sua força. Um banquete antropófago é um rito de adoração da adversidade. [...] a transformação permanente do Tabu em Totem.

(Revista BIGORNA, 2017. Pg. 18.)

voradores de homens – se tornariam canibais em traduções mal conduzidas – Abaporu na língua Guarani.

2 Metafísicas Canibais, 2015.

3 Manifesto Antropófago, 1928

4 O Antropólogo Eduardo Viveiro de Castro em seu livro Metafísicas Canibais (2015) descreve o perspectivismo como visão cosmológica indígena ameríndia para uma característica universal humana que perpassa todos os animais, sendo que em momentos específicos essa humanidade pode até se revelar em qualquer outro animal, sendo cada espécie, tendo sua natureza, e ponto de mirada a perspectiva: onde cada corpo se coloca como centro e como humano. As onças, por exemplo, se vendo como humanas poderiam nos ver como porcos do mato.

Séculos à frente, a ideia de antropofagia volta a nós como uma resposta à necessidade de afrontar a presença impositiva das culturas colonizadoras, mas também – e sobretudo – deflagrando o processo de hibridização cultural como parte da experiência vivida pelo país que se formou através de diferentes ondas de imigração que o povoaram desde sua fundação até hoje. O “Manifesto Antropófago” de Oswald de Andrade, publicado em 1928, vem convocar um pensamento crítico a sair de sua zona de domínios englobada pela ciência moderna eurocêntrica e evocar o índio agressivo, guerreiro, que lutou **contra essa colonização**. Romper com o tabu e assumir-se filho da terra. Agora o primitivismo antropofágico assume um alcance metafórico e polêmico por meio da poesia. Brasil, país devorador de indígenas, africanos e portugueses, agora moderno, poderia se libertar do colonialismo, para tomar controle da construção da própria subjetividade, afinal, nossas referências e pensamentos também são devorados de algum lugar e nossas matrizes culturais não podem continuar a ser negadas. Precisamos, ao contrário, construir nossa cultura livre do imperialismo! **(S.R).**⁵ Assim afirmar nossa condição de antropófagos é, ao mesmo tempo, afrontar a colônia que nos oprimiu e libertar a nossa cultura para novas experimentações voltadas ao valor da alteridade. Oswald nos motiva a transcender o terror para reposicioná-lo como ente fundador de nossa cultura, uma terapia a tratar de nosso passado escondido na memória e no recalque que venha a libertar a nossa capacidade de assumir uma identidade nativa, da terra. Isso só seria possível com uma libertação moral e política; um novo estado de natureza. **(C.F).**⁶

Como símbolo da devoração a Antropofagia é a um só tempo metáfora, diagnóstico e terapêutica: metáfora orgânica, inspirada na cerimônia guerreira da imolação pelos tupis do inimigo valente apresado em combate, englobando tudo quanto deveríamos assimilar e superar para a conquista de nossa autonomia intelectual; diagnóstico da sociedade brasileira como sociedade traumatizada pela repressão colonizadora que lhe condicionou o crescimento, e cujo modelo terá sido a repressão da própria antropofagia ritual pelos

5 Cartografia sentimental: Transformações contemporâneas do desejo. 2011.

6 Tropicália Alegria Alegria. 2000.

Jesuítas; e terapêutica, por meio dessa violenta e sistemática, contra os mecanismos sociais e políticos, os hábitos intelectuais, as literárias e artísticas, que, até a primeira década do século XX, fizeram do trauma repressivo, de que a Catequese constituiria a causa exemplar, uma instância censora, um Superego coletivo. Nesse combate sob a forma de ataque verbal, pela sátira e pela crítica, a terapêutica empregaria o mesmo instinto antropofágico outrora recalçado, então liberado numa catarse imaginária do espírito nacional. E esse mesmo remédio drástico, salvador, serviria de tônico reconstituente para a intelectual do país e de vitamina ativadora de seu desenvolvimento futuro. A jocosa alternativa do dilema hamletiano parodiado - Tupy or not tupy, that is the question -, que parece ter sido a cédula verbal originária do Manifesto, resolve-se pois numa rebelião completa e permanente.

(Mário de ANDRADE, 1990, p. 15)

*

// oficinas

Brasil, 1967. Os artistas se colocam na rua para enfrentar o golpe incipiente. Havia esperança de virar o jogo: de fato a conjuntura de uma ditadura militar recém instaurada colocou a **contracultura** contra a parede, esta, por sua vez, foi a fundo na sua produção de alternativas simbólicas a tentar reverter o quadro social. (C.V).⁷

1. A peça “O rei da vela”, escrita em 1938 por Oswald de Andrade, é enfim encenada por José Celso Martinez e o grupo do Teatro Oficina. O roteiro trata de uma paródia, narrando a história de um empresário que empresta dinheiro a pessoas endividadadas, fazendo-se de benfeitor, enquanto, no fundo, pretende usurpá-las e enjaulá-las como servos ou mesmo animais a serem devorados. O empresário demonstra um cinismo despreocupado, deixando a culpa por seus prisioneiros para seus maiores, os americanos ou ingleses, sendo ele mais um agente do capital estran-

7 Verdade Tropical. 2017

geiro, alguém que segue ordens, mas que também possui bens, e se gaba deles como capitais em uma meritocracia, que o coloca acima do povo. Por fim num aprofundamento da crise econômica no país, o personagem passa a vender velas para aqueles que não podem mais pagar a conta de luz, ou mesmo para aqueles que precisam orar por seus mortos, “Herdando um tostão em cada morto nacional”.

A peça escancara a nossa estrutura como país colonial, patriarcal, onde se cria linhas de hierarquias de poder e exploração que se garantem pela imposição de uma política bélica, feita pela burguesia aglutinada como classe dominante a manter seus privilégios. Escrita num entre guerras, em 1937, foi interpretada pela primeira vez em plena ditadura militar e reativada agora em 2017, ano de nova intervenção militar no Rio de Janeiro dirigida por um presidente golpista. Um ciclo vicioso em nossa estrutura de país.

2. Já a obra “Tropicália”, de Hélio Oiticica, surgiu como um conjunto de instalações espaciais que convidam o espectador a adentrar (ser devorado) por um universo de cenários e composições cênicas que se transformam na medida em que ele se desloca. Um trabalho de arte voltado à **incorporação da arte pelo espectador** e vice-versa. “Tropicália” vem a disputar uma imagem brasileira de vanguarda, saltando do concretismo para uma arte relacional com cabines, labirintos, que remetem a arquitetura de favelas. Penetrável com cenário tropical, tapumes coloridos, areia, brita, plantas espalhadas, elementos que convidam o público a sentir a materialidade que compõe as habitações no morro, na periferia e, por fim, corroem o exótico enquanto estereótipo.

Hélio vinha conceituando o seu trabalho em princípios populares desde seu envolvimento com a comunidade da Mangueira no Rio de Janeiro. Em uma guinada crítica, deixou de ser artista de obras autorais para ser artista de processos colaborativos. Buscava a participação popular dentro do circuito artístico, arte de rua, das coisas inacabadas, do subdesenvolvimento associado à vontade construtiva. Em seu texto, também de 1967, chamado “Nova Objetividade”, o artista trata dessa vontade construtiva como arma criativa que advém da antropofagia, pois necessita de um repúdio ao colonialismo para libertar os desejos e devires locais;

o coletivismo a superar o subdesenvolvimento. (H.O).⁸

Numa linha de raciocínio/ acontecimentos: 1. a abstração geométrica concretista a criar espaços, jogos de cores, 2. libertar-se da tela, superfície mimética, de valorização de técnicas burguesas de representação, 3. passa-se pela crise das estruturas puras, do objeto de arte como um elemento acabado, passível de ser apropriado pelo museu, pelo colecionador, fetichização e mercadoria, 4. chega-se na participação do espectador, de forma que ele dê novos sentidos ao trabalho de arte, o incorpore, o transforme numa relação de trocas direta com o artista e/ou sua obra, o público não está presente apenas no deleite do trabalho final, mas, sim, em sua permanente composição.

“Tropicália” é pois uma obra aberta. Uma tomada de posição política e ética de reflexão da conjuntura social: arte enquanto prática social. Anti-arte? A escala da arte não poderia ficar presa a uma elite exclusivista, o construtivismo já havia pedido por isso, a arte pode abarcar nas comunidades, nas ruas, nas escolas, nas empresas, como um viés de reflexão sensível e educadora sobre a própria construção das comunidades, das ruas, escolas e empresas. O museu é o mundo.

A redescoberta da antropofagia com a montagem de “O rei da vela”, em 1967, juntamente com o trabalho de arte de Hélio Oiticica, “Tropicália”, desaguou em um movimento artístico na música, na literatura, arte plásticas e no cinema: o tropicalismo. De fato, as vanguardas brasileiras dos anos 1950 e 1960 já estavam exercitando uma mescla da cultura popular com a internacional, as ideias de abstração europeias eram tomadas de assalto pelo sincretismo brasileiro, visando o universal, até mesmo o cósmico, ainda estando imersas no local e no particular. O nacionalismo cultural não poderia permanecer intacto ao Imaginário pop internacional. O Brasil não pode negar suas origens na miscigenação das culturas – europeias, africanas e indígenas. Assim, visita e valoriza suas bases culturais, mas também, ao mesmo tempo, não pode se manter “intacto”, imune à sociedade de massa, quando, em meados do século XX, as contradições arcaico-moderno se acentuavam e surgiam experimentos de

8 Museu é o Mundo. 2011

aproximação. (G.B).⁹

Tropicalismo e sua antropofagia típica ameríndia, devoradora de si mesma, devoradora do outro, transmutado. Agora não mais índio, mas o próprio homem moderno numa pretensa sensibilidade em um Brasil de bri-colagens mestiças. Alegria, alegria como tática de guerrilha. Humor e ludicidade em confronto à tensão social. Quebra de linguagem como atitude anárquica com relação aos valores burgueses. Culturas em conflito. O artista tropicalista não se coloca como um criador de uma obra para contemplação, mas sim, como um motivador para as criações coletivas. É grupo. O tropicalista se lança na cultura popular e vive disso. É tribo.

Tropicália - música título e de abertura do primeiro álbum do movimento. Propõe recortes de espaços descontínuos. Uma imagem mítica de Brasil, feita por resíduos e fragmentos, colagem, da revista americana sob a paisagem onde já não se pode mais preservar uma pureza. Diferentemente dos hippies, seus congêneres contraculturais norte americanos, os tropicalistas não reivindicavam um reencontro com uma suposta essência do homem na natureza. Ao contrário, eles defendiam um processo contínuo de **hibridização** e fusão que incorporasse as conquistas da indústria e da tecnologia assim como a cultura de massas local e o amplo espectro camadas culturais no país, inclusive aquelas consideradas cafonas, antiquadas e subdesenvolvidas. Os tropicalistas (inicialmente Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa, Rita Lee, Rogério Duprat, Nara Leão, Torquato Neto, José Carlos Capinan, Tom Zé, Arnaldo Baptista e Sérgio Dias) tinham como estratégia operar na faixa da cultura de massas - do consumo - para criar uma oposição ao nacionalismo ordenado, retomando a ideia de devoração, em sua concepção cultural sincrética, como atitude anárquica em relação aos valores burgueses impostos sob a ditadura militar. Um reflexo cultural à política opressora que se instalava, clamando por um Brasil como terra de misturas, onde pode se construir somas e contradições, local de aproximações e distâncias, polissemias e dissonâncias. "Viva a bossa, Viva a palhoça!".

Não há como não se encantar com a sonoridade quase pictórica de Caetano Veloso pintando a cidade de São Paulo e suas esquinas pela vista de um retirante. E quanta dor e beleza nesse paradoxo. Resistir à ur-

9 Brasil Experimental : arte/vida: proposições e paradoxos. 2005

banização por oficinas de florestas, enquanto se está imerso na própria cidade. Mutantes! Vinculando corpo, texto, melodia. Irreverência crítica frente à dominação servil. Flexibilidade sensível. Dizem que Tropicália virou moda, no entanto, agora, aqueles burgueses golpistas falam sobre a favela, sobre o samba, sobre a cultura negra, sobre os marginais e anti-heróis, e, ainda assim, o elemento visceral direto não poderá ser consumido pela burguesia, vai além do problema da imagem, é vida/ ação. (C.V).

*

// J01 - guariroba

Abacateiro acataremos teu ato/
Nós também somos do mato como o pato e o leão
Aguardaremos brincaremos no regato/
Até que nos tragam frutos, teu amor, teu coração
Abacateiro teu recolhimento é justamente
O significado da palavra temporão
Enquanto o tempo não trouxer teu abacate/
Amanhecerá tomate e anoitecerá mamão
Abacateiro sabes ao que estou me referindo/
Porque todo tamarindo tem
O seu agosto azedo cedo, antes que o janeiro/
Doce manga venha ser também
Abacateiro serás meu parceiro solitário/
Nesse itinerário da leveza pelo ar
Abacateiro saiba que na refazenda/
Tu me ensina a fazer renda que eu te ensino a namorar
Refazendo tudo/ Refazenda
Refazenda toda/ Guariroba

(Refazenda - Gilberto Gil, 1975)

Há mistérios na música “Refazenda” de Gilberto Gil. Numa análise intuitiva, a composição parece se fazer muito mais preocupada com o deslocamento de significados das palavras e o uso de seus ritmos do que com uma narrativa literal. Recorte - colagem de palavras, dadaísta e concretista, agora incorporada ao tropicalismo. Poesia “nonsense” com alto grau de permissibilidade, de descontração, de gosto pela transgressão do gosto. Mas Gil sabe que uma música tem significados diferentes e atinge de formas diferentes as pessoas, pois cada vivência é única: Refazenda é uma **poesia aberta a leituras múltiplas**, sobreposições literárias e imagéticas que transitam entre o urbano e a selva tropical, ainda que tenha por trás uma história/motivação específica. Uma primeira leitura:

Logo no início da letra temos uma metáfora (ou seria prosopopeia?) que cria uma condição ambígua. Do que fala Gil? Como acatar o ato de um abacateiro? Na época, muitos sugeriam que Gil estaria fazendo uma referência indireta ao governo militar, seu uniforme verde abacate e seus atos institucionais a “controlar” o povo. Aqui, ao acatar o ato pode parecer um exercício de tolerância ao governo, mas também se coloca dentro de uma realidade de dificuldades a serem superadas. O próprio autor, porém, nega essa relação e nos fala: “Na época pensaram que eu me referia à ditadura militar (o verde da farda) e ao ato institucional, o que nem me passou pela cabeça. O que me veio mesmo foi a natureza em seu contexto doméstico, amansada, a serviço da fruição - daí a ideia de pomar e das estações. Refazenda é rememoração do interior, do convívio com a natureza; reiteração do diálogo com ela e do aprendizado do seu ritmo.” (GIL, 2007). Portanto acatar o ato do abacateiro poderia ser uma alusão ao processo lento e natural de crescimento de uma grande árvore, como exemplo a ser tomado no envolvimento do homem com a terra e a natureza, envolvimento lento e por fim, maturar e gerar frutos.

“Aguardaremos brincaremos no regato/ Até que nos tragam frutos teu amor, teu coração”.

Gil fala em aguardar essa maturação, o tempo certo das coisas. As frutas são temporãs, não nascem no momento que queremos, mas no tempo da natureza. Exigem uma entrega à ordem cósmica. As frutas não são somente alimentos, mas legados, produções sólidas, produção de vida. Gil parece

sugerir que devemos acreditar e seguir lutando enquanto a tão almejada “coisa” não vem! Começar pequeno e ir crescendo. Talvez uma metáfora da sociedade brasileira como um todo, que amadureceria no futuro próximo, se transformando do azedo agosto para o doce janeiro, uma mudança de ano.

“serás meu parceiro solitário/ nesse itinerário da leveza pelo ar”

Também sabemos que está falando especificamente do sonho que tinha de construir uma fazenda com os amigos. De fato essa fazenda existia na época da composição (1975) e levava o nome de Guariroba, também usada na letra, uma palmeira típica do Planalto Central. Sonhavam com uma terra a ser cultivada lentamente em comunhão entre os seres, uma **sociedade alternativa** repleta de trocas de saberes e sentimentos. Gil também se refere ao momento antropofágico que a tropicália se propôs. Uma sugestão xamânica, mística, misturando as frutas, os seres, o abacateiro como um coração. **Homem, filho das árvores.** Homem – húmus.

/

/

/

/

De contato em contato, chegamos aonde quisermos. Em Dezembro de 2017 acabei em Brasília/DF, atrás de mais histórias sobre a ‘Refazenda’. Conversando com Roberto Pinho, antropólogo idealizador e fundador da fazenda Guariroba (1972), percebo que, apesar de os motivos da música estarem embebidos em fontes metafísicas, há muito mais lógica e história nesse caldo.

Primeiramente é importante sabermos que Roberto foi aluno/aprendiz do professor Agostinho da Silva, Educador-Filósofo português com enorme legado no Brasil, por aqui atuou pela construção de universidades (UFPE, UFSC), e por centros de pesquisas que valorizassem a pluralidade das culturas locais. Encontraram-se em Salvador, 1959, trabalhando na montagem do Centro de Estudos Afro Orientais, um espaço de ativação da

cultura negra, contextualizado pela conjuntura de recente libertação política de países da África. dois anos mais tarde, já em 1961 rumaram para Brasília, para fomentarem um novo projeto: o centro de estudos da literatura e cultura portuguesa. Dessa relação (professor- aprendiz) surgiram, em Roberto, dois ideais que iriam embasar “Guariroba”: um, a ideia de que o Brasil precisava mergulhar em si próprio para encontrar suas fontes/ moldes de gestão e cultura; e, dois, esse mergulho em si próprio deveria encontrar uma matriz comum espiritual que conectasse as diferentes culturas em uma irmandade. Dessa busca por fusão cultural com bases espirituais, ideais que se aproximam da teosofia¹⁰, uma reflexão espiritualista que permitisse aos homens uma conexão astral, extra corporal, desvencilhando-o do materialismo individualista para uma fraternidade altruísta.

Roberto nos explica que tais ideais conversam com as visões e buscas tropicalistas para estruturar uma cultura brasileira autônoma, crítica e criativa, vinculada à mistura cultural que aqui existe. Caetano e Gil eram muito amigos de Roberto nessa época, e tinham sempre muito interesse nas visões de mundo e dos fatos que o antropólogo apresentava. Roberto também se orientava nas conversas com seus amigos músicos. Em algumas conversas com Gil, apresentou a sua ideia de criar um sítio, uma fazenda, que representasse uma sociedade alternativa. Quando se encontraram em Portugal, em 1969, já durante o exílio dos cantores tropicalistas, re-idealizaram essa comunidade. Vislumbraram uma espécie de kibutz brasileiro - uma comunidade economicamente autônoma com base em trabalho agrícola, caracterizado por uma **organização igualitária e democrática**, onde a propriedade da terra e dos meios de produção seria coletiva, assim como a tomada de decisões - esta, estaria embebida pela cultura - bibliotecas, palcos, oficinas, que receberiam todo tipo de acontecimentos.

Ainda antes desse encontro dos amigos em Portugal, houve um fato inusitado em que aquela ideia toda veio a se afirmar: em um passeio com

10 Teosofia é um estudo que busca achar uma base comum espiritual e cosmológica para o conjunto de religiões e saberes divinos. Abarca reflexões no campo teológico, filosófico, espiritualista e ocultista. Linha de pensamento que coloca, em linhas gerais, o corpo submetido à mente, a mente ao pensamento, o pensamento à alma, sendo esta, por último, conectada ao cosmos. O movimento tem em Helena Blavatzky sua principal referência. (fonte: wikipédia, acesso abril 2018)

amigos rumo à cachoeira do Salto de Itiquira, cidade de Formosa, já na volta, na caminhada por entre o capim, quando Roberto estava chutando o capim para conseguir andar, a atenção foi conduzida para algo que brilha no chão. Uma relíquia, uma redoma de vidro, com uma moldura de metal rococó, contendo minúsculos fragmentos brancos. Em uma fitinha que segura a relíquia está escrito em latim: Fragmentos ósseos de Dom Bosco¹¹. A coincidência seria interpretada por Roberto como um sinal de que deveriam, em fim, construir a tão sonhada sociedade alternativa. Passado um tempo, já em 1972, seu amigo amigo Luís Pontual compra uma fazenda na região, com a intenção de consigná-la ao projeto de Roberto Pinho, a fazenda São Sebastião da Guariroba (nome do riacho que passava ali), uma propriedade de 1200 hectares a 100 km de Brasília.

Guariroba seria uma comunidade agrícola independente e autossuficiente onde o crescimento individual estaria pautado no **autoconhecimento e no crescimento coletivo**. Atuavam pelo rural em vez do urbano, da arte em vez da mercadoria, os alimentos integrais em vez dos químicos processados, o artesanato em vez da indústria, a fruição estética e a crítica social em vez da censura. Porém toda essa utopia deveria ser incubada por uma empresa hortifrutigranjeira (coordenada por agrônomos), um projeto de captação de recursos iniciais para preparar terreno - capacitar financeiramente a comunidade. Esse projeto tinha como ponto de partida a produção de hortaliças para suprir as demandas internas, e, logo que possível, a produção de excedentes que viriam a financiar projetos suplementares. Por fim, houve o interesse/opportunidade em produzir o abacate, em um projeto, fora dos planos originais, de arrendamento de terra sugerido por um parceiro americano, que garantia que era alto o valor do óleo do abacate quando voltado à indústria siderúrgica, o que poderia suprir a fazenda economicamente e evitar sua falência. A fazenda foi habitada e funcionou por quase três anos, moravam nela cerca de 20 pessoas fixas e circulavam muitas outras. No quarto ano essa captação de renda não se sustentou e a fazenda faliu.

11 Dom Bosco (1815 - 1888), sacerdote católico italiano tido como mestre da juventude. Entre seus sonhos foi visionário de uma cidade moderna futurista, tal cidade acolheria os princípios da justiça e da igualdade e se tornaria a capital cultural do terceiro milênio, descreveu esta com detalhes, inclusive com localização geográfica, a qual se fazia onde futuramente se construiria Brasília.

Os custos estavam maiores que os ganhos e não haviam mais reservas.

Roberto explica que os conflitos entre ideais utópicos e necessidades práticas econômicas causaram um desequilíbrio na logística da comunidade. As pessoas da comunidade, que também estavam dentro das decisões da empresa, tinham posturas muito fixas desde uma utopia ideológica que não permitia desvios, ou seja, contradições internas, assim, não eram feitas concessões, sendo, portanto, banidas diversas culturas e tecnologias que não eram consideradas 100% éticas. Por exemplo, não se podia criar gado, porém precisava-se de esterco, (gastou-se muito dinheiro comprando esterco) e, ao mesmo tempo tinham, ali, muito pasto. Também não era permitido plantar-se em larga escala. Não se plantava milho, produto com fácil escoamento logístico. Talvez essa postura rígida possa ter enfraquecido o projeto de incubação da indústria agrícola, pois ela não desenvolveu capacidade de geração de capital a ponto de manter a comunidade continuamente. Para que houvesse autodeterminação da fazenda era preciso, inicialmente, que ela fosse capaz de manter-se, o que implicava em gerar fluxo de capital e lidar com a competitividade. O que parecia, contudo, era que o pessoal estava mais a fim dos “alienígenas”. Para o antropólogo, Guariroba foi uma maquete, que trazia uma fazenda como símbolo, resumo, tentativa política mítica de uma visão de Brasil.

Gil, já de volta do exílio, aparece por Brasília, visita Roberto e a fazenda Guariroba e, vendo a fragilidade da comunidade, compõe a música Refazenda (1975) como uma carta de estímulo. Voltando à música, como vimos o Abacateiro é uma referência direta ao produto que iria suprir as necessidades econômicas da fazenda, ao mesmo tempo, é também uma personificação emblemática de Roberto Pinho, para quem Gil queria cantar de forma a estimulá-lo. Gil lembra que ali, por mais diferentes que fossem “pato e o leão”, todos estavam no mesmo barco, mesmo que alguns estivessem mais propensos às experiências lúdicas – “Aguardaremos brincaremos no regato” – enquanto outros tomavam conta das responsabilidades financeiras e práticas.

A música traz uma consideração leal e paciente ao momento melancólico reticente que vivia Roberto com a experiência, lembrando-lhe que as frutas e os resultados são temporãos, não são imediatos, na hora que

queremos. Gil se refere a fase difícil que Roberto e o sítio Guariroba enfrentava, porém deixava claro que acreditava na superação dessa fase: “porque todo tamarindo tem seu gosto azedo cedo, antes que janeiro doce manga venha ser também.”

Já a frase “Enquanto o tempo não trouxer teu abacate/ Amanhecerá tomate e anoitecerá mamão” é desmistificada por Roberto, nos contando que se trata de uma referência à grande produção de tomate feita pela comunidade, a qual, quando levado ao CEASA, não era vendida, era trocada por mamão num box vizinho. Gil ainda evoca uma conversa interna, “Abacateiro sabes ao que estou me referindo”, referindo-se à previsão de plantar os abacates em janeiro, como estava combinado com o empresário americano (e quem mais saberia da novidade?).

Ao final da música/carta lembra-se da leveza do sonho que originou Guariroba, um casamento entre o fazer manual, com o fazer espiritual e poético, trazendo a citação de uma música popular / “Mulher Rendeira”/ “Tu me ensina a fazer renda que eu te ensino a namorar”, onde, na letra original, o casal apaixonado se casa e depois vai pra roça plantar. Trata-se de uma paródia na qual se compara o rendado ao trabalho braçal da enxada e à dificuldade física de construir um empreendimento rural. Já o namorar se compara com a construção de uma reflexão metafísica e filosófica, enquanto envolvidos em uma comunidade alternativa, sobretudo aquela que tinha em si princípios tropicalistas e teosóficos.

Um relato musical. Andando por um sertão. Do contato com a terra, a passos curtos... do tomate ao mamão... por fim o abacate. Há mistérios na música de Gilberto Gil, está repleta de fragmentos nascidos no tropicalismo. Guariroba uma palmeira? Um riacho? Uma alternativa selvagem? Uma linha de fuga lúdica? Refazenda? Um território como um lugar idílico numa simulação de realidade possível? Um paradoxo? Um embrião da consciência crítica ecológica.

/

/

/

/

// rizomas tropicais

Tropicalismo como encontros plurais, diferenças, lutas transversais, que colocam em pauta a dificuldade de reinventar uma certa paixão pelo lugar, pela terra. Pensar a terra, colocar o pé na terra e se inspirar a partir dela, assim como os povos tradicionais. Não falo de um retorno ao homem selvagem, mas de um aprendizado junto a ele para a criação de um homem extra moderno (E.V.C)¹², com outros pontos de vista. Uma abordagem que foca no papel da arte e da cultura na construção das subjetividades coletivas que poderiam criar conjunturas para a apropriação dos meios de produção e tecnologias de forma a torná-los operantes na construção de territórios existenciais (F.G)¹³, fomentando corporificações e autopoiesis. É a concepção antropológica-metafísica, refletida nos manifestos de Oswald de Andrade e que atravessou o século XX como tentativa de transcender o terror ao primitivo para realizar a integração no cosmos, fato que só será possível quando houver o vínculo orgânico entre o homem e a terra. Esse vínculo seria, será estabelecido pelo instinto antropofágico (C.F).¹⁴

*

12 Metafísicas Canibais. 2015

13 As três Ecologias. 1990

14 Tropicália Alegoria Alegria. 2000.



Fig. 04. Mandala de folhas. 2017 (verso). trabalho do autor. 21x30cm .colagem sobre acetato.

REFAZENDA - JARDINAGEM E MICROPOLÍTICA
02
DESENHOS E CANTEIROS



Fig. 05. Pocinho. aquarela sobre papel. desenho em diário de bordo. 2016

DESENHOS E CANTEIROS¹⁵

//introdução

A construção deste trabalho se dá por **jardins comuns**, populares, uma ação direta em termos de vivência, de vínculo com a terra. **Experimentações em jardinagem comunitária**. Jardinagem tropicalista contemporânea. Jardins que carregam conteúdos narrativos dissonantes entre si, que falam das múltiplas maneiras de habitar, de se relacionar com a natureza. Uma experimentação sobre a relação **arte - cidade - jardim**. Uma bricolagem, recortes-colagens em torno de redutos verdes na cidade contemporânea, os quais resistem de forma autônoma, onde podemos negociar com esse fora-dentro¹⁶ e ativar os corpos criativos dos guetos, dos **grupegos**, dos marginais.

15 Enquanto o livro “O canteiro e o desenho” de Sérgio Ferro traz a denúncia do distanciamento entre o desenho arquitetônico e o canteiro de obras, sendo que um se sobrepõe ao outro como autoridade dominadora (FERRO, 2006), a inversão desse título assim como sua conjugação no plural e a retirada dos artigos definidos ‘O’ colocam a possibilidade dos termos “canteiro” e “desenho” tornarem-se mais genéricos, fugindo da visão tradicional, de especificidades controladas. O desenhos arquitetônicos perdem sua imponência quando adentram os espaços dinâmicos dos arranjos vivos, onde nada se fixa, agora atuando como dispositivos práticos; já os canteiros, libertos da hierarquia de controle, são agora espaços democráticos floridos, onde se constrói a paisagem e os cenários de vida cotidiana pela soma dos elementos em movimento. Desejos e arranjos construtivos.

16 Lygia Clark, Caminhando (1964). Corte longitudinal da fita de Moebius, escultura conceitual. No trabalho a artista vai fatiando a fita sem romper transversalmente, criando uma trama crescente onde o fora e o dentro perdem o sentido que tinham, se confundem.

Parto de uma pergunta simples, mas que me apresenta uma complexidade enorme de respostas e, ainda assim, pouco me convencem se estamos reagindo e chegando a reais alternativas... No fim, não há respostas, apenas novas perguntas. Preciso me aprofundar. Precisamos nos aprofundar. Talvez seja preciso reconectar as alternativas. Onde está a terra na cidade? Terra viva.

Onde está o cultivo da terra na cidade? A relação orgânica do homem com o cultivo de seu habitat, o respeito por nossas propriedades biológicas, o aprendizado com elas. Onde está nossa ecologia na cidade? Apenas em campos teóricos? Nas margens, no meio? Não haveria uma enorme **contradição entre cultivo e consumo**? Estaria no cinturão verde? Nos terraços e varandas dos apartamentos?

Falo de terra pública, coletiva e democrática, por fim, ecológica. Terra viva, elemento orgânico em desenvolvimento, a ser cultivado, ela nos nutre e nos estrutura, é elemento básico de sobrevivência, é direito humano.

Para a percepção da terra na cidade (ecologia urbana?) faço um deslocamento/ atenção do olhar econômico, para adentrar o olhar ecosófico¹⁷. Trata-se de uma conexão entre as ecologias, do ambiental ao social, chegando ao mental... Para pensar uma **política de subjetivação**¹⁸ que atue diretamente no cotidiano urbano, será preciso perceber algumas micropolítica da paisagem, seus atores, seus dispositivos. São

17 Ecosofia ('oikos' - lugar / 'sofia' - sabedoria). Felix Guattari em "As três ecologias" (1990) indica a retomada à ecosofia como uma articulação política-estética em torno de três ecologias; ambiental, social e subjetiva, que se inter cruzam. Trabalha o enfrentamento a cultura moderna, seus campos homogêneos bi polarizados de subjetividade. Enfrentamento à sociedade de consumo e a espetacularização da mídia, ao sujeito-mercadoria desterritorializado. Para o filósofo a ecologia assume essas três linhas de frente em seu papel na articulação ético-político: mental, social e ambiental. As três ecologias devem atuar na sensibilização do sujeito, seu corpo, sua subjetividade, assim como nas relações humanas, em práticas micropolíticas, estéticas, analíticas. Um projeto humano, de mudança das maneiras de ser, para tornar habitáveis os territórios existenciais.

18 Entende-se por política de subjetivação uma articulação estética a atuar na ordem dos afetos sociais. (ROLNIK, 2006).

esconderijos, resistências, ocupações. Onde? Como? Quem está lutando e cultivando? Aqui o cartografo reaparece (*S.R.*). Uma andança cartográfica em busca de redutos, oásis, rizomas que se desenvolvem no subsolo e volta e meia afloram na superfície. Por fim, o gesto de devorar esses achados e reavê-los transmutados em forma de linguagem.

Sendo a tarefa do cartógrafo dar língua para efeitos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartografo é antes de tudo um antropófago.

(Suely ROLNIK. 2006. Pg. 23)

“Refazenda – Jardinagem e micropolítica” se faz como dissertação de mestrado em arquitetura e urbanismo tendo como tema gerador a jardinagem contemporânea. Uma busca por leituras do espaço urbano enquanto “reduto verde”, ou seja, locais “escondidos” onde o homem trabalha sua ecosofia na produção de espaços comuns¹⁹, heterotopias²⁰ onde cultiva sua relação com a terra em meio à cidade. Busca-se esses pequenos espaços para demonstrar como resistem e revingam, encontram brechas e se articulam ou mesmo como se escondem, como se fosse inevitável a sublevação das plantas. Mas, sobretudo, busca-se entender como se estruturam enquanto alternativas de pontos de vista sobre o uso social do espaço ur-

19 Espaços comuns’ é um termo usado no urbanismo para determinar espaços coletivos compartilhados, ou seja, não mercantilizados. Tomam forma em diferentes locais como praças, ruas ou terrenos vagos. Espaços para a produção da vida e da convivência a um nível comunitário. (HARVEY. 2014)

20 As Heterotopias, na visão de Henry Lefebvre, são espaços tomados por micropolíticas alternativas, espaços sociais limítrofes de possibilidades onde ‘algo diferente’ não é apenas possível, mas fundamental para a definição de trajetórias revolucionárias. ‘A teoria de Lefebvre de um movimento revolucionário situa-se na confluência espontânea de um movimento de ‘irrupção’, quando grupos heterotópicos distintos de repente se dão conta, ainda que por um breve momento, das possibilidades da ação coletiva para criar algo radicalmente novo.’ (HARVEY, 2014, p.22). Michel Foucault (2013) usa do mesmo termo para evidenciar contra-lugares. que inquietam, fracionam e emaranham a realidade espacial normativa. Um espaço fora dos controles arbitrários e conjecturais da hierarquização do espaço. Um espaço justaposto ao real onde normalmente deveria ser incompatível.

bano. Se no título deste trabalho uso o termo jardinagem (e não jardim) é para dar destaque ao processo ativo sobre o jardim e não ao resultado plástico desse processo como obra. O território vem depois da ocupação. O jardineiro em primeiro plano como sujeito ativo, autônomo e criativo, consciente e responsável do seu papel na construção do espaço, abrindo passagem para um paisagismo feito por cidadãos. (G.L & F.T).²¹ Cidadãos jardineiros, a construir canteiros comuns. Acredito que o paisagismo pode expandir-se, pode se relacionar à arte, agricultura, geografia, política e literatura, assim como à cultura popular. Ele pode ser tático e garantir articulação social e ambiental, afinados com os paradigmas ecológicos.

Haveria um sistema de jardins informais sobrepostos sobre a paisagem da cidade, veredas que se bifurcam, rizomas. Jardins camuflados, jardins fantasmas, que aparecem para aqueles que quebram o torpor e se envolvem, entram. Há uma rede de “espaços verdes” aflorando justaposta à cidade de concreto, quase que espontâneos, nascem até dentro de sapatos! Pequenos terrenos “vagos”, pequenas cenas onde a sociedade pode desenvolver sua ecosofia, experiências de habitar. “Refazenda” é uma tentativa de olhar para esses redutos verdes como alternativa criativa resistente na produção de uma sociedade urbanizada (que não nega o rural). Busca-se transpassar o olhar moderno, de domínio sobre a natureza, de abuso de seus bens enquanto recursos, para pensar a terra como elemento integrador, vivo e vital, a ser cultivado e compartilhado.

*

// extra jardim

O jardim é um tapete onde o mundo inteiro vem consumir sua perfeição simbólica e o tapete é um jardim móvel através do espaço.

(Michel FOUCAULT. pg. 24. 2013).

21 abrigo portátil, 2016

Em linhas gerais o jardim poderia ser qualquer recinto, território de cultivo de espécies na cidade, transpassando por um vaso, um pátio, um parque ou um planeta globalizado. Normalmente envolvemos os jardins por questões idílicas, românticas, parecem ser lugares abundantes, acolhendo um bem estar, uma organização sã da natureza, mesmo se beirando o selvagem. Rousseau o diria. Um pensar a natureza e a natureza em nós. Nesses casos, o jardim funciona como um microcosmos: é a menor parcela do mundo e, assim, a totalidade do mundo.

No entanto o jardim não se encerra em suas cercas, se conecta pela terra, pela água, pelo ar, pelo movimento dos animais, pelo pensamento. Não se faz apenas em seu projeto, sua manutenção, está enraizado na relação entre as vidas, não se limita ao pitoresco, à contemplação do sublime, ao espaço sensorial, nem mesmo ao planeta, é **campo ampliado**, metadisciplinar. No mesmo sentido, quando proponho determinar o jardim como escola, escultura, ou resiliência, o faço no intuito de não encerrar esse espaço em termologias. Não pretendo falar de jardins escolares, jardins de esculturas ou jardins espontâneos em terrenos baldios, criando-se, então, uma hífen a conectar as palavras e um universo de veredas que se bifurcam em torno delas.

Em questões sociais, o jardim é um **espaço dinâmico** e aberto para experimentações. Está em construção permanente e reproduz práticas sócias, emergindo como elemento histórico, cultural e, por que não lembrar?, colonizador em certos momentos, mas que também se reinventa. O jardim contemporâneo está por se libertar de seu estigma calcado nos palacetes, reproduzidos hoje em shoppings e condomínios, espaços de consumo do jardim enquanto mercadoria, por mais inovadores que sejam em seus projetos (alguns bem naturalistas, outros “hi-tech”). Está por instaurar-se o paradigma ecológico na cidade. Espaços de formação de cidadãos jardineiros. Um lugar de compromisso cooperação, engajamento, vislumbrando a revolução não como uma grande narrativa, mas como a soma de pequenas narrativas (**F.G.**).²², tendo a cidade como espaço amplo para encontro dessas práticas. Uma fuga, um esconderijo, para ali sentir-se, então, próximo às coisas e, na sua zona de contato, por fim, deixar-se tocar, **ser atingido pelo que vem**. Falo de espaços fora do universo das semióticas capitalistas, no mínimo nas suas margens. Heteroto-

pias. Jardins que se mantenham como refúgios de encarnação do infinito (A.V.S).²³

/

/

/

/

// paisagem útil²⁴

A quem servem os terraços ajardinados dos palácios? As reformas urbanas desenvolvidas por Haussman e Napoleão III realmente se davam com a pretensão de democratizar o centro de Paris ao abrir bulevares em direção ao centro da cidade ou de favorecer o controle do exército e do capital sobre tais espaços, ampliando a capacidade da frota adentrar na multidão? Quando, ao revitalizar um espaço desejado, especula-se seu valor, tornando-se necessário expulsar a população pobre que ali vivia em cortiços por meio de uma reforma urbana a qual não podem pagar. Paris – coração florido da revolução burguesa – a cidade se refazia à moda do novo governo, sendo que a alta sociedade, agora bem fixada, não deixaria para trás seus privilégios. As novas estruturas urbanas, o centro planejado, estavam repletos de “embelezamentos” – moralismos e topiarias – passeios e praças para a alta sociedade flunar livremente, longe dos “perigos” da pobreza. Segundo Guilherme Dourado (2011), Paris moderna foi a primeira grande cidade europeia a estender o verde público à escala territorial e somou, em poucas décadas (20 e 30 do século XIX), mais jardins do que haviam feito durante os séculos anteriores. Durante o século XIX também se dão as independências dos países americanos, que necessitavam agora de novas capitais, com hierarquias e espaços públi-

23 Filosofia da Paisagem. Uma antologia. 2013

24 Paisagem útil, 1967. Mais uma letra de Caetano Veloso em seu disco inaugural, criando confluências, misturas de termos opostos, uma paisagem moderna e arcaica, ‘frio palmeiral de cimento’, ‘no alto do céu do Rio/ uma lua oval da Esso’. Caetano evoca uma paisagem distante para além do olhar, uma paisagem complexa, feita por muitos.

cos bem marcados, a conduzir um governo liberal. Importariam de quem os modelos? Foram diversos os missionários paisagistas franceses contratados. Édouard André e Eugène Courtois na Argentina, Pedro Margat e Charles Thays no Uruguai, Auguste Glazou e Paul Vilon no Brasil, entre outros.

Segundo o teórico paisagista Silvio Soares Macedo (1999), os projetos dos espaços livres das cidades acompanham de perto o seu desenvolvimento sociocultural e estão vinculados a momentos e locais específicos. Jardins medievais surgiam como forma de garantir acesso a alimentos dentro das cidades muradas; já no século XIX, o paisagismo romântico ou clássico tinha sua função mais destinada à monumentalidade e ao status dos palacetes nobres e burgueses e imperiais; enquanto isso, o paisagismo moderno destina-se às áreas públicas, assume papel de qualificação urbana, em grande parte ligada ao higienismo e funcionalismo de um planejamento elitista. Chegando-se ao final do século XX e início do século XXI, a conjuntura de uma sociedade de consumo globalizada, vivendo uma crise socioambiental, fomenta no paisagismo um discurso mais crítico e contestador. Nesse ponto o paisagismo contemporâneo entra em ação, com seus debates e projetos voltados à reinterpretação de alternativas e reorientação dos paradigmas, quiçá o cultivo de terra pública.

A paisagem e o jardim, tão envolvidos pelo pensamento moderno ocidental/europeu e constituídos geralmente como elementos de poder para manter sob controle o meio ambiente e o status, poderiam trazer para o homem contemporâneo, o sentimento de pertencimento ao meio natural? Ou, no mínimo, poderiam se desenvolver sem produzir, conseqüentemente, uma espécie de “castração biológica”? Haveria como descolonizar o jardim e a paisagem?

A filósofa Anne Cauquelin, em seu livro “A invenção da paisagem” (2007), nos dá algumas balizas para esse questionamento. Para ela, é necessário sair do círculo encantado da história da arte, para deixarmos de lado tais dogmas que aprisionam a paisagem e o jardim enquanto modelos, espaços ilusórios de amenidades e composições precisas, para, então, repensá-los enquanto uma relação ambígua e complexa entre o sujeito e o espaço, uma trajetória de enunciados entre a relação fora - dentro, homem - natureza. Esses fragmentos perceptivos, paisagem,

como são vinculados a uma posição, vínculos de natureza e cultura com o local, constroem um modo de ver que interliga o sujeito e o objeto, retornando ao próprio meio natural como forma das ações de vida sobre o espaço e constroem sobre ele uma segunda natureza.

Já Felix Guattari, em “Caosmose, um novo paradigma estético” (1992) reafirma essa relação entre a construção do espaço social e ambiental com a construção da subjetividade. Para Guattari, a construção de **novas subjetividades** acontece em espaços alternativos e poéticos, uma relação ético-estético-social, a construir territórios existenciais. Nesse sentido, imagino que as novas práticas a descolonizarem a paisagem deveriam antes de tudo partir de novas práticas de produção de subjetividades ecológicas: Máquinas de jardins em detrimento de máquinas de mídia consumista! Dispositivos de cogestão, coprodução, criando **paisagens cultivadas** e vivas, que escapam do estruturalismo totalizante e se afinam ao caos, ao esquizo. Paisagens múltiplas, sobrepostas, criando redes de grupelhos ativos, redes de relações alternativas a criar novas ontologias, mudança de lógica construída passo a passo, **autopoiesis**, autoprodução de sistemas vivos.

[...] cabe especialmente à função da poética recompor universos de subjetivação artificialmente rarefeitos e re-singularizados. Não se trata, para ela de transmitir uma mensagem, de investir imagens como suporte de identificação ou padrões formais como esteio de procedimentos de modelização, mas de catalisar operadores existenciais suscetíveis de adquirir consistência e persistência’

(Felix GUATTARI, 1992, p. 31).

Perceber esses espaços onde a natureza se desenvolve dentro da urbe é perceber jardins informais que são sistemas biológicos em constante movimento, jardins que modificam seu aspecto constantemente. **jardim movimento**, de ordem dinâmica que possibilita o desenvolvimento da natureza para além de um projeto rígido. (G.C).²⁵

25 El jardín en movimiento. 2012. Gilles Clement busca aprofundar o conceito de jardim sob uma ótica aberta e dinâmica por meio da observação e registro de fluxos e

Gilles Clement acredita que a própria ideia de “jardim” impõe uma luta perpétua contra o movimento natural das plantas. O papel do jardineiro é cortar tudo que no jardim transborda ao projeto original ou que é espontâneo, contendo o fluxo natural. O paisagista propôs então uma concepção de jardim baseada no movimento. Com isso, ele propõe inverter um conceito: ao invés do planejado e imóvel, um jardim que possua características de terreno abandonado ou baldio, ou seja, natural, móvel e dinâmico.

(Heloísa NEVES, 2008, p. 5.).

/

/

/

/

Enquanto a cidade é densa e antropocêntrica, o jardim, conservado em seu interior, é leve e cosmológico. Um processo de integração à natureza e de criação de campos justapostos à cidade. Uma sugestão simples, usual pelo caráter orgânico e biológico que se instala em qualquer terra vaga, pela tendência natural à resiliência, ou seja, à superação dos traumas e destruições, pela tendência natural ao clímax, mata, à floresta, às sociedades ricas em biodiversidade. (G.C) . Pensar que podemos chegar a um jardim onde a natureza desenvolva esse clímax é pensar que podemos **cultivar uma natureza em clímax**, podemos respeitá-la ao invés de querer dominá-la, podemos cultuar e aprender com as suas dinâmicas, seus movimentos e interações, para, por fim, desenvolvermos nossa ecologia aplicada. Os jardins metropolitanos podem funcionar como território urbano insurgente, oferecendo um conjunto de princípios e soluções, um sistema operativo e uma estratégia de intervenção capaz

das relações psicossociais que se configuram no espaço. O conceito de jardim movimento descrito por ele estipula que cada jardim deva trabalhar a sua própria personalidade de acordo com uma progressão vital constituída pelas capacidades do local. Seus projetos de jardim duram anos, respeitando sucessões naturais das espécies, das daninhas às grandes árvores.

de programar juntas, no terreno da cidade, a agricultura, a ecologia e a arte. Os jardins metropolitanos podem abrir certas vias do possível e explorar terrenos que não sejam simplesmente aqueles do real atual, do realizado, do ocupado pelas forças econômicas hegemônicas. Podem ser tanto espaços de lazer como espaços de ação e participação, trazendo atividades culturais e libertadoras em detrimento das alienantes. Os jardins são pequenos mundos onde podemos atuar de forma determinante e clara em direção aos nossos desejos. Neles podemos atentar à construção da paisagem e, mais, participar dessa construção de forma consciente. Jardim, elemento paisagístico. Paisagem, matéria que é, por natureza, interdisciplinar e abrangente, relacional, holística e integradora de dimensões ecológicas, socioeconômicas, culturais e estéticas. A paisagem se faz nas interações do sujeito com o ambiente e o território. (R.A).²⁶ Espaço de organização complexa, produto da adição e da interação de múltiplos processos.

O jardim e a paisagem permitem múltiplas possibilidades de interpretações, aceitando definições que vão além da conexão natureza e cultura, das relações de poder ou da organização de hierarquia, podendo, assim, também ser ontológicos e éticos, pontos de onde se examina o indivíduo, onde o sujeito se confunde com o horizonte. Jardim/ paisagem: objeto constituído pelo sujeito englobado pelo meio, vendo tudo de dentro, criação e pertencimento. Um deslizamento de escalas, que podem ser investigadas pela convivência, pela intersubjetividade. Podemos praticar a paisagem. “Somos a paisagem da paisagem”, disse Carlos Drummond de Andrade:

Esta paisagem? Não existe. Existe espaço vacante, a semear da paisagem retrospectiva.

A presença das serras, das embaúbas, das fontes, que presença? Tudo é mais tarde. Vinte anos depois, como nos dramas.

Por enquanto o ver não vê; o ver recolhe fibrilas de caminho, de horizonte, e nem percebe que as recolhe para um dia tecer tapeçarias que são fotografias de impercebida terra visitada.

A paisagem vai ser. Agora é um branco e tingir-se de verde, marrom, cinza, mas a cor não se prende a superfícies, não modela. A

26 Paisagem - Ambiente - Território.1976

pedra só é pedra no amadurecer longínquo. E a água deste riacho não molha o corpo nu: molha mais tarde. A água é um projeto de viver

Abrir a porteira. Range. Indiferente. Uma vaca-silêncio. Nem a olho. Um dia este silêncio vaca, este ranger baterão em mim, perfeitos, existentes de frente, de costas, de perfil, tangibilíssimos. Alguém pergunta ao lado: O que há com você? E não há nada senão o som-porteira, a vaca silenciosa.

Paisagem, país feito de pensamento da paisagem, na criativa distância espacitempo, à margem de gravuras, documentos, quando as coisas existem com violência mais do que existimos: nos povoam e nos olham, nos fixam. Contemplados, submissos delas somos pasto, somos a paisagem da paisagem.

(Carlos Drummond de ANDRADE. Paisagem: Como se faz. 1973).

/

/

/

/

//uma pausa para Petrarca

Se em 1336, Francesco Petrarca²⁷, poeta italiano, subiu o monte Ventoux na Provence em seus quase 2000 metros de altitude e abriu o marco inicial do olhar moderno sobre a paisagem, dando início a todo um discurso de análise da natureza distanciada do homem, talvez esteja na hora de subirmos de novo a montanha para tomarmos novos horizontes.

Olhar de cima tem suas vantagens, é possível fazer uma análise de conjuntura muito mais abrangente, associando numa só vista elementos que

27 Séculos adiante, a partir de suas cartas frustradas se instituiu o advento da paisagem moderna, o homem que se coloca em um nível superior ao meio, numa contemplação desinteressada, distante da natureza. Essa postura fundaria o que os cientistas chamam de naturalismo, uma ontologia realista-materialista, que dispõe a ideia de natureza e cultura como categorias universalmente apartadas. (DESCOLA, 2015).

em outros níveis estariam distantes e passam a estar, então, um ao lado do outro. Foi em tomadas aéreas que Dédalo conseguiu decifrar as saídas do labirinto e que Yuri Gagarin nos fez entender quão azul é a terra, nossa pequena nave flutuante. A ilha só pode ser vista de fora.

Mas quando Petrarca se lançou ao monte para ampliar a sua vista na verdade buscava analisar a grandeza da alma e pretendia obter reflexões sobre isso ao olhar o mundo do alto. Porém, o poeta, não encontrou a pacificação de seus questionamentos, mas, sim, uma impotência diante de seus desejos, uma frustração ao vagar o olhar sobre o mundo exterior: deduziu que as reflexões da alma estão dentro de si e não fora. Como lhe sugeria Santo Agostinho, livro que carregava em sua saga de ascensão ao monte, a verdadeira reflexão encontra-se dentro de si mesmo. *(J.M.B).*²⁸ Petrarca desenvolveu um processo em três movimentos: 1 - subida e expectativa de autoconhecimento; 2 - tomada de mirada; e 3 - descida e desilusão moralista. Onde estaria o problema em esquecer-se de si mesmo e confrontar-se com todas as alteridades? Talvez somente em tomadas de vista assim que consigamos enxergar a multidão e os espaços ao lado dela. Petrarca não podia olhar para além de si mesmo?

Em minha subida rumo ao cume da Serra do Curral, pretendi realizar o movimento inverso ao do poeta, não havendo qualquer pretensão em mudar os paradigmas da história, mas, sim, em vir da direção oposta: sujeito moderno, em busca de escapar dessa modernidade. 1 -subida em desilusão pelo controle ideológico dos desejos; 2 - tomada de mirada; e 3 - descida e expectativa de autoconhecimento. Não parto de um contexto próximo ao do poeta do século XIV, já que Petrarca vivia em uma cabana isolada, meditando e filosofando, se encontrava numa sociedade pré-capitalista, pré-moderna, que se cultivava a partir de dogmas religiosos. Agora, eu sou um migrante acadêmico, num terceiro, quarto capitalismo... Vivendo de aluguel em apartamentos. No sopé de meu morro não encontro bosques, rios ou camponeses, mas favelas e, mais abaixo, a metrópole gigantesca. Tenho à minha volta um cenário devastado pela privatização, exploração e envenenamento da terra, um processo desencadeado justamente pelo pensamento capitalista, processo que toma do trabalhador a posse de seus meios de produção. Adventos modernos, tão marcados pelas cartas de Petrarca. Nesse contexto não posso ir atrás de paz de espírito, como fez o

28 Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. 2006

poeta italiano, se não de espaços de transformação social. Carrego comigo uma câmera fotográfica, um caderno de bordo, um estojo com lápis, uma faca, um binóculo e um livro do artista Joseph Beuys. Como contraponto à escolha de Petrarca, a minha moral é “a revolução somos nós”.

/

/

/

/

Platô um (J02 - pocim)

Encontrei um terreno interessante, incrível na verdade, até parece um pouco com algo que sempre sonhei... como dizer? Um terreno desses mágicos, terra revirada, caixa de areia, pronta pra ser ocupada com montanhas, castelos que logo se desfazem e são remontados em rios e vilarejos. O terreno é enorme, uma clareira em meio à favela, um jardim interno nesse castelo medieval típico do século XXI, é bem acidentado e cheio de capim e entulho. Tem também uma nascente poluída, o antigo pocinho das lavadeiras. Águas da Serra.

A vizinhança me explicou que havia ali antes diversas casas que foram demolidas pela prefeitura há alguns poucos anos, sob o argumento de que estavam em área de risco de deslizamento por se tratar de uma linha de escoamento de água. O projeto chamado Vila Viva da prefeitura de Belo Horizonte realizou desocupações similares em diversos pontos da favela, prometendo parques e áreas públicas para os locais. De fato nenhum parque foi construído, o único projeto que saiu do papel foi uma nova e grande avenida, deixando claro os interesses reais do governo. Os terrenos abandonados, pouco a pouco, foram sendo reocupados, menos aquele onde estava que se manteve livre de habitações, não se sabe muito bem o porquê, suponho haver algum interesse do tráfico em mantê-lo assim, uma zona de conflito. No entanto, não tendo novas moradias no local, o terreno passou a ser usado para outros fins. Percebe-se como o barranco lateral é flagrantemente usado como depósito de lixo ou como lá em cima

alguém fez um rancho para criar cabras e galinhas. Mas o que mais me chamou a atenção foi como as crianças brincam no local e transformaram a base da enorme árvore ao centro do terreno em seus clubinhos, arrastando os entulhos que encontram e construindo todo tipo de escultura/ barraco, balanço/pneu, escada/ toco – há uma infinidade de objetos colecionados por elas. Pelo que me disseram estão a construir um campinho de futebol com a parceria da universidade. O pocinho parece ser um daqueles jardins de veredas que se bifurcam, sendo cada dia uma surpresa. A terra abandonada logo é tomada por um verde espontâneo, verde capim, verde gameleira, à noite, preto vegetal.

Havia uma galera da UFMG organizando reuniões com a comunidade para pensar o Pocim. Participei de algumas, de fato essa foi minha aproximação inicial com a comunidade da Serra²⁹. O coletivo de estudantes fazia parte de uma matéria de planejamento urbano e paralelamente havia alguns professores que faziam parte de uma ONG chamada “Arquitetos sem Fronteira”. Dessa engenhosidade, depois de muitas reuniões, surgiu uma geodésica como ponto de partida e produção criativa e prática, um marco de ocupação do terreno. Alguém já a tinha e nós a montamos em uma tarde. Ali a comunidade poderia se reunir, era um monte de gente querendo algo bonito e agradável para sua vizinhança. De repente alguém falou em bandeira! Dona Elza? Flor? Nica? Fiquei com aquilo na cabeça, as bandeiras poderiam pontuar lugares e associá-los a símbolos e significados provenientes dos desejos da comunidade. Bandeiras coloridas com palavras escritas, desenhos bordados, sendo erguidas pelas pessoas dali. Em outra reunião, quando pensávamos uma programação para a “Semana Cultural” na geodésica (estavam articulando uma semana cultural com shows de samba, teatro da escola, mutirões de limpeza, mostra de fotografia e cinema,

29 Durante alguns meses do segundo semestre de 2016, participei de reuniões e atividades na Serra, para criar ações de ocupações no Pocim. Essa relação se deu por uma aproximação a membros da ONG: ASF – Arquitetos Sem Fronteiras. Esse casamento me pareceu saudável a princípio, pois poderia trabalhar como arquiteto jardineiro de um terreno comunitário, ganhando alguns trocados e criando laços reais com a comunidade em um processo prático. Pudemos construir um festival cultural, onde instalamos uma geodésica como ponto de concentração, neste mesmo dia realizei uma oficina de bandeiras com as crianças. Mais a frente tentamos construir uma horta comunitária, porém a falta de acesso a água bloqueou o desenvolvimento, enquanto os envolvidos da comunidade queriam a água por mangueiras vindas dos vizinhos mesmo, os arquitetos queriam um processo mais burocrático, através de um cadastro na prefeitura pelo projeto Adote um Verde, o cadastro até foi feito, porém o ponto de água nunca chegava, cansando os envolvidos. Ao final do ano, tendo a horta desandado, me afastei da ONG. Já a comunidade eu iria visitar algumas outras vezes.

jardinagem) não hesitei e me coloquei à disposição: vamos fazer uma oficina de bandeiras! Uma oficina bandeirante!

Aconteceu muito rápido – achamos tecidos numa sobreloja de uma bisavó, comprei umas linhas, três pinças, tinta, os bambus vieram da oficina da geodésica e, por fim, consegui um parceiro para articular a oficina comigo, Lucas Alves, que é antropólogo e trabalha com projetos de construção de espaços comunitários. Pelo que tinha entendido do mutirão anterior, as crianças estavam mais permissíveis a ocupar o terreno, era só estar ali com ferramentas, que elas começavam a trabalhar-brincar. Chegamos de manhã cedo, sem saber muito o que iria acontecer, teríamos que improvisar. Lembrei-me das dicas de Tião Rocha, a roda como ponto de encontro e movimento. Então em roda conversamos: “o que queremos para o pocinho?”; “o que falta em nosso bairro?”. Convidamos todos a pegar algumas fitas de cetim e escreverem nessas fitas suas respostas. Depois pedimos para as crianças circularem com mais fitas e instigarem os adultos (que estavam mais abaixo curtindo o samba) a escreverem também. No final dessa etapa, amarramos as fitas, uma a uma, na cerca. //piscina//horta// quadra//tirolesa// pista de skate// carrossel// cata-vento// posto de reciclagem// mirante// casa na árvore// se misturavam com //amor// segurança// cultura// natureza// essas coisas. Conversando sobre as ideias, pedimos para que formassem grupos e chegassem a um consenso sobre o nome de cada grupo. Surgiram: “espaço da criança”, “espaço verde” e “clubes do pocim”. Eram umas doze crianças muito empolgadas. Por fim dividimos os tecidos, desenhamos, escrevemos e costuramos. A liberdade estava solta, por alguns momentos achava que aquilo tudo uma bagunça, aquele bando de crianças girando-me feito pião, mas não perdi a paciência. Eram eles que estavam fazendo as bandeiras, eu era apenas um **educador-mediador**, como tinha de ser.

Escolher os pontos e cavar buracos para a instalação foi o momento de nos tornarmos bandeirantes... Entrávamos pela mata em busca de cumes e pontos de visibilidade, ali declarávamos nosso aquele território fincando o mastro no chão.

No fim de semana seguinte voltei ao local. João, menino que mora por ali, me ajudou a reerguer as bandeiras que tinham caído. Como imaginado, estávamos num terreno instável, mutante e, ainda assim, as crian-

ças insistiam em fazer dali seu jardim. Estava por surgir um Clubinho embaixo da árvore: já tinha escada e balanço.

/

/

/

/

Platô dois (J03 - roots ativa).

Mais acima, depois de passar a Praça do Cardoso, a Rua Bandoneon, a Rua Flor de Maio, subindo o beco chamado Pedra Verde, virando no Beco Kin, cheguei a uma comunidade rastafári chamada “Roots Ativa”. Ali há uma família de amigos que cultivam a terra como ente sagrado. Fazem plantações de maneira agroecológica e desenvolvem trabalhos de arte e cultura Negra. A todo o momento chegam outros amigos e crianças para dar uma palavra ou ajudar nas atividades do dia. Durante as horas que passei no local pude perceber um pouco da dinâmica de partilha e de educação socioambiental que desenvolvem. Há um viveiro, um pomar, um banheiro seco, uma horta e um terreiro para capoeira, tudo em volta de uma sede construída vernaculamente com toras de eucalipto e resíduos de material de construção civil. Pelo que pude perceber, em minhas conversas com Alice Knast, um dos projetos em andamento chama-se “vida composta”. Nele, a vizinhança se articula para guardar os seus resíduos orgânicos em baldinhos, os quais são coletados duas vezes por semana pelos integrantes do projeto e levados até a sede, onde são compostados devidamente em leiras ou minhocários de acordo com a triagem, transformando-se em terra adubada - húmus. A comunidade que participa pode ir no local a qualquer momento retirar terra e mudas para si, além de construírem canteiros pelo caminho de escadas que leva até ali. Uma comunidade engajada em permacultura³⁰, um modo de vida, práticas cotidianas voltadas

30 Ciência despertada na segunda metade do século XX para aprimorar as técnicas e saberes vinculados a uma visão sistêmica, ou seja, o homem dentro de uma rede de interação simbiótica com o seu meio natural. A Permacultura se formatou em três premissas éticas: o cuidado com a terra; o cuidado com os outros; e a divisão dos excedentes (partilha justa). Em paralelo a essas premissas estão alguns princípios de composição.

à partilha e cuidado da terra como elemento integrador.

Pensar a **permacultura na periferia urbana** é uma prática inovadora, tendo-se que as metodologias de pesquisa e trabalho devem surgir de acordo com necessidades locais e partirem dos saberes da própria população que está em busca de se transformar. Essas “escolas” buscam fomentar reflexões e práticas para a construção de sociedades sustentáveis por meio de atividades e processos construtivos, nos quais se atua ecologicamente sobre o território, criando-se novos arranjos sociais e produtivos.

No entanto, desde sua criação na década de 1970 a permacultura se manteve ou ilhada nos nichos da alta sociedade, ou enrustida nos âmbitos acadêmicos, sobretudo devido aos altos custos cobrados por seus cursos e pela raridade de publicações que tratem do tema. A busca por fazer frente aos modelos postos e demonstrar que é possível nos organizarmos a partir de outras formas para suprir as demandas materiais que temos, encontra, enfim, respaldo entre os movimentos sociais e as comunidades periféricas que lutam pela terra e pela autonomia produtiva. O respaldo técnico da permacultura, se popularizado, pode auxiliar diretamente na construção de soluções locais no que concerne à produção de alimento, água, ou mesmo arquiteturas com baixo custo e baixo impacto ambiental *(D.N)*.³¹

*

Na subida, deixado os bairros planejados para trás, entramos em ruas e vielas cada vez mais estreitas. Escadarias e becos dispostos em um labirinto em que, se não fosse pela minha intenção única de ir cada

Eles são: observe e interaja; capte e armazene energia; obtenha rendimento; pratique autorregulação e aceite retorno; use e valorize os serviços e recursos renováveis; não produza desperdícios; design partindo de padrões para chegar aos detalhes; integrar em vez de segregar; use soluções pequenas e lentas; use e valorize a diversidade; use as bordas e valorize os elementos marginais; use criativamente e responda às mudanças. Em fins práticos a permacultura desenvolveu, mais a fundo, quatro eixos temáticos de pesquisa/ ação: A bioconstrução; a agricultura intensiva; as energias limpas; e o manejo ecológico de água.

31 Caminhos e perspectivas para a popularização da permacultura no Brasil. 2017

vez mais para cima e por estar seguindo um morador, eu não saberia como me localizar. Passadas as “três águas da serra”, entre diversas comunidades do aglomerado urbano, ao fim de uma rua estreita, atravessamos uma passagem na cerca. Mal sabia do universo surreal mais à frente. De uma hora para a outra o entorno se transforma completamente, saímos da comunidade e seus barracos lado a lado e entramos no cerrado vivo, campo aberto, com a vista da cidade 500 metros abaixo de nós. Entrávamos no terreno do hospital da baleia, um centro de tratamento de tuberculose em meio à mata, foi feito com esse intuito. A mata de repente estava de volta, contudo, em outra quebra de paisagem, em outra curva encontramos um grande buraco da mineração, de repente tudo cede a uma enorme geometria megalítica, níveis e níveis de terra e o homem usando de máquinas e escavando a montanha para extrair minério. Obras gigantescas. Passado o susto, voltamos a caminhada, ao cerrado e, por fim, ao cume, apesar do véu da neblina.

Olhando ao norte posso ver o avanço espacial da cidade, posso ver toda sua estrutura: veias, artérias, órgãos, músculos. Maquinações modernas. Sua estampa de bolinhas arborescentes e geometrias isométricas. À primeira vista, tudo isso me impressiona de maneira sublime em um arranjo de uma mecânica fantástica, um labirinto lúdico ou um paraíso matemático. Recomeço. Revolto o olhar para a densidade dos blocos. Um mar de cidade a perder-se no horizonte, em uma vista tomada feita de satélite, parecendo Google Earth, virtual e programado, manchas da globalização desenfreada, a mata encurralada. Redobra-se a sugestão de que já perdemos o ponto do retorno e que temos que nos preparar para o choque do Antropoceno³². Fala-se de uma “Idade do homem”, na qual o homem modela a geologia, a atmosfera, os oceanos, as florestas, a biodiversidade e a própria temperatura do planeta – um homem máquina, que empilha terra e concreto como se fossem moedas.

Se um camponês questionava Petrarca sob qual o sentido de ir ao alto da montanha sendo que ali não era terra de ninguém e não deveria haver nada para ser visto, hoje, subir a montanha é também uma contra conduta, pois toda a terra já tem dono e transpassá-la é subverter o

32 Nome proposto pelo químico holandês Paul Crutzen e pelo biólogo americano Eugene Storemer em uma conferencia científica no México, 2000. Segundo eles, as marcas da ação humana continuarão visíveis por milênios, gravadas nas camadas geológicas da Terra, vivemos a construção dessa fase, o Antropoceno.

privilégio de uso por poucos dessa propriedade. A visão de cima, como em Petrarca, não apresenta contato direto, não é possível tocar em nada, vemos a cidade como em uma cena de filme, em um time-lapse cujos frames/ elementos são partes do conjunto dinâmico: uma centralidade horizontal e estática que se espalha esvanecendo-se. Tudo se torna infinito e intocável, tudo se torna imagem. Mas, fixemos o olhar buscando mais cuidado, para perceber, se envolver e permitir modificar a paisagem a partir da construção de novas cognições.

Paisagem, como dizem os filósofos, é um **espaço percebido**, espaço estético entendido como em constante construção. Há uma dimensão política no imaginário que permite deslocamentos, desencaixes no tecido social homogêneo. Nesse sentido, a arte pode criar paisagens/ espaços que conduzem ao desenvolvimento de uma sensibilidade crítica/ outras imaginações e disponibilidade para criações. A cidade vista de cima nos coloca sob os olhos a possibilidade de conjurar os pontos, geologia, vegetação, hidrografia, urbanização, tudo ali, explícito, ao toque do olho, elementos prontos a serem reincorporados.

“Habitar como poeta” disse Lefebvre. “O museu é o mundo”, disse Oiticica. “Todos podem ser artistas”, disse Beuys. Essas frases me voltam à mente enquanto olho para o cenário urbano aos meus pés. A arte no campo expandido, aquela que atravessou a tela e ganhou o campo, o corpo, os processos, requer uma paisagem experimental, dinâmica, que permita inovações criativas no modo de perceber, ser e estar no espaço. Os setores da vida são moldáveis, assim como os espaços da vida, uma interação entre os seres, passo a passo, numa rede onde cada um apoia o outro.

Pego o binóculo, olho mais adentro. Veja bem, são várias cidades dentro da cidade. Não há somente esses prédios e avenidas que marcam tanto a vista. Nem apenas aquele véu que cobre a periferia. As formas como cada coisa se apresenta, as maneiras de sua apreciação, ambas dependem do uso e dos valores que lhe são atribuídos por cada um de nós. Há uma cidade diferente para cada um de nós, a **cidade como espelho**. Se para o turista se apresenta com a face sedutora do consumo, para o retirante se apresenta privativa e excludente, impondo desafios para sua permanência. Cada morador tem seus caminhos, cada andarilho tem seus esconderijos, cada estudante tem seu tema preferido. Pequenas diferenças

que se apresentam em um mesmo lugar, cujos diferentes espaços, somados, formam a cidade. Assim, a cidade se faz em uma trama de tecidos, onde o eu não existe sem o outro, espaço múltiplo e de **sobreposições de alteridades e coincidências**. Em meio a tanta pedra, das tantas torres de negócios e acumulação de capital, dos condomínios verticais, das milhares de casinhas e casebres, pode-se notar algumas áreas verdes resistentes. Redutos onde ainda se cultiva a terra. Será? Não poderiam ser jardinagem de enfeite? Ou mesmo praças, parques, calçadas funcionalistas e vigiadas, espaço verde como espaço de lazer, consumo, segurança? Plantas de plástico? O binóculo não nos aproxima o suficiente. De longe todas as coisas parecem planas, coloridos formalistas, intercalados por poucas manchas verdes. Alguns pontos referenciais anotados. Início minha descida.



Fig. 06. Mosaico de fotos - subida da Serra do Curral/ Belo Horizonte, 2016.
(verso).

REFAZENDA - JARDINAGEM E MICROPOLÍTICA

03

ESCOLAS

É já na semente, ou no broto, que o jardineiro prudente cuida e prepara o fruto que virá. Se esse fruto é doente, é porque a própria árvore que o gerou estava enferma e degenerada. Não é do fruto que se deve tratar, mas da vida que o produziu. O fruto será o que fizerem dele o solo, a raiz, o ar e a folha. Deles é que deveremos cuidar, se quisermos enriquecer e garantir a colheita.

(Célestin FREINET, 2004).



Fig. 07. Mandala feita pelas crianças da escola Maré. foto de Regina Pundek, 2017

ESCOLAS

//educação pela terra

Jardim é como chamamos as escolas das crianças e não por acaso Friedrich Fröbel, educador alemão do século XIX, propôs esta metáfora: jardim de infância. O jardim / do alemão Garth, ou do latim hortus gardinus/ descreve um espaço recluso de envolvimento com o cultivo/ cultura de espécies, um espaço de relação direta com a natureza, mesmo que controlada. O jardim como escola seria o espaço onde crianças desenvolvem essa relação, assim, as escolas se tornariam ambientes de desenvolvimento da cultura humana em sua relação com a natureza.

Na antiguidade grega, o liceu era um grande jardim onde Aristóteles e outros filósofos praticavam seus estudos e ensinamentos. No mesmo contexto surge a palavra escola, /do grego scolae/, que deriva do sentido de lazer, tempo livre, ócio, fator necessário para desenvolvimento do aprendizado filosófico³³. Partindo dessa etimologia, uma escola ecológica seria o espaço que permita o lazer, a liberdade, para aprender em contanto com a natureza. Assim, por que não pensar o habitar nas

33 Obviamente não eram todos que praticavam essa “escola”, pois só poderia ter tempo livre aqueles que não trabalhavam. Sendo assim, a escola se destinava à classe de poder governamental, os cidadãos gregos, homens livres, que poderiam ir aos liceus/ jardins deliberar sobre guerras, comércio ou filosofias. Aprendiam ali a falar e escrever com persuasão e razão superiores. Percebemos, então, o nascimento da escola atravessado pelo nascimento do poder e da propriedade privada. A escola se faz na divisão entre trabalho intelectual e o trabalho manual e na exploração de um sobre o outro.

escolas? Uma escola a aprofundar e compatibilizar as relações entre viver e habitar. Ainda nesse contexto, como não pensar as relações com a terra em uma escola de habitar? Outros questionamentos advêm: o que nos estão ensinando nas escolas hoje? O que aprendemos sobre a relação do corpo com a terra? Como pensar outras escolas, enquanto os parâmetros curriculares nacionais continuam a ser desenvolvidos sob a tutela de interesses neoliberais que regem os nossos governos?

Para o Filósofo Ivan Illich, (1985) o conceito de escola não é sinônimo de educação, mas está mais próximo do sentido de controle sobre o ensino (da palavra insigne: marcar). O autor defende um argumento polêmico, que versa pela desescolarização da sociedade, uma vez que acredita que o direito de aprender livremente é interrompido pela obrigatoriedade escolar, que não permitiria uma educação diversificada, heterogênea. A escola moderna, tendo centralizado todo o discurso da educação, impõe suas regras a esse processo, frustrando a própria educação em si, que deveria ser livre para associar-se a vida. Nesse sentido, não há como montar uma única escola democrática em meio a toda uma conjuntura de governo autoritário, pois ela está fundada nos princípios da propriedade privada e da distinção de classes sociais, potencialmente avessos à democracia, como a concebemos hoje. A escola tenta monopolizar o ensino, exige de nós um envolvimento contínuo por mais de dez anos e, curiosamente, depois de formados dificilmente voltamos lá.

No entanto, durante milênios o homem desenvolveu sua subsistência obtendo sua educação pela experiência que realizava em meio à natureza. Essa educação era perpassada por rituais e pela literatura oral, renovando-se a cada nova forma de viver. Para o homem “primitivo”, educação é vida. (A.S.R).³⁴ A necessidade de aprendizados desvinculados da vida prática surge com as culturas hierarquizadas, que exigiam saberes distintos para classes distintas. A escola passou a ser obrigatória, imposta pelos governos com propósitos claramente voltados à economia capitalista. Logo, a escola burguesa exigia disciplina e obediência para submeter os corpos dos trabalhadores às máquinas da linha de montagem. Já no início do século XX, a possibilidade de democratização dos conhecimentos para a construção de projetos de reformulação ou revolução sobre o capitalismo inaugura uma série de experimentos em novas formas

34 “Nostalgia do Mestre Artesão” (1999).

escolares. A escola, como um elemento de massas, pode assumir um papel na conscientização e desalienação da classe operária subvertendo seu princípio formativo. Trata-se dos princípios despertados no pensamento chamado construtivista. John Dewey, Rudolf Steiner, Maria Montessori, Lev Vygotsky, Jean Piaget foram outros educadores que pautaram a educação sobre o olhar construtivista, cada um com suas particularidades, chegando ao Brasil por meio das palavras de Paulo Freire e Rubem Alves. Passados tantos séculos da instituição, a escola aparece pela primeira vez como espaço libertador e em busca de uma construção de vida urgente, da auto consciência e da construção democrática. Foi, portanto, um dos primeiros movimentos a colocar o aluno como o centro do processo de aprendizagem, uma busca por descoberta pessoal articulada à produção do espaço social, entendo que deixar o aluno livre para escolher suas atividades e construir suas práticas reflexivas não é aliená-lo dos sistemas e conjunturas sociais, mas respeitar suas particularidades nesse conjunto. **Somos sujeitos da nossa cultura. (M.S).**³⁵ Somos sujeitos de nossa natureza.

Pouco a pouco surgiram escolas mais democráticas e abertas à comunidade, às suas necessidades e à construção de pensamentos que se apliquem à produção de sua vida cotidiana. São escolas sem turmas definidas ou divididas por idades, sem conteúdos formatados e divididos por disciplinas que fomentam grupos de pesquisa, grupos coincidentes que se formam em uma **educação intrapessoal e transdisciplinar.**

Em 2015, como grande exemplo da autoconstrução de saberes como ferramenta libertária, vimos as próprias escolas estaduais no momento em que foram ocupadas pelos estudantes em greve contra a reorganização imposta pelo governador do estado. mais de 200 escolas tomadas por estudantes, sem professores, nem diretores. A hierarquia estava destruída e a escola democrática instituída. Os alunos organizaram-se em assembleias nas quais discutiam o processo de luta, seus desdobramentos; distinguindo os grupos de trabalho, a limpeza, a cozinha, a mídia, a manutenção, a segurança, as coletas, as oficinas, palestras, shows... Tudo pensado, proposto e construído pelo grupo de jovens. Em poucas semanas, os secundaristas já estavam craques. Foi tomada uma nova consciência, uma liberdade, um estado de espírito criativo, experiências estéticas,

35 “A natureza do Espaço” (1996)

um espaço colaborativo e democrático, que luta para resistir. Agora, olhando para trás, parece inviável admitir de volta as imposições que antes se admitia no sistema escolar, se constrói uma outra escola sobreposta àquela velha escola, mudando todos os sentidos da sua geografia, cartografia. Não há mais aula obrigatória. Não há mais turmas fechadas, nem mesmo notas. Aprende-se, contudo, a viver. De fato o movimento não se instaurou como uma revolução permanente, também não era esse o ponto a ser buscado. As escolas ocupadas se tornaram um exemplo de que outra educação é possível. Atiraram a primeira pedra! (G.C.F).³⁶

Pensando em escolas que se abriram às comunidades e transformaram seus currículos em processos democráticos, acessíveis e constantemente transformados, podemos pensar em escolas ecológicas que apontam para a construção de sociedades sustentáveis por meio de atividades e processos de sensibilização e criação de espaços educadores baseados na autonomia e protagonismo do ser, no que tange à criação de sistemas sustentáveis de ocupação do território. Jardins. Escolas que ensinam o saber fazer em detrimento do saber produzir, do cultivo das plantas, dos animais, do fazer artesanal, do cozinhar, do construir, do brincar, resolvendo os problemas do cotidiano, ampliando os repertórios inventivos dos grupos que, por sua vez, desenvolvem nesse processo a matemática, a química, a biologia, a física, a literatura de um modo transdisciplinar, em um aprendizado pelas mãos antes de tudo, mas também pelo diálogo, pelo espaço e pela realidade. Ainda assim, uma educação que valorize a interdependência entre as pessoas, entre as comunidades. Não precisamos fazer tudo que necessitamos para a vida, podemos trocar, podemos dividir tarefas. No entanto, o saber como é feito e a valorização dos processos práticos de construção da subsistência pode valorizar a sua justa partilha. Experiências³⁷ educacionais relacionadas ao cul-

36 “A batalha do vivo” (2016)

37 Segundo Jorge Larrosa Buendia (2002), a lógica da experiência (ao contrário do experimento) produz diferença, heterogeneidade, pluralidade, é irrepetível, incerta, mas é compartilhada. Já para o educador John Dewey (1980), a experiência não se limita ao ato no presente, mas também remonta ao que foi aprendido no passado e se reporta ao futuro para se aprimorar a inteligência quando existe algum problema. Para ele, no caso da educação baseada na atividade e centrada na resolução de problemas, o conhecimento deixa de ser a construção de uma doutrina ou sistema e passa a ser a pesquisa, trato, tato, experiência. A educação não seria um processo de preparo para a vida, mas uma contínua reconstrução e reorganização da experiência.

tivo da terra. Coletam-se sementes de uma nova práxis que envolve design e biologia, arte e agricultura. Constroem-se os viveiros, as hortas, os pomares, as agroflorestas como centros de formação e capacitação e, nesses espaços, são aprimorados os saberes e as técnicas da boa convivência para com o grupo e com o meio.

Metaforizar a escola como jardim é um chamado por espaços educacionais que se desenvolvem enquanto **cultivo e partilha da terra**, práticas a retomar o reconhecimento dos laços orgânicos que temos com o nosso meio, saber tirar proveito disso sem destruí-lo: cooperar. Escolas que ensinam através de cultura popular aquilo que garantirá o fortalecimento das raízes e a geração de flores e frutos, escolas-árvores. A educação pode acontecer em todo lugar, não é uma exclusividade das escolas “ [...] isto é, uma relação plural e entre iguais, de cumplicidade, conluio, apaixonadamente verdadeira” (ROCHA, 2005). Pensar o espaço e produzir o espaço solidário e de maneira objetiva são os primeiros passos para se educar, pois confirmam nossa capacidade de atuar sobre a realidade.

*

//J04 – CPCD

E o que aprenderíamos em uma “escola debaixo de um pé de manga”? (T.R).³⁸ As pequenas e interioranas escolas trabalhadas pelo antropólogo Tião Rocha se fazem em rodas, círculos de pessoas, a formar debates, deliberações e planos de ação; as práticas virão em sequência, consequência. As pessoas se sentem acolhidas nas rodas, “cafuné pedagógico”, diz Tião. Aos poucos, alguns dramas e necessidades vão sendo desamaradas, afinal, juntos somos fortes. E não é? Os mutirões, as equipes, os jogos, as cirandas vão botando todos na roda, cada um do seu jeito, mas num certo ritmo, poderia ser ao som de tambores? Na roda não há uma pessoa como centro, mas, sim, um conteúdo de interesse comum.

Tião Rocha pensa uma escola que não deve ter como princípio um

38 Álbum de Histórias” (2005)

edifício e um currículo fixo. Antes, algo mais maleável, para ir mais lá dentro, na rotina dos vilarejos onde muitas vezes nem há escola formal. O antropólogo implementou seus projetos educacionais no que chamou de escola de rua. Ela caminha, formando pequenos grupos de aprendizado local. Escolas populares no Vale do Jequitinhonha e no Vale do São Francisco, no sertão de Minas Gerais. Esse projeto se desdobrou na ONG Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (CPCD), que há muitos anos assumiu a Secretaria de Cultura da cidade de Araçuaí, no nome do professor, numa prefeitura do Partido dos Trabalhadores. Hoje, depois de muitos outros parceiros e muitos projetos, já formou mais de quinhentos educadores e já atendeu mais de vinte mil crianças e adolescentes.

O projeto nasceu em Curvelo (MG), em 1984, cidade sertaneja de muitas lendas populares, onde Guimarães Rosa se inspirou para escrever ‘Manuelzão e Miguilim’. Tião conta que largou um emprego de professor na Universidade Federal de Ouro Preto, pois estava cansado, algo lhe incomodava, falava em ser educador ao invés de professor. Partiu para o interior para atuar nas áreas de educação popular de qualidade e de desenvolvimento comunitário, tendo a cultura como matéria prima e instrumento de trabalho pedagógico e institucional. Em Curvelo, Tião foi atrás das histórias de Guimarães Rosa. Lá angustiava-se com a falta de escolas e a evasão escolar, então pensou: será que poderíamos ter educação sem escola? Vendo a contradição, fez um projeto repleto de não objetivos, não resultados para, por fim, desaprender, para, então, não reproduzir mais as escolas formais, criando a própria escola, “Paulo Freirizando”, criou um projeto alternativo de alfabetização e educação com base na cultura do lugar.

O “Projeto Sementinha”, primeiro projeto do CPCD, juntava meninos em áreas abertas da cidade – ou mesmo do campo – para trocar/construir conhecimentos. Não se sabia os conteúdos a serem trabalhados, apenas haviam três pedagogias básicas a serem desenvolvidas: (i) “Pedagogia da roda”, na qual todos se veem, todos são notados e em um ambiente onde podem discutir/conversar e trocar saberes e, participando do grupo, desenvolver um empoderamento da coletividade e, por conseguinte, dos indivíduos; (ii) “Pedagogia do sabão”, por meio da qual se busca inventar as soluções e produtos para os próprios problemas com arranjos simples, a partir do saberes tradicionais, como, por exemplo, fazer o próprio

sabão, o próprio biscoito, o próprio chapéu, valorizando os aspectos locais, as potencialidades que estão naquilo que se tem nas mãos, no meio; e (iii) “Pedagogia do brinquedo”, que aponta para o entendimento de que educação pode ser lúdica e prazerosa e, se tratando de crianças, não há como aprender sem brincar - nesse sentido brincar é a forma mais elevada de pesquisa.

Qual o conteúdo? O que fazem, precisam e querem! E como precisam e como querem.

Após o sucesso da cooperativa de Curvelo (MG), em 1988 Tião Rocha é chamado a Araçuaí (MG) pela Secretaria de Educação para replicar o “Projeto Sementinha” lá. Araçuaí é uma cidade do Sertão Mineiro que sofre com a miséria, com pessoas à margem e vulneráveis a trabalhos exploradores, os jovens, sem muita perspectiva de vida, acabam atraídos pela migração para as cidades ou para as plantações de cana, deixando as escolas e, ao mesmo tempo, as escolas não abarcam a todos e funcionam com baixíssimos níveis de desempenho. Assim, depois de algumas experiências, surgiu o “Projeto ser criança”, acolhendo crianças da cidade em um espaço educativo, uma escola, mas que logo estendeu-se à rua, às casas, aos campos.

A roda irá girar e criar o fio condutor.

“A capoeira é rodando, o samba é rodando, o batuque, a gira nos terreiros de umbanda e de candomblé... Tudo para nós é rodando. Tudo para os colonizadores é linear. É um olhar limitado a uma única direção.” (Nego Bispo, 2018.). As atividades, as histórias, as trocas entre muitos funciona como uma multiplicação. Ao contrário dos sistemas hierárquicos de ensino, nos quais todos aprendem com uma pessoa, aqui, todos aprendem de muitos e o professor - ou melhor, o educador - deve saber conduzir essa equação. Logo, todos saberão danças, ritmos, jogos, saberão fazer brinquedos, plantar e cozinhar ao mesmo tempo em que aprenderão a contar e a ler sem deixar de brincar. As crianças se instrumentalizam de motivação e sabedoria popular desdobrada em técnicas do fazer, muitas necessárias para os trabalhos da vida adulta. Assim, quem sabe não abandonem as escolas e a cidade em busca de empregos brutais, mas possam ganhar maior autonomia para se sustentarem por ali, cuidando

da própria vida, em comunidade. Um projeto de formação.

O projeto iniciou com baixo orçamento e com enormes dificuldades. A primeira foi levar as crianças das fazendas até a escola. Os agentes, então, começaram a ir até as crianças e a oferecer o serviço de transporte que as levaria para a cidade, processo que, até então, pouco se diferencia do de uma cidade comum. Contudo, dados o tempo e a distância que passariam no ônibus, as crianças já ali teriam atividades educativas. Logo, o projeto se estruturou como um espaço de ensino extraescolar e angariou um terreno emprestado pela ordem dos franciscanos para suas atividades. Lá estava um grande pé de manga.

O educador chega ao aprendiz pelo acolhimento - quebrar a dormência das sementes - pela troca afetiva. Despertando a partir de um contato íntimo e de confiança o envolvimento na descoberta do aprender. O educador deve obter a confiança do aprendiz e gerar gente com vontade de aprender. **Pedagogia do abraço** - afeto, aceitar as diferenças, as dificuldades, dialogar e enfrentar os conflitos juntos. Criam em torno de si espaços generosos e solidários de aprendizagem. Fazem a comida, fazem a roupa, fazem os brinquedos, tudo isso juntos. Contam histórias, estórias, causos. Cantam, dançam, plantam, reflorestam. Os professores não precisam de diplomas, mas do gosto pela terra e pelos saberes locais a ponto de estimular o saber e a troca do saber de cada um. **A educação é plural.**

Notas? Apropriação, coerência, cooperação, criatividade, dinamismo, eficiência, estética, felicidade, harmonia, oportunidade, protagonismo, transformação, misericórdia. Os próprios estudantes é que se atribuem as notas. Indicadores de qualidade de vida vistos nas piscadelas e piscadelas das crianças.

/

/

/

/

Na visita que fiz a Araçuaí, pude participar de uma tarde de atividades no “Ser Criança”. Pamella Silveira, educadora do CPCD, me contou que atualmente o projeto acolhe quase 200 crianças de sete anos a quatorze anos no período vespertino complementar à escola. Lá almoçam e depois formam a roda. A educadora pergunta o que querem fazer para começar o dia. Uma criança propõe a música que chama “Abóbora faz melão”. A música é cantada por todos, alguns meninos tocam percussão magnificamente e logo dois meninos entram no meio da roda... Dançam uma dança sobre uma cozinha onde um ajuda o outro. Um segura a panela, o outro mexe a colher de pau. Se separam, depois trocam de função, se separam de novo e saem para a beira da roda onde cada um chama outros dois a formar novos pares e o verso começa de novo e de novo e de novo. De dois meninos fomos para quatro e de quatro para oito e de oito para dezesseis até que todos dançavam, inclusive educadores ou mesmo eu. Depois cada educador fala o que tem de proposta para o dia, um fará um brinquedo, outro fará biscoitos, outro organizará o espaço do viveiro de mudas, outro desenvolve jogos de tabuleiro com palavras. Ao final cada um vai aonde quer. Ainda que as atividades daquele dia me parecessem tão simples e desprezenciosas, demonstraram para mim que o projeto se pauta em uma sutileza na qual o bem estar é mais importante do que a grandiosidade ou mesmo os conteúdos. Jogar bola é permitido, dispersar também, tacar pedra na caixa de marimbondo, subir na árvore, assim, as crianças que estão em atividade estão ali porque querem, ou seja, as atividades lhes interessam. E no fim, a certo prazo, serão elas mesmas que descobrirão o que querem e o que precisam, desenvolvendo atividades para resolver essas questões.

A liberdade, que é uma conquista, e não uma doação exige permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem. Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, as pessoas se libertam em comunhão.

(Paulo FREIRE. 1987, p.18.)

Por volta das cinco horas ressurgiu a roda e se fez uma reflexão sobre as atividades do dia. Algumas crianças colocam suas indagações quanto às vontades e desgostos que, por mais sutis que sejam, são acolhidas. Algumas falam de outros assuntos.

Em 1998, o “Projeto Ser Criança” desenvolveu um coral chamado “Meninos de Araçuaí” que, com ajuda (aulas) do grupo de teatro de Barbacena (MG) chamado “Ponto de Partida”, criou algumas peças que obtiveram grande sucesso. Logo conseguiram patrocínios, gravaram um disco e realizaram diversos shows Brasil afora. Alguns anos atrás ganharam um importante prêmio, remunerado em 40.000 reais e o valor, que poderia ser distribuído entre os membros do coro, acabou por ser utilizado para apoiar a construção de um cinema para a cidade juntamente com o auxílio de outros investidores, conseguiram, assim, reformar uma casa abandonada no velho centro e instrumentalizá-la com projetor, tela, cadeiras, bilheteria. O cinema “Meninos de Araçuaí” foi construído em 2008 e é ainda hoje o único cinema do Vale do Jequitinhonha. Lá os meninos não só exibem filmes, mas fazem cinema também, desenvolvem uma pequena produtora realizando documentários sobre a cultura local. Fomos até o cinema, nos fizemos uma sessão especial, nos mostrando orgulhosos o seu espaço.

Então perguntamos o que fazem os meninos de Araçuaí quando se tornam jovens de Araçuaí? Claro que as respostas estão dispersas e são incontáveis, mas o CPCD também faz a sua parte para manter o aprendizado aos níveis mais profissionais e, em parceria com a escola técnica da cidade, construiu os projetos “Dedo de Gente” e “Arassempre”.

Por meio do “Projeto Dedo de Gente” conseguiram uma concessão do espaço onde era a antiga FEBEM para promoverem oficinas de artesanato e lá fazem costura, serralheria, marcenaria, pintura com terra, formando, assim, mão de obra especializada a partir da participação temporária de jovens nas cooperativas produtivas. Depois de dois anos, o jovem vira um técnico e ali pode ficar mais dois anos ensinando.

Já o “Projeto Arassempre”, alinhado aos princípios da “Carta da Terra”³⁹, pensa como transformar a produção de alimentos em **PROCESSOS**

39 A “Carta da Terra” surgiu como uma intenção de criar um documento que orien-

democráticos e sustentáveis. Em 2005 conseguiram a doação em comodato de um terreno rural de doze hectares, lá imaginaram um espaço transformado pelos saberes da agroecologia: o Sítio Maravilha. Celso, educador contratado para atuar no sítio, ganhou bolsa para ir estudar permacultura em Pirenópolis (GO) e, depois, voltar à Araçuaí para ensinar a comunidade. Hoje, já com treze anos de trabalho sobre essa terra, o sítio produz o suficiente para alimentar as 200 crianças do projeto sementinha e também as 60 crianças da escola franciscana que empresta os terrenos. O local também funciona como um espaço de difusão de conhecimento, acolhendo estudantes de agronomia da escola técnica da cidade; oferecendo cursos de permacultura a baixos custos; assessorando os produtores da região nos projetos paralelos, casas maravilha e quintais maravilha; e articulando a feira de orgânicos da cidade. Atualmente estão engajados na implementação do projeto “Caminhos das águas”, realizando reflorestamento das margens e nascentes da região.

Nota-se que muitos dos educandos formados no CPCD ganham espaço no próprio projeto, passando a atuar, então, como educadores, criando raízes que estruturam os projetos e o aprendizado/permanência na cidade. Pamella, quem nos recebeu e circulou pela cidade mostrando-nos os espaços educacionais, conta que era aprendiz do projeto sementinha e, naquele momento, estava implementando uma fabriqueta de turismo, capacitando grupos a receber viajantes na cidade. Ademais, outros jovens estão por desenvolver a fabriqueta de softwares, criando sites, aplicativos e comunicação gráfica. Desse modo, o CPCD demonstra como um projeto educacional pode ir incorporando os diversos setores econômicos da cidade (economia de oikonomia, cuidado com a casa), dando forças para a comunidade se pensar enquanto comunidade, pois, para educar uma criança é necessária toda uma aldeia e, a partir da criação desse estado de espírito educador/aprendiz, passa-se também a perceber que educação está em todo lugar e que todos são educadores. (T.R).

tasse uma aliança formal a gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e em uma cultura da paz. Prevista inicialmente no Rio ECO 92, foi finalizada no ano de 2000 e tem em Leonardo Boff seu porta voz no Brasil. Seus quatro princípios são: respeitar e cuidar da comunidade da vida; integridade ecológica; justiça social e econômica; e democracia, não violência e paz.

/
/
/
/

Os saberes tradicionais remetem a práticas como plantar, pescar, fazer farinha, atividades comuns, aprendidas ainda na infância dos quilombos e aldeias indígenas, são verdadeiras orquestras, coreografias que ainda ressoam nos interiores e periferias. Pela terra. Palmares. Caldeirão **(N.B)**.⁴⁰ O homem luta pelo o que é seu. Agricultura, culinária, corte costura, medicina; todos temas corriqueiros do povo interiorano ou mesmo para qualquer um de nós cidadãos urbanos. Conhecimentos extremamente importantes para a construção da vida das pessoas humildes, que necessitam fazer sua subsistência a partir das próprias mãos. Pessoas que sabem fazer. Saberes que, quando compartilhados, serão de uma aplicabilidade muito maior do que as aulas abstratas, sendo, ainda assim, temas interdisciplinares que acolhem os saberes formais. A matemática, por exemplo está imbricada na modelagem dos tecidos que serão cortados para se produzir roupas; já a biologia e química estão presentes no trato com o plantio das sementes que irão gerar o alimento futuro; e a história emerge na leitura da conjuntura local.

Aqui o papel do educador consiste em **quebrar a dormência** dos estudantes, motivando-os a explorar o cultivo de si mesmos e do lugar que habitam. A escola deve ser cultivada como organismo, projetos de germinação, de crescimento, a gerar frutos que beneficiam toda a comunidade. Como um espaço de autonomia, gerando um pequeno universo de micropolíticas e microrrevoluções, escolas como espaço de construção de **consciência coletiva**, sítios espalhados pelas periferias e interiores, aprimorando em si um “bem viver” junto com um “saber fazer” fundamentado nos padrões da terra.

*

40 “Modos quilombolas” (2016)

// J05 - clubinho Florestal

“Aprendemos brincando”, dizem os educadores. Aprendemos por aquilo que nos interessa, nos é preciso *(P.F)*.⁴¹ Se precisamos de um brinquedo, será pelo brinquedo; se precisamos de boa convivência, afeto, compaixão, solidariedade, será por aí.

Na escola Maré em Cotia (SP), as crianças também decidem o que fazer por meio de assembleias. Os professores são como mediadores, os articuladores (o artista contemporâneo), aqueles que trazem um ritmo, uma força motivadora: pode ser por certas técnicas ou certos saberes interessantes ao processo pretendido; pode ser por conversas a resolver atividades do dia, questionando os objetivos do grupo, apresentando um livro... Os saberes disciplinares estão dissolvidos, a matemática, o português ou o inglês são aprendidos naturalmente, inseridos em contextos lúdicos ou mesmo funcionais. Vamos cozinhar? Temos receitas, medidas, ou até biscoitos em forma de letras *(T.R)*.

A diretora Regina Pundek tem um projeto ímpar em educação infantil. Começou como educadora autodidata, primeiramente com os filhos, as amigas, com os livros, posteriormente em diálogos com educadores como Rubem Alves e José Pacheco. Mãe de família, trabalhou como professora, lecionando do inglês ao português dos anos iniciais do fundamental na Escola Estadual Ana Macieira (SP) em 1994. Já nos anos 2000, ela abriu uma escola de educação infantil bilíngue na Granja Vianna, bairro de alta renda na periferia de São Paulo. Um nicho de mercado? A escola vingou e se desenvolveu. Em 2015 a escola foi selecionada pelo MEC como uma das escolas inovadoras e criativas do Brasil . Alguns relatos podem ser lidos no livro “Picolé e sorvete para todos – percursos de uma escola inovadora e criativa” (2018), ou mesmo no site do MEC⁴².

Aqui apenas apresento este espaço a título de exemplificar um refúgio em pedagogia do respeito em meio a megalópole opressora. Uma escola calma, divertida e em constante transformação, onde se trabalha

41 “Pedagogia do oprimido” (1987)

42 Disponível em: <simec.mec.gov.br/educriativa/detalhe.php?mapid=391>. Acesso em: Out. 2018.

a partir de uma metodologia libertária, que opera com uma mistura de princípios pedagógicos. Sócio interação de Vygotski? Etapas de desenvolvimento de Piaget? Inteligência emocional de Daniel Goleman? Em suma, uma escola pensante que acredita estar sempre “em obras” pois se mantém permanentemente se reciclando e estudando a evolução das ciências da educação.

No ano de 2018, depois de 19 anos atuando apenas com ensino infantil, a escola se abriu ao nível fundamental. A escola está em reforma, mudando os paradigmas e seu próprio nome acompanha essa reflexão, mudando de “Kid’s home” para “Maré”. As estruturas físicas também se renovam e iniciou-se a educação em nível de ensino fundamental, um processo arregimentado por outras legislações e integrado por outros desafios pedagógicos, demandando um novo projeto pedagógico. Fisicamente, não houve tantas transformações. O galinheiro mudou de lugar, uma árvore foi cortada, é verdade também que foram acrescentadas uma, duas salas novas; duas, três árvores novas; novas mesas. Passou-se, assim, a uma nova escola, aberta ao seu jardim, afinal, a educação se dá em qualquer lugar! Para o clubinho, ganhamos uma área aos fundos do terreno, lá tem dois abacateiros, uma jabuticabeira, e um solo depenado pelas galinhas e cabras.

O projeto pedagógico idealizado pela diretora Regina Pundek e desenvolvido por sua equipe deflagra uma concepção de ensino **aprendizagem multietária e democrática**. Multietário, pois cada criança aprende e se desenvolve em seu próprio ritmo, independentemente da idade. Podemos nos organizar de diversas formas ao redor dos saberes e a roda fica bem mais completa com diferentes idades. “Aqui, as crianças vivem na prática como todas as pessoas do mundo, juntas e misturadas. Aqui as crianças estão livres para ser o que desejarem e, fundamentalmente, aprendem o respeito pela diversidade. Aprendem a respeitar a forma diferente de o outro pensar, vestir, agir, falar, andar, brincar...”. E democrático como forma de respeito aos outros, à convivência, aos pensamentos. “Aqui todas as crianças e professores participam da construção das regras da escola; todas as crianças trocam com todas as educadoras; a rotina de cada grupo é montada pelo próprio grupo na hora da conversa, a exceção é o horário das refeições que tem horário fixo,

para que as cozinheiras consigam se organizar.” (R.P).⁴³

O plano pedagógico se estrutura sob quatro pilares ou, dito de outra forma, gira a partir de quatro chaves. Ser, Viver, Conhecer e Fazer, que são, evidentemente, termos abrangentes. A chave do Ser corresponde a “Atividades que promovem o crescimento do indivíduo no sentido anímico e social, anímico – aquilo que se refere em questões de espiritualidade – apreciação de beleza, entendimento da vida. Social, trânsitos entre o coletivo e o individual, aqui acontecem as assembleias”. E a chave do viver é onde “[...] estão as expressões mais livres, espontâneas. Os passeios, as brincadeiras, a convivência, a construção de grupos, a aproximação com as famílias...”. Conhecer, por sua vez, diz respeito a “Tudo que se refere à aprendizagem de mesa, aprender sentado, sistematização de conteúdos e pesquisas, desenvolver projetos”. Por fim, Fazer é o “aprendizado que culmina pelas mãos, começa por planejamentos e estudos, chegando na realização – botar a mão na massa, e por ventura a celebração – brincar – usufruir. A diretora relembra que as crianças (seus pais) investem uma parte da mensalidade para um caixinha das crianças, que farão uma gestão financeira de seus projetos” (R.P).

Me atento ao fazer. Na verdade, fui convidado para ser o professor/arquiteto articulador de um processo que, afinal, resultou no clubinho que intitula esta seção. Há conversas e afinidades. Primeiramente, os alunos já sabiam o que queriam: um clubinho. Eu já sabia que eles queriam isso e fui lá chamado por eles como técnico, pois não estavam conseguindo criar muitas estruturas sólidas e permanentes – precisavam de técnicas e motivações.

Pergunta do arquiteto: “- Qual o motivo, qual o tema do clubinho?”.

Debatemos as ideias e logo surgiu uma nova lista de nomes. Os motivos eram simples: queriam um lugar para brincar sem tantos adultos; um lugar deles para que cuidassem; um lugar onde tivessem planos secretos. Ao final chegamos a uma interessante oposição, resolvida por votação, entre clubinho florestal e clubinho da caveira. Depois de um debate e uma eleição, estava decidido, surgia o clubinho florestal. (O tema me

43 “Picolé e sorvete para todos: percursos de uma escola inovadora e criativa” (2018)

caiu como uma luva, ali eu poderia estar atuando como cuidador de um jardim voltado à educação e criar uma **autopoiesis florestal**). Logo me vieram as ideias: precisávamos de matéria orgânica, cobrir o solo, permitir que as plantas pioneiras nativas se inserissem, criar abelhas nativas, fazer poleiros para passarinhos, cabanas para as sementeiras, composteiras didáticas. Contudo, paro e penso que, na verdade, tudo deveria ser feito/pensado pelas crianças, então, eu deveria ir com. Devíamos observar os contextos e o que conseguiríamos primeiro.

Os alunos são doze, oito meninos e quatro meninas. Crianças de seis a nove anos, com especificidades diferentes, assumindo tarefas diferentes, **simultaneidades, trânsito entre os saberes, cooperação**. A maioria já era aluno da escola, já está acostumada com essa metodologia. Aparentemente, os alunos que chegam no último ano não querem mudar de escola, o que foi agravado com a reforma curricular, a partir da qual a idade para iniciar o fundamental (obrigatório) passa de sete anos para seis anos. Esse fator tornou mais trágico, difícil psicologicamente a iniciação escolar. Vemos crianças oprimidas sendo alienadas de si mesmas em escolas tradicionais que colocam as crianças enfileiradas como se estivessem trabalhando abstratamente. Na Maré as crianças circulam, encontram processos pedagógicos espalhados pelo jardim, pelas salas, na cozinha, na biblioteca – são acolhidas em atividades e podem ser propositoras também. Puxam uma brincadeira, contam um fato inusitado. Todo dia as coisas mudam de caminhos.

Voltando ao clubinho florestal, há ainda dois fatores interessantes que podem ter motivado o surgimento do nome/ tema do clubinho florestal. O terreno ao lado da escola era tomado por um matagal antigo, com árvores enormes, cipós, epífitas, sub-bosques e húmus. As crianças iam lá de vez em quando, em excursões, passeios à floresta (“- Hoje vamos à floresta!”) e colocavam as botas, faziam a fila e lá se iam investigar o mato. Havia uma passagem pelo canto da cerca. No ano de 2017, o proprietário, numa atitude bruta e potencialmente ilegal, cortou toda a vegetação do terreno, jogou pedra moída em cima tudo e, por fim, coloca ali uma placa escrito “aluga-se”. Até hoje não alugou e quem sabe por nosso mau agouro não vai alugar tão cedo. Isso foi um trauma na paisagem da escola, as crianças assistiram às cenas de corte grudadas nas cercas, muitas choraram. Uma criança pequena comenta: “- Eles são tão maus que

cortam até as árvores pequenininhas”.

O segundo fator é um pouco o contrário desse primeiro. Dada a extensão da escola para os fundos, na parte baixa do terreno foi “re-descoberto” um terreno vazio, semiabandonado, um terreno misterioso, aos fundos de outros cinco terrenos, uma inclinação abrupta. A cerca metálica e uma cortina de mata escondiam um lindo jardim, provavelmente já cultivado por algum homem, pedras posicionadas, uma nascente formando um lago, palmeiras, costelas. Era uma mata não tão antiga quanto a do primeiro terreno, mas ainda assim lá estavam frondosos abacateiros, ingás de uns vinte anos de idade, lírios do brejo, margaridão mexicano, chuchus e bromélias pelos galhos. Uma nova floresta estava descoberta. Os alunos do fundamental estavam animados com a possibilidade de explorarem e usufruírem desse terreno.

Depois de termos o tema do clubinho definido, fomos à obra, afinal, estávamos nas ‘tardes do fazer’. Para criarmos um local de permanência, pensamos em criar um platô, um plano onde conseguíssemos ter um ambiente agradável para sentar, deitar, olhar a paisagem e, pouco a pouco, trazê-la mais perto. Naquele platô tudo poderia acontecer: um tapete mágico, um ônibus espacial, um terreiro de coco. Foram quatro tardes de enxadas e pás e aplanamos nosso terreno, fizemos linhas para medir o nível, estava plano. 4x5 metros.

Agora queríamos uma experiência com taipa de mão. Os alunos haviam visitado um sítio (sítio do Mandu) com uma arquitetura antiga, tombada pelo patrimônio histórico, pouso dos bandeirantes no século XVI. Lá tiveram uma oficina sobre pau-a-pique, técnica tradicional do Brasil – Colônia. Pensando no que seria possível/necessário para nosso jardim, chegamos a um guarda corpo de 60 cm de altura a demarcar um limite visual na base de nosso platô. Outras quatro tardes de trabalho e um mutirão com os pais, rachando bambu, fazendo base de cimento, preparando a terra e tínhamos uma mureta de taipa cheia de bolinhas de gude na superfície.

Nas semanas seguintes pude tentar fazer uma conexão entre desenho e prática. Fizemos a maquete do terreno e seu entorno na escala 1:50. Pudemos discutir representação em maquetes, escala de referências, posicionamentos geográficos, levantamento de medidas, curvas de nível. E

brincar de imaginar lugares, planejar. Queríamos transitar entre o planejamento e a execução. Aos poucos foram surgindo potinhos de sucata de ponta cabeça, com uma portinha cortada e gravetos erguidos em um ponto central. A ideia parecia ser criar cabanas, experimentações de cobertura e divisórias. Fomos à coleta de bambus e folhagens de palmeiras. Queríamos muitas cabanas, de tamanhos e formatos diferentes. Os galhos que estavam por ali largados iam sendo empilhados em torno de plantinhas, fazendo cabanas de proteção pras mudas. Os bambus iam sendo amarrados e empilhados no abacateiro, as crianças se empolgaram na modelagem experimental. Eu ia tentando dar uma rédea constritiva. Ao fim de outras quatro semanas, tínhamos um jardim de cabanas/ ninhos. Uma aldeia? Ao centro ergueram uma bandeira com uma grande árvore desenhada.

Já no quarto mês de envolvimento, em uma visita ao Centro de Educação para a Sustentabilidade (CES) de Cotia, as crianças voltaram empolgadas com a ideia de criarem mudas de plantas, terem vasos, sementeiras e começarem a cultivar em um viveiro. As coisas seguiam passos próprios, eu aparecia às quartas-feiras à tarde, ajudava a mudar um tronco ou uma pedra de lugar, mas sabia que queriam investir a caixinha em alguma arquitetura e eu estava ali para ajudar com isso. O viveiro veio a calhar. Como já havíamos desenvolvido certas técnicas de cortes e amarrações em bambu, pensei ser possível usar varas de eucalipto para criar um pergolado mais resistente, um projeto ousado para o porte dos construtores, mas que iria marcar a capacidade deles em construir e criaria um portal visual sobre nossa mureta de taipa, protegendo uma área do sol e da chuva, para, por fim, termos uma estante botânica em baixo. Quantificamos a madeira construindo uma maquete de varetas, compramos o eucalipto, cavamos os encaixes e conexões, formamos pórticos estruturais, erguemos a estrutura, a cobrimos com sombrite *et voilà* tínhamos nosso viveiro pergolado.

Claro que não foi tão simples. As crianças deram duro, se cansaram, se machucaram, se chatearam em determinados momentos, mas foram persistentes. A dispersão não foi reprimida, afinal, o processo criativo não é linear. Talvez a didática devesse ter prestado mais atenção a **atividades lúdicas e recreativas** e na realização por meio de etapas curtas, mas também estou aprendendo.

Agora precisávamos ir a campo, coletar sementes, investigar as plantas, entender das sucessões, associações orgânicas entre as espécies, entender como a floresta se sustenta sobre o húmus, como cultivar o húmus. Eu bem que tentava motivá-los a um engajamento contínuo, desenvolvia jogos, pontuações para quem trouxessem matéria orgânica de casa para cobrirmos o solo, para que trouxessem mudas, sementes, para que estivessem atentos em qual seria o seu papel dentro de um clubinho florestal. Bem que funcionou, em algumas semanas, nosso terreno estava todo coberto de folhas e com mais de vinte novas mudas plantadas. Também tínhamos um rocambole de terra, folhas e juta, recheado de sementes de plantas pioneiras. Estava na hora de deixá-los a sós.

*

//J06 - veracidade

Assim como azul petróleo é o nome de uma cor, verde verdade poderia ser outra. Enquanto o azul vem dos mates das profundezas oceânicas, o verde viria dos tons vegetais das germinações, uma cor cintilante, vibrante, típica do grafite de Mauro Neri, que, coincidentemente, escreve pelos muros de São Paulo “ver a cidade”. Cor que se repete nos interiores. Nomes que se repetem. Verde, cidade.

Em Veracidade, São Carlos (SP), criou-se um **coletivo de permacultura**, uma Organização Não Governamental a realizar ações práticas para levar a permacultura ao espaço urbano. Práticas construtivas em ecologia urbana, do nível doméstico ao comunitário. Veracidade surge como uma casa coletiva onde se realizam vivências, experimentos, exercícios em permacultura. **Casa laboratório**. Mais que teorizar é o fazer. (D.N).⁴⁴

A permacultura surge num movimento de resistência à revolução verde, por outro verde, contra a mecanização generalizada da agricultura, pensando alternativas às cidades contemporâneas, com outros modelos

44 “Caminhos e perspectivas para a popularização da permacultura no Brasil” (2017)

de produção que sejam sustentáveis. A princípio fazer e cuidar de sua casa, do seu corpo, da sua mente, exercícios de autonomia, em busca de uma maior independência ao capitalismo. Por uma cultura da permanência, atento ao verde verdade das germinações, cultivar a vida, se conectar com nossa vida material, o usufrutos das energias, do alimento, da água, se conectar com as pessoas, fazer bem as coisas simples que nos sustentam. (D.N).

Energia - captar - gerar - distribuir - reciclar

Água - molhar - aproveitar - limpar - navegar

Terra - modelar - plantar - colher - compartilhar

Quem sabe? Hoje passados mais de trinta anos dos primeiros livros sobre o tema, pouco se pratica a permacultura urbana. Existem diversos grupos, claro, mas não chegam a ser representativos. O agronegócio está a nos consumir. As instituições financeiras estão a nos escravizar. Mas começamos as primeiras histórias: hortas em casas, pomares nas escolas, minhocários e composteiras comunitárias, usinas de reciclagem, descentralizações de sistemas de tratamento de esgoto, que sejam! Relações locais, resolvendo ecologicamente problemáticas locais.

A casa coletiva Veracidade começa por se estruturar em torno de seus moradores, permacultores engajados em construir um espaço modelo, como sede de uma ONG de projetos em permacultura urbana. Enquanto se cuida da casa, se desenvolvem projetos e mutirões de trabalho com a comunidade.

Em casa, aprendem a convivência com o outro em práticas cotidianas, trabalho difícil de construção de entrosamento e respeito. Djalma Nery, professor, sociólogo, militante da permacultura conta: “se você vê uma tarefa por ser feita, ela é sua”. Logo cada um irá desenvolver mais experiências naquilo que lhe diz respeito. Coleta e filtragem de água, zonas de raízes, banheiro seco, hortas e pomares vão surgindo na medida em que os moradores vão passando ou mesmo ficando. A casa virou um centro de hospedagem de permacultores, realizando oficinas e cursos continuamente, ações a partir de um grupo flutuante que aceita vivên-

cias, pois está aberto às trocas, com os desafios de aprimorar uma boa convivência e a autogestão.

Em suma, temos a ressignificação de um espaço privado/casa para o uso coletivo em permacultura. Uma casa como sede institucional de um espaço pedagógico por ação ecológica comunitária. Levanta-se uma bandeira, um argumento político a ser demonstrado na prática: a eficiência da permacultura em produção de alimentos e ecologia urbana. Estabilizando a casa em torno de sua autogestão, o grupo pôde transbordar o âmbito doméstico e iniciar um diálogo com a vizinhança. As hortas escolares e comunitárias por perto passaram a ganhar a assistência técnica de um grupo engajado em agroecologia. A reciclagem de material orgânico passou a ser difundida e exemplificada em composteiras públicas, criou-se o projeto GIRO, gestão integrada de resíduos orgânicos.

Os cursos de capacitação técnica passaram a ser difundidos e estimulados entre os microprodutores rurais da região, camponeses na cidade, agricultura familiar na periferia da cidade, espaço de debate do “retorno ao campo” em pleno século XXI. Os terrenos baldios passam a ser questionados como espaços de cultivo da permacultura. São Carlos (SP) tem mais de 6.000 lotes ociosos, muitos descumprindo a função social da propriedade, já outros com proprietários simpáticos ao movimento, que também querem plantar/colher. Temos exemplos como o projeto “Uma horta para chamar de minha”. Veracidade trabalha com a **educação pelo fazer, pelo cuidado, pela partilha**: são mutirões, experiências na relação com a terra e com o outro, soluções locais, pequenas, envolvendo as pessoas num **empoderamento comunitário**. Veracidade trabalha com uma educação simbiótica, pela criação de redes de articulação e trocas de conhecimentos, materiais, produtos: são redes autoportantes típicas da pequena escala de produção, colaboração, cooperação, coordenação. Veracidade trabalha pela educação em **permacultura popular**, com cursos, oficinas, cartilhas de informação, mas, sobretudo, concebendo-a como ferramenta para os movimentos comunitários e sociais. Veracidade trabalha dando exemplos e esperanças de possibilidades e alternativas.

Djalma Nery também nos conta que agora, já passados mais de cinco anos do início do projeto, começaram a atuar mais em frente de lutas da macropolítica urbana, lutar para direcionar políticas públicas para

o pensamento permacultural. Um movimento de **sístole e diástole - Macro e micro**. Em seus planos de governo - candidato pelo PSOL a deputado estadual na eleições de 2018 - a luta por leis, projetos educacionais, zoneamentos, orçamentos participativos, estratégias de segurança alimentar. Tal âmbito político não pode ser deixado de lado, há campo a ser tomado dentro da política brasileira, por mais perversa e contaminada que esta esteja. A máquina do estado ainda gira e distribui muitos créditos e subsídios que poderiam em muito apoiar o micro produtor ao invés de serem focadas unicamente no latifúndio exportador; poderiam apoiar a agricultura familiar, apoiar a diversidade produtiva no campo, gerar empregos, renda e alimentos para a população. É preciso superar o lobby institucional da soja, da cana, priorizada pelo governo desde as sesmarias. Pensar para frente, em alternativas, espécie de permacultura na política.

Nesse sentido, é possível começar com merenda escolar agroecológica, por exemplo, gerando boa alimentação e giro de renda local; ou, então, com compostagens comunitárias, gerando terra vegetal e engajamento em tratamento de resíduos orgânicos. E por que não pensar em reforma agrária popular ou colocar questões ambientais mais destacadas nas leis de função social da propriedade? Temos um governo que despreza a reforma agrária e a reforma urbana, sem se dar conta que essas reformas são primárias para o desenvolvimento social. Os órgãos responsáveis estão cada vez mais sucateados, repletos de terceirizações num processo de desmonte da infraestrutura institucional. É preciso fortalecer os órgãos públicos que trabalhem pelas reformas, que lutem pelos patrimônios comuns (a água, a terra), pois essas instâncias estão sendo privatizados enquanto são socializados apenas os desgastes, a poluição, a destruição ambiental. O movimento de militância que envolve uma campanha eleitoral e depois a gestão de um cargo político, por exemplo, pode soar como um processo de burocratização ideológica numa carreira política, porém, temos um vasto terreno de articulação de pensamentos a formar táticas de reintegração das estruturas públicas em benefício da comunidade.

Sabemos que a permacultura aparece muito mais em nichos da classe média, como uma vontade de incentivar o pensamento ecológico, uma terapia ou até a partir de um interesse pessoal em comer saudavelmente. Pequenas bolhas dos mais esclarecidos? Exemplos práticos - fundamentais,

porém insuficientes. Os mais pobres é que sofrem mais com as degradações ambientais, a falta de segurança alimentar, a falta de trabalho, o acesso à terra, à água. Tragicamente carregando em si um potencial revolucionário, a ampla maioria da população – a mais pobre – é a que demanda de novos meios de vida, mais justos, mais rentáveis, mais íntegros, novos modos que poderiam ser respondidos pela permacultura. Pensar a permacultura na periferia é pensar a luta de classes. Integrar a permacultura na periferia por dentro dos próprios aparatos do estado e abrir brechas a relações sociais pós capitalistas. Mas como reformar um barco em alto mar? É preciso **disputar os espaços** – mesmo sabendo das contradições. Apostar na dialética do macro com o micro para ter a superação como processo. Trabalhar numa realidade do aqui, igualitária, justa, fraterna e pensar numa visão sistêmica no horizonte (*D.N.*).

Para Guattari, o autor do livro “As três ecologias” (1990), a ecologia ambiental só poderá ser trabalhada se for feita em paralelo à ecologia social e à ecologia subjetiva, na construção de uma ecosofia, ou seja, uma sabedoria sobre a nossa “casa”. O autor segue sugerindo um engajamento ecosófico a todos aqueles que estão em posição de intervir nas instâncias psíquicas individuais ou coletivas, para a construção de novas subjetividades que reconduzam o corpo, o afeto, o percepto em suas relações com a natureza. Nesse sentido, a construção de um pensamento ecosófico pode se fundar na arte e na educação. Ao mesmo tempo em que reaver nossa postura ecológica é um processo que demanda de uma revolução em escala planetária, “esta revolução deverá concernir não só as relações de forças visíveis em grande escala, mas também os domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo” (GUATTARRI, 1990, p. 9).

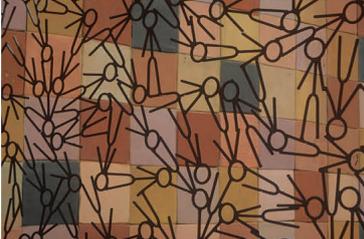


Fig. 08. Mosaico de fotos - escolas ecológicas. fotos do autor. Escola maré/
Cotia, Veracidade/ São Carlos e CPCD/ Araçuaí(verso).

REFAZENDA - JARDINAGEM E MICROPOLÍTICA

04

ESCULTURAS

É nas trincheiras da arte que se encontram os núcleos de resistência dos mais consequentes ao rolo compressor da subjetividade capitalística, a da unidimensionalidade, do equivalente generalizado, da segregação, da surdez para a verdadeira alteridade. Não se trata de fazer dos artistas os novos heróis da revolução, as novas alavancas da história! A arte aqui não é somente a existência de artistas patenteados mas também de toda uma criatividade subjetiva que atravessa os povos e as gerações oprimidas, os guetos, as minorias...

(Felix GUATTARI. 1992. Pg.115.)



Fig. 09. Rocambólide - grupo FORA. rolo de juta, folhas, terra e sementes. 2012.

ESCULTURAS

// arte concreta

Vejo jardim como escultura quando Joseph Beuys, artista alemão, planta 7000 mudas de carvalho, numa ação para a Documenta de Kassel do ano de 1972. Ou então quando Agnes Denes, artista húngara, consegue plantar um campo de trigo sobre um antigo aterro sanitário próximo a Nova York no ano de 1982. Não que não houvessem jardins como esculturas antes, nas composições precisas de Versalhes ou qualquer outro jardim anterior, porém, agora eles carregam uma intenção plástica diferente. Qual seria? À primeira vista, percebo que não são mais projetos complementares de arquiteturas ou mesmo planejamento urbano. O paisagismo se envolveu com a arte moderna/pós-moderna de uma maneira atípica, sob aspectos de um paradigma novo, desencadeados pelo **construtivismo**⁴⁵. A arte foi buscar no paisagismo certas técnicas de composição do espaço, justamente após o momento histórico em que muitos artistas decidiram sair de seus ateliês para **trabalhar sobre o espaço físico/so-**

45 Construtivismo é uma tese epistemológica que defende o papel ativo do sujeito na criação e modificação de suas representações do objeto do conhecimento. O termo começou a ser utilizado na obra de Jean Piaget como princípio para a construção de uma pedagogia libertadora e foi incorporado por artistas russos como Vladimir Tatlin, com uma produção estética voltada a universalidade humana.

cial.

No início do século XX vemos as árvores de Mondrian se transformando, deixando de ser representação realística para se tornar cores primárias e formas geométricas. Mondrian queria chegar na essência da imagem, assumir a pintura enquanto tal, a tela planta, o equilíbrio, as formas puras, desmistificar o romantismo das imagens realistas enquanto uma ilusão para incorporar uma linguagem universal de composição formal. Uma iniciativa pela **universalização da arte**, absorvendo, ou sendo absorvido pelo construtivismo, dando frutos ao que seria chamado de arte concreta (*G.B*)⁴⁶, porque nada é mais concreto que uma linha, uma cor, uma superfície...

Já em meados do século XX, artistas não convencidos do processo crítico tomado pelas vanguardas heróicas, em suas buscas por linguagens estéticas pictóricas, decidem por romper de vez o quadro, **sair da tela**, atravessá-la! Foi o que literalmente fez o artista japonês Saburo Murakami, atravessando diversos bastidores enfileirados, rompendo a superfície pictórica com o seu próprio corpo (1956). Continuamos em processo lento de maturação de uma ideia para adentrar na construção de espaços artísticos e, por fim, sujeitos artísticos. A arte enquadrava a paisagem circundante em furos e torções no metal de Amilcar de Castro. Ainda assim o Modernismo tardio continuou contestando os limites da representação enquanto **idealização romântica**. Nesse sentido, o Minimalismo enfatizou a temporalidade da percepção, o movimento do corpo em torno da obra, focando nas condições perceptivas e nos limites convencionais da arte mais do que sua essência formal e o ser categórico, pois acreditavam na interface física com o mundo real, não num espaço mental idealista. (*H.F*).⁴⁷ As obras minimalistas não buscavam mais o espaço em si, arte visual estritamente espacial, mas inauguravam um interesse pela recepção na **arte processual**, dando espaço para o surgimento da body art, as performances, a arte site specific. “O minimalismo anuncia um novo interesse no corpo – mais uma vez, não na forma de uma imagem antropomórfica ou na sugestão de um espaço ilusionista da

46 “Brasil experimental: arte/vida: proposições e paradoxos”. (2005).

47 “O retorno do real: a vanguarda no final do século XX”. (2014).

consciência, e sim na presença de seus objetos [...]” (Hal FOSTER, 2014, p. 58).

O texto de Rosalind Krauss, “A escultura no campo ampliado” (1973), fala do processo crítico, que abarcou as artes no período pós-guerra. O território pós-moderno se volta ao complexo. O híbrido, ao negar a neutralidade e a pureza, busca saídas e desvios para o idealismo do modernismo. Pouco a pouco os processos artísticos se tornaram mais evasivos e surpreendentes, abarcando um campo cada vez mais heterogêneo. Assim, atuam sobre o espaço físico e o corpo, chamando o espectador para compor o trabalho. O lugar da arte passou a extrapolar a tela ou a escultura formal para ganhar campo. A arte, entendida como uma prática social mediadora, busca animar a paisagem, conferindo-lhe novas funções e dando-lhe novos conteúdos. Foram trabalhos que criam **diálogos** diretos com a cidade e a sociedade ou mesmo com a natureza sem necessidade de intermédio de galerias ou de uma linguagem pictórica como superfície de expressão. A participação popular nesses processos passa a ser vista como um possível futuro compartilhado. A arte está nas ruas. O artista do espaço público se lança a tecer relações estéticas com a alteridade, articula encontros, conversas e desloca elementos e pontos de vista, não enquanto figura criadora, mas pela criatividade coletiva despertada. *(H.O)*.⁴⁸

Em outro texto célebre, Miwon Kwon (1997) define os conceitos de *site-specific*, que ampliarão a definição de um jardim como escultura. Em “Um lugar após o outro”, a autora define o *site* como um local de intervenção do artista, sendo fundamental a interação com a natureza do lugar e seus aspectos sociais. O trabalho de arte pode ser a simples percepção: há artistas que registram caminhadas, por exemplo. Assim, os trabalhos de arte *site-specific* partem em sua busca por um vínculo direto com a paisagem, se relacionando com aspectos regionais e se abrindo para especificidades relacionais. Pouco a pouco o termo escultura passa a abarcar muito mais do que a construção e modelagem de volumes. Para além de um objeto, substantivo, a **escultura cria espaços**, verbos.

Entretanto, se acaso os artistas buscam trabalhar diretamente sobre as paisagens como agenciadores da construção de espaços, eles tam-

48 “Museu é o Mundo”. (2011).

pouco podem subverter a conjuntura específica do lugar em questão. São como cubos de espelho de Robert Moris (1965), refletindo e reenquadrando o entorno na medida em que um sujeito se movimenta ao seu redor. Mas o que encontra Robert Smithson em suas saídas pela periferia de Nova Iorque na década de 1970, senão paisagens atormentadas e melancólicas, ruínas das cidades pós-industrial? Não é à toa que o artista conceitua seus trabalhos sobre o olhar da entropia: a tendência física de uma reação a liberar sua energia até chegar ao estado de equilíbrio irreversível, uma deterioração energética. O capitalismo engloba a arte para a criação de subjetividades a seu favor (F.G).⁴⁹ Já a arte marginal, refletindo esse oportunismo, se apresenta grotesca, destrutiva e violenta. As respostas parecem ser sempre do nível entrópico, mas, mesmo assim, ainda se insiste, pois se percebe que, das fagulhas e das sobras desse conflito, surge um contexto de ruptura e descentralização que multiplicam os antagonismos. Não se trata de um combate unívoco, mas de múltiplas experiências micropolíticas. Uma prática-tática para reforçar o papel desses outros lugares, com mais autonomia, produção crítica e libertária.

/

/

/

/

“Para o entendimento de Schiller, o homem deve ser lido como uma obra de arte porque é nesta que está manifesta a totalidade de todo saber livre, fazendo vibrar no contingente logicamente produzido, a universalidade da transcendência” (Jorge Anthonio e SILVA, 2003, p. 5). O texto “Educação estética do homem” de Fridrich Von Schiller, escrito no século XVIII, demonstra haver uma multiplicidade e certas contradições entre o sensível e o racional, as quais poderiam ser conduzidas por recursos estéticos, a criar relações livres entre os sujeitos e sua alteridade. Os objetos artísticos, objetos representativos, seriam meros signos da liberdade e da autonomia, evidenciando um caminho educativo que a arte carrega em si, potência que deve ser transformada em ato pela

49 “as três ecologias”. (1990)

educação. Ao final da travessia da arte pelo século XX, ela incorporou um discurso conceitual que se propõe como elemento libertário nos modos de vida. Para além das utopias modernas, que viam a possibilidade de uma construção totalizadora e, superando a arte enquanto mundo das imitações, tem-se não uma recusa da figuração, mas a destruição dos limites dentro dos quais ela funcionava, para definir as articulações desse novo regime estético como possibilidade de práticas que invertem as maneiras de fazer do cotidiano, as maneiras de ser e formas de visibilidade, para a repartição política da experiência do comum. A partilha estética estaria em criar situações comunitárias de invenção do espaço de vida, uma revolução política a partir de uma realização sensível de uma humanidade comum, uma política da subjetividade a criar modos de sentir e **experiências sensíveis** inovadoras de antecipação da comunidade porvir. (J.R). Valoriza-se a determinação da arte como forma e autonomia da vida. “É esse modo específico de habitação de mundo sensível que deve ser desenvolvido pela ‘educação estética’ para formar homens capazes de viver numa comunidade política livre” (SILVA, 2003). Para isso, tornam-se necessários artistas que elaborem estruturas inteligíveis a atuar na percepção sensível e poética, por arranjos dos signos da linguagem, que despertem olhares para a partilha do comum. Por fim, ficcionalizar o real para que este possa ser pensado e criar estruturas fora dos universos de domínio, a ponto de ver **outros mundos possíveis**.

Foi o que fez o arte-educador alemão Joseph Beuys ao fundar a Universidade Livre Internacional (1973). Ele propõe uma educação que parta de uma **reinterpretação das condições humanas**, em exercícios de descoberta da liberdade criativa, a rever nossos potenciais de **participação do corpo ecológico**, cósmico e espiritual, a partir da nossa própria criatividade. Para Beuys (2010), a sociedade humana foi, no passado, muito evoluída espiritualmente, enquanto no presente se encontra evoluída materialmente. O artista conclui que é preciso pensar num futuro que junte os dois aspectos, sendo da arte o papel dessa conexão. O artista interpreta que o homem moderno está vivenciando uma era extremamente materialista, suplantada pela revolução burguesa. A ciência e a educação se distanciam dos conhecimentos cósmicos e espirituais, para racionalizar a matéria. O homem trouxe para si uma autodeterminação criativa individual, como se estivesse fora das relações com a natureza, moldando a superfície terrestre a seu bel prazer, explorando a terra ao

máximo em função do capital. Uma sensação de liberdade que se pauta no individualismo. Uma liberdade individual que não valoriza a liberdade do coletivo. Não há liberdade pautada na exploração, pois se tenho liberdade de explorar, e todos a têm, logo estarei sendo explorado.

Beuys propõem que o homem moderno deveria assumir a missão de reatualizar a escultura social, redirecionando o conceito ampliado de arte para o trabalho humano. Assim, propôs que “todo mundo é artista”, no intuito de aprimorar o papel de cada um na modelagem criativa do espaço e do cotidiano e da natureza. O conceito de escultura social nos apresenta esculturas para além do universo físico, adentrando em questões filosóficas e espirituais. Esculturas podem compreender a política, a educação e a cultura, pois as mesmas são maleáveis e trabalhadas criativamente pelo homem. Assim, as ideias são a primeira escultura, pois já são modeladas. Já as palavras seriam uma segunda escultura, ainda no universo intangível. A escultura social aparece como práticas estéticas coletivas de produção espacial. O artista se torna um articulador social e tensiona a criatividade e potencialidade construtiva de um espaço coletivo. Dessa forma, cultura é trabalhada esteticamente. Beuys pensa numa revolução a partir da cultura, tendo a arte um papel de libertação que deve ser difundida. As esculturas podem ser feitas por qualquer um, pois todo ser humano é dotado de poder de criação, capaz de modificar a realidade em sua volta. Para o artista não é mais o resultado físico da obra que importa, mas a experiência que a obra gerou nas pessoas, a reflexão, a tomada de consciência. Um desprendimento da arte aos objetos. Arte processo. Arte relacional. Arte lúdica e participativa, minimizando a autoridade do ego, para valorizar a cooperação. **Arte coletiva.**

Esculturas sociais são lugares de partilha da construção do espaço – o trabalho de uma pessoa não está mais ligado ao seu próprio consumo ou status enquanto artista, mas, sim, há uma compreensão das inter-relações de vida do todo/organismo social, que se torna uma massa moldável na qual, quanto maior a interdependência, maior a autonomia, pois a totalidade dos frutos será transferida ao grupo inteiro. Isso não requer uma homogeneização dos sujeitos, mas uma tolerância ativa, onde a multiplicidade se conecta pelos afetos da diferença e interdependência. No momento em que a escultura social se faz ao inter-relacionar os sujeitos de um espaço, ela assume um papel ético, pois demanda de

uma relação de alteridade respeitosa, onde a plasticidade é trabalhada em direção de uma subjetividade coletiva. Assim, a construção de uma escultura social é aquela que promove a vida criativa em uma busca por harmonia e desenvolvimento coletivo. O artista não está mais isolado, produzindo a sua obra a partir de sua “genialidade”, o artista está em campo, articulando o desenvolvimento do sensível entre as comunidades humanas e não humanas, reatualizando as possibilidades da convivência.

o bem-estar de um grupo de pessoas que trabalham juntas cresce na medida em que o indivíduo reivindica menos os méritos do seu desempenho para si, ou seja, quanto mais ele transfere o lucro a seus colaboradores e quanto mais tem suas necessidades satisfeitas não por seu próprio desempenho, mas pelo desempenho dos outros. Dentro de um conjunto de pessoas, todo arranjo que é contrário a essa lei irá, mais cedo ou mais tarde, gerar pobreza e infelicidade.

(Rudolf STEINER apud Joseph BEUYS, 2010, p.30)

Reatualizar as esculturas sociais de Joseph Beuys clama por ensinamentos a respeito da diferença e da cooperação entre os seres e sujeitos, para uma tomada de consciência de si mesmo em meio à natureza, onde a emancipação e a liberdade se alinham às condições de criatividade da vida. Trata-se de espaços coletivos heterotópicos, espaços que funcionam em outras regras que não a do capital. Nesse ensejo, dificilmente essas experiências se firmam ao longo do tempo como espaço social diferencial, mas, ainda assim, iniciam lutas populares que clamam por ecologia em seu sentido mais amplo, trabalhando pela liberdade criativa na relação homem-natureza, reivindicando a transformação de terrenos vagos em jardins. A experiência em si não fica registrada no espaço, que continua constantemente se transformando, mas no sujeito da experiência que guardou em si as suas sensações e aprendizados.

O jardim como escultura social é um espaço ecológico modelado por percepções, diálogos e práticas coletivas em conformidade à liberdade dos educandos, ecologia em sua relação com a estética. Os jardins nascidos dentro de um terreno construtivista não detêm a pretensão de

se enquadrarem nos termos de obras unívocas, autorais, mas, sim, de entender o espaço enquanto construção coletiva. Um jardim não mais a cultivar as espécies sob a tutela do homem, mas **um jardim onde as espécies também cultivam o homem**. Aqui o conceito de jardim se desdobra, deixando de ser aquele velho garten ou giardino, que se conformaram dentro de cercas aos cuidados de seus proprietários, para se abrir aos espaços públicos e comuns onde se criam relações sociais de cuidado com a terra. Jardins Antroposóficos, nos quais o homem, concebido como matéria ativa, entidade vital, criativa, eticamente empenhada na metamorfose e na transformação da estrutura social. O jardim pensado enquanto escultura social visa à possibilidade de transformação criativa do meio em consequência de um corpo social articulado pela cooperação comunitária enquanto partilha do sensível. Articulação política em rede para construção de espaços ecológicos e artísticos. **Pedagogia artística.**

*

// J07 - jardim sem governo

Vejo jardins como escultura social no “Jardim sem governo”, trabalho fomentado pela artista Teresa Siewerdt em um beco no bairro da Barra Funda, São Paulo (SP), onde os catadores/ carroceiros de material reciclado se encontram para realizar a triagem de seus materiais. A artista teve a sacada de perceber a conjuntura do local, um espaço dinâmico e cheio de novos elementos a cada dia, para, então, pedir para os catadores trazerem algumas plantas (dessas que são abandonadas quando murchas ou porque perderam as flores) de suas andanças. Logo o beco ficou cheio de plantas que a artista passou a cuidar e dispor em vasos pelo chão ou prateleiras instaladas nas paredes. Algumas ganharam o solo. O beco, agora chamado de “Jardim sem governo” passou a ser um local mais agradável aos catadores que, pouco a pouco, também começavam a cuidar das plantas e do espaço em si. Surgiam bancos, mesas, estantes, todos entrelaçados aos galhos e folhas.

/
/
/
/

Entrevista com Teresa Siewerdt. Março 2017.

Gabriel: Se você pudesse escolher alguma(s) história(s) que aconteceram (poderia carregar na ficção também) no “Jardim sem Governo” para apresentá-lo para nós, quais seriam? Podes descrevê-las um pouco?

Teresa: Gosto de dizer que o “Jardim sem Governo” é um espaço que me permitiu criar uma ligação intensa com um território específico. Cada vez que dele me aproximo, me preparo para ser atingida por narrativas e interações que exigem um tipo de presença muito peculiar que é sobretudo de escuta. E acredito que foi justamente pela escuta que foi possível começar o projeto, entrar naquele espaço e estabelecer uma relação com ele e com seus habitantes. Mas ouvir um espaço como aquele é lançar-se em uma vertigem de sentimentos que ora nos conduzem à desesperança em relação ao mundo e à sociedade e noutros momentos nos proporcionam verdadeiras ilhas de alegria e regozijo. No “Jardim sem Governo” escutei muitas histórias de violência, mas por trás dessas histórias, que podiam ser de assassinato, agressão, estupro, fome, doença e abandono, percebia uma violência também grandiosa, vinda através de mecanismos de exclusão que se perpetuam através da cidade, dos muros, das leis e até mesmo dos olhares que atravessam e machucam também os corpos. Corpos machucados, abandonados, drogados, marginalizados. Me aproximei deles através do jardim, mas como era eu vista por eles? Não posso responder essa pergunta, mas penso nela constantemente.

O último episódio que foi para mim um dos mais belos presentes que ganhei lá, aconteceu quando constatei que o jardim havia deixado de existir, posto que o comércio de descartáveis havia crescido a tal ponto que havia obstruído por completo o acesso e a visão ao jardim. Nesse mesmo dia, comentei isso com JB, um dos catadores que trabalha no local. JB, sempre que nos vemos, me oferece sua mão para um aperto. O ato não deixa de ser uma prova, posto que sua mão mostra as marcas do seu ofício: calejadas, cheias de cicatrizes, dedos quebrados e uma coloração

escura que recobre a mão e parte do antebraço. Enquanto oferece a mão, JB olha nos olhos com olhar desafiador. Eu lhe apertei a mão e pedi para tirar uma foto de nossas mãos juntas. Depois disso nos despedimos. Um dia depois me avisam que JB havia resgatado as plantas do jardim e havia construído um outro espaço para aloca-las. Foi umas das coisas mais bonitas que aconteceu esse ano para mim.

Gabriel: Queria saber mais sobre os catadores, como se deu sua relação com eles? Como participaram da construção da proposta artística? Houve alguma formalização ou aconteceu de maneira mais espontânea?

Teresa: Antes da ideia do jardim, por conta de trabalhar em empresa situada na mesma rua, conversava muito com os catadores, é algo que eu gosto de fazer quando habito um lugar, saber das pessoas que moram nele, o que fazem, a história do local e dos poderes que atravessam ele. Então, quando quis fazer o jardim, já havia feito essa aproximação, já conhecia os poderes emaranhados naquele espaço. A primeira coisa que fiz foi pedir autorização para o dono (legal) do lugar e, em seguida, para a pessoa que na época era a liderança local entre os catadores. Havia e ainda há um embate entre o dono, a vizinhança e os catadores, então acredito que de um lado havia a crença de que o jardim poderia promover uma higiene no local e, por outro, de que o jardim amenizaria este conflito. Contratei um rapaz do bairro para fazer as prateleiras de ferro e também os próprios catadores para retirarem o excesso de entulhos do local e fazerem alguns reparos. Enquanto ia construído o espaço com eles, ia contando da proposta das plantas que viriam do lixo. Naturalmente as plantas foram chegando, mas tivemos sorte, porque, logo de início, a uma quadra de distância, haviam descartado muitas plantas, então já começamos com abundância.

Gabriel: Penso que o beco já era um espaço de arte, de vida criativa e resistente como forma de criar arte. Há muita potência nesses estreitamentos, nessas ruas sem saída, logo são tomadas por histórias de vida. Parecem serem cinematográficos, do lúdico ao terror. Mas creio que se garantam como arte quando pensamos estes enquanto esculturas sociais, um processo de cuidado coletivo de um espaço estético. Lá todo dia surgem e desaparecem diversos objetos dispensados e repensados pelos catadores, agora as plantas dispensadas também ganham cuidados espe-

ciais. Como a justaposição do jardim ao beco contribuiu para o olhar de cuidado e coletividade daquele espaço?

Teresa: A coletividade estava sempre se reprogramando, em meio à solidariedade havia muitas tensões e conflitos e acredito que abarcar essa dificuldade de estar junto é tão importante quanto a imaginação de uma coletividade harmoniosa, acho isso um modelo totalitário. Ali, dava para perceber que todos lutavam diariamente por sua existência e, nesse sentido, vejo que o jardim existiu e resistiu no meio daquilo tudo porque não impunha nada, jamais reclamava dos resíduos e da falta de cuidado com o local, mas ia lá e tentava reconstruir constantemente o jardim e, quando fazia isso, reiterava minha relação e meu afeto com o lugar e com as pessoas. O jardim, em certa medida, mediava uma relação entre eles (os que lá moravam e de lá tiravam seu sustento) e eu, que representava esse olhar de fora que, diferente da maioria das pessoas, achava beleza naquilo tudo e me interessava pelo que vinha de lá. Penso em coletividades temporárias que se apagam e se reacendem quando é preciso. O nome “Jardim sem Governo”, escrito na parede, ao lado das prateleiras, enfatiza uma condição anárquica que não poderia ser diferente, já que sua vida e sobrevivência são garantidos, não por imposição, mas pela empatia dos que vivem ali e colaboram com ele. No jardim persiste a busca por uma convivência pautada na cooperação voluntária, no respeito mútuo e no compartilhamento do espaço e suas riquezas, ainda que os conflitos de interesses e o vandalismo não possam ser evitados (aceitamos tudo isso como parte de seu caos constitutivo).

Gabriel: Quando você usa o termo “sem governo” Você fala de um jardim em constante transformação, livre de amarras, mas também parece falar de um lugar livre desse nosso estado usurpador. A liberdade dos jardins é um paradigma a ser construído? São jardins livres da cerca burguesa?

Teresa: Embora existam inúmeros tipos de jardim, muitos deles parecem compartilhar de uma certa aspiração humana pela ordem e pela harmonia, encarnando o desejo humano por habitar um mundo belo, agradável e feliz. Nesse sentido, jardins são recriações do paraíso, utopias vivas na paisagem, ideia e ideal que tende a deslocar-se do resto do mundo e a excluir de seu espaço o que se apresenta como caótico na natureza e

na sociedade. Rosário Assunto, um dos principais filósofos do jardim, via os jardins como espaços totalmente distintos dos espaços de uso e de consumo do cotidiano. Para o autor, um jardim é um pensamento-sentimento que se tornou lugar e, para sua perfeita contemplação e interiorização, é necessária uma certa solenidade, envolta por uma aura de silêncio e solidão. Ao entendê-lo como território contemplativo, Assunto eleva o jardim ao patamar de obra de arte, no entanto, ao fazê-lo, Assunto, escolhe tomar partido de uma visão elitista em relação ao modo como deve se dar seu uso e percepção, criticando os sons decorrentes da balbúrdia, a presença de cães, de mendigos e usuários de drogas, jardins, como diz ele:

Sean públicos o privados, deben hacer que todo el mundo se comporte en ellos como príncipes; en el sentido que el jardín de be ser un lugar de educación estética, donde cada uno de los individuos debe ser enseñado por la belleza del lugar a comportarse como un príncipe. Este es también el sentido de una autentica democracia, una democracia que no sea torpemente igualitaria: es decir, que no se nivele por lo bajo como la democracia de masas.

(Rosário ASSUNTO, 1991, p.65)

Ao construir “Jardim sem Governo” em um espaço urbano de aparência decadente e psicologicamente amedrontador, diversas pessoas esperavam que ele pudesse promover uma “educação estética” através do embelezamento da rua, pois percebi que jardins suscitam esse tipo de expectativa. No entanto, desde sua concepção, não havia a intenção de fazer do jardim um espaço meramente belo e agradável, mas atrair a visão do público para o que havia em torno do jardim e estabelecer vínculos com sua natureza caótica através de sua condição anárquica.

*

// J08 - restauro

Vejo jardins como escultura social nos “potes paisagens” vendidos

como refeições no “Restauro”, restaurante realizado dentro do pavilhão da 32ª Bienal de Artes de São Paulo, como proposta de trabalho do artista Jorge Menna Barreto. A cozinha se tornou laboratório de artes onde os elementos e ingredientes eram colhidos de espaços agroecológicos, agroflorestas, e ganhavam forma e cor pelas mãos de chefes e cozinheiros especializados na culinária vegetariana. Ou seja, houve uma interação entre os produtores agroecológicos, uma equipe de cozinheiros e o artista que compôs o conceito dos potes. Por fim, servidos à mesa, os potes convidam os visitantes da bienal a um pensamento sobre nossa proximidade/ distância da produção de nosso próprio alimento ou sobre como nosso alimento configura nossas paisagens e, sendo assim, de como nossa alimentação circunstancia a transformação do espaço de vida. Somos o que comemos.

/

/

/

/

Entrevista com Jorge Menna Barreto. Junho, 2017.

Gabriel: Conheci seu trabalho pela revista “Urbania 3” (2008), lá você já falava de *site specific* e de traduções. De lá pra cá, pude conversar um pouco contigo e ver outros trabalhos teus, “Sucos Específicos” ou “Restauro”. Parece-me que eles continuam a ter a mesma raiz, voltadas às especificidades dos locais e das pessoas, porém, abarcam um contexto mais marcado pela agroecologia. Esse movimento me interessa, essa relação arte-agroecologia. Como foi sua trajetória de envolvimento com a agroecologia? Como a conheceu? Você fez algum curso?

Jorge: Como você sabe, não é muito fácil pensar em origem quando a gente pensa a partir de sistemas. Há, no entanto, alguns marcos, sempre provisórios, onde posso identificar como o meu envolvimento com a agroecologia se manifestou mais claramente. Primeiro, minha ocupação com as práticas *site specific* já anunciavam um jeito de pensar que mais

tarde identifico como ecologicamente engajado. Quando Robert Smithson diz, em 1970, que deixaria que “o lugar determinasse aquilo que iria construir”, percebo uma mudança radical na forma como o artista entende o espaço, não mais enquanto suporte, mas como colaborador. As práticas *site-specific* surgem num contexto cultural mais amplo, onde paradigmas do pensamento estão sendo revistos em muitas áreas. É nessa época que os movimentos feministas se fortalecem, o ativismo ambiental, a onda hippie, os movimentos estudantis...as práticas *site-specific* em arte fazem parte, portanto, desse contexto de emergência e é muito importante entender como essa pulsação dos tempos tem repercussões no pensamento artístico. Em 2011, durante meu doutorado, me tornei vegano e comecei a buscar saber mais sobre a forma como os alimentos são produzidos.

Tornei-me um frequentador das feirinhas orgânicas, onde me aproximei dos produtores e com quem gostava muito de conversar. Comecei também a ler sobre o assunto e me chamou a atenção, quando cheguei na literatura sobre agroecologia em inglês, que os termos *site-specific* e *context-specific* apareciam com demasiada frequência nesses textos. Entendi, assim, que a “forma de pensar *site-specific*” que tanto estudei e pratiquei em arte era de fato muito mais uma metodologia de trabalho do que uma categoria artística. Foi em 2013, na exposição Campo Neutral no Museu da Gravura em Curitiba que pela primeira vez tive a oportunidade de trazer a público esses meus questionamentos. Uma das obras que eu apresentava nessa exposição se chama “Café Educativo”. Solicitado pelo curador da mostra, Felipe Prando, a servir, além de café, um cardápio para os frequentadores dos eventos que corriam junto à exposição, resolvi que as opções de alimentos que serviria estariam alinhados a uma consciência ambiental mais ampla. Elaborei portanto um cardápio que era todo baseado em plantas (vegano) e cujo fornecimento vinha de uma feira orgânica que acontece ao lado do museu. Interessava-me pensar como esse cardápio também se alinhava aos debates propostos pela curadoria e a forma sistêmica a partir da qual Felipe Prando trabalhou. Foi nessa feira, em conversa com os agricultores, que descobri o que era um modo de cultivo agroflorestal a partir do contato com os produtores da Cooperafloresta, que fica na Barra do Turvo, divisa entre Paraná e São Paulo. Minha participação nessa exposição também se desdobrou em uma oficina no início de 2014 que, inspirado na experiência da feira, chamei de “Agrofloresta e arte no campo expandido: uma vivência na Bar-

ra do Turvo (SP)” para o projeto “Bases Temporárias para Instituições Experimentais”, proposto e organizado por Guilherme Jaccon e Marcos Frankowicz. Como o título descreve, propus que a oficina ocorresse nas agroflorestas da Barra do Turvo, quando, com um grupo de cerca de dez participantes, conhecemos o modo de cultivo dos agrofloresteiros junto à família do seu Ari e dona Maria, membros da cooperativa que envolve mais de 100 famílias que se dedicam ao plantio agroflorestal. Essa foi a segunda vez que fui até esse local e vislumbrei ali a possibilidade de aprofundar esse olhar sobre esse método de cultivo de alimentos que também regenera a terra, além de alimentar muitas outras espécies que não são a humana. Deslumbrado com tudo o que vi e experienciei por lá e também lendo a bibliografia que me foi passada na Cooperafloresta, tal como o livro “Agrofloresta, Ecologia e Sociedade” (disponível on-line) me dei conta que tinha material para uma pesquisa mais longa e propus um pós-doc no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UDESC, ao qual me dediquei durante todo o ano de 2014 e início de 2015 com uma bolsa da Capes/PNPD. Entendo hoje que foi a partir dessa pesquisa que cheguei à ideia do alimento enquanto um mediador privilegiado da relação sociedade/ambiente e que desenha assim as bases para o projeto “Restauro” que eu apresentaria na Bienal de São Paulo em 2016.

Gabriel: No “Restauro” você propõe um ambiente integrador, onde todos os processos gastronômicos estão conectados pela agroecologia, uma justaposição entre produtores, cozinheiros, que visa “envolver” também o cliente/visitante a uma reflexão sobre sua alimentação. Parece-me que olhar os “potes paisagens” vislumbra uma paisagem ecológica, um pensamento sobre nossa proximidade/distância da produção de nosso próprio alimento ou como nosso alimento configura nossas paisagens, sendo assim, de como nossa alimentação tendência a transformação do espaço de vida.

Você acredita que a arte/alimentação possa vir a contribuir para a articulação social em torno da agroecologia? Quais os resultados colhidos? Quais os desafios futuros?

Jorge: Gosto muito de pensar a floresta como uma matriz de pensamento sobre a diversidade. Entendo que a arte, assim como a alimentação, contribuem, sim, para essas articulações em agroecologia. Beuys, que

você menciona, já trazia essa plasticidade em um pensamento híbrido que, mais do que fronteiras entre áreas do conhecimento, propunha pontes e ligações, relações de contiguidade. Isso é sistêmico e ecológico! Quando fiz o “Restauro”, muitas pessoas ficavam buscando o que tinha de arte naquela proposição. Olhavam para o pote paisagem e diziam: “ah, entendi, isso é arte!”, provavelmente a partir de uma perspectiva da arte enquanto produtora de objetos estéticos. No entanto, gosto de pensar que “Restauro” não carrega em si um DNA artístico. Digo, intrinsecamente, não é um objeto de arte. O que proponho a partir dele é que ele possa ser lido a partir da arte, usando ferramentas teóricas e conceituais para inscrevê-lo na reflexão sobre arte. Claro que o fato de estar numa Bienal de Arte ajuda a fazer isso, mas entendo que “Restauro” possa ser lido a partir da economia, da ecologia, da educação, da geografia... enfim, nada nele garante o seu estatuto enquanto obra de arte. Veja bem, isso não quer dizer que eu negue a arte. Pelo contrário, utilizo-me dela para pensar noções de participação, por exemplo, site-specificidade ou até mesmo escultura. O desafio futuro em relação ao “Restauro” é pensar em um braço discursivo/publicação que dê continuidade ao projeto e às discussões ali envolvidas. Durante a Bienal, houve um rebaixamento da discursividade envolvida na obra. Decidimos respeitar a vocação do lugar onde o trabalho estava exposto para ser um intervalo na exposição, um lugar de descanso e “brecha” numa mostra que, em geral, pode ser bastante cansativa. As pessoas chegavam no restaurante e queriam tomar uma água, um café e comer algo. Raras eram as que tinham alguma disponibilidade para conversar sobre a proposta. Decidimos portanto “conviver bem” com esse aspecto da situação que habitávamos e não insistir em imagens ou textos que falassem sobre o projeto. O que resultou foi que muitas pessoas entravam e saíam do “Restauro” sem saber que estavam diante de um projeto que fazia parte das proposições da mostra. Apostamos, a partir disso, naquilo que chamei de “mediação celular”. Por exemplo, por mais que uma pessoa não soubesse nada sobre a obra, café que ela tomava ali dialogaria com as células do seu corpo de um modo diferente de um café convencional. Nesse sentido, entendíamos que a nossa comida continha uma informação específica que não era para ser lida discursivamente, mas metabolicamente. A essa informação específica chamamos de “florestidade”, um certo espírito da floresta que fica marcado nos alimentos que são produzidos dentro de ambientes altamente diversos e que são fruto de relações de complexidade. Sendo o alimento um prota-

gonista no “Restauro”, fazia sentido pensarmos nessa forma de mediação que não estava centrada no verbo. No entanto, havia “bastante verbo”, muita coisa para ser dita e que acabou sendo represada em função dessas escolhas metodológicas. Esse represamento temporário na verdade era um adiamento. Na época, imaginava que a riqueza discursiva da obra poderia ser mais bem explorada no formato de publicação, de leitura, do que no formato expositivo. Lançou-se, assim, o desafio de pensarmos em um livro do “Restauro”. No entanto, não gostaria que esse livro fosse sobre o “Restauro”, mas, sim, uma itinerância da obra para o meio impresso, trabalhando a partir das especificidades desse novo meio. Com certa lentidão, tenho me dedicado a isso nos últimos meses.

Gabriel: Se lembrarmos do programa ambiental proposto por Hélio Oiticica vemos que a arte é uma ferramenta importante de conscientização ambiental. Você está agora atuando como professor, artista-educador na UERJ, tendo a possibilidade de intervir nas práticas reflexivas e críticas de coletivos de estudantes, uma posição privilegiada para a construção de novas subjetividades, articular e tensionar a criatividade e a potencialidade construtiva do espaço social. Como a pauta ecosófica/agroecológica está colocada em sua sala de aula em artes visuais?

Jorge: O texto que traduzi “Uma introdução ao pensar como uma floresta” foi um divisor de águas para mim. A partir dele, entendi que a floresta não é um lugar físico apenas, mas um modo de estar e viver, que inclui a diversidade, a complexidade, a permeabilidade e a escuta a outras espécies que não a humana. Em sala de aula, independente do assunto que é tratado, busco “atuar como floresta”. Busco fugir de uma abordagem doutrinária no sentido de controlar os assuntos que serão debatidos pelos alunos. Costumo trabalhar muito a partir de uma escuta, da busca de perceber o que motiva cada aluno e trabalhar a partir dessa diversidade. Algumas vezes os assuntos que pesquisam parte dos alunos, tal como o veganismo ou mesmo a floresta, mas não costumo abordá-los a partir da minha perspectiva. Entendo que a perspectiva ecosófica/agroecológica apareça em minhas aulas muito mais a partir da metodologia de trabalho do que como assunto, nesse sentido. No “Restauro”, procurava pensar sobre o que chamei de Pedagogia de Floresta, imaginando que a floresta pode servir como uma matriz de pensamento e linguagem, mas que não necessariamente retornem para ela enquanto representação. Gosto muito, assim, de pensar a floresta desterritorializada, para além da

floresta física/literal.

Gabriel: Pensando na sintropia que envolve o cultivo agroecológico da terra, pensaremos num sistema vivo que se fortalece na relação entre as espécies, uma soma energética. Esse mutualismo transforma pouco a pouco o espaço de vida, chegando ao clímax em forma de floresta. Para o artista educador Joseph Beuys, a floresta seria a maior exemplo de escultura social existente. Esculturas sociais são lugares de partilha da construção do espaço. No entanto vemos a nossa sociedade suprimindo as florestas. Há uma possibilidade de conexão entre cidade e floresta?

Jorge: No “Restauro”, procurávamos pensar o restaurante como um non-site da floresta, para citar Smithson. Cidade e floresta, pavilhão e zona rural, não estavam em oposição nesse sentido. Assim como em Smithson, o non-site é constitutivo do site. O alimento era entendido por nós enquanto um extensor da floresta e que, a partir da florestidade que contém, pode contar a sua história e encharcar os corpos e as células de quem o consome. Idealmente, não só encharcar, mas alimentar e RESTAURAR o que ainda resta de floresta em nós. É importante lembrar também que o subtítulo da obra “Restauro” era “Escultura ambiental”, termo que vem de um hibridismo entre as ideias de Beuys e Oiticica que você também cita: Programa Ambiental + Escultura Social.

Gabriel: Jorge, como se lê a terra?

Jorge: Acho que uma possibilidade de leitura é justamente a partir do alimento que a terra produz, conforme descrevi acima. Essa leitura se dá por cada célula do nosso corpo, mais do que por uma imagem retiniana ou mesmo intelectual. Gosto de pensar em um sistema digestivo expandido, que não começa na boca e não termina no ânus. Nosso sistema digestivo começa na terra. Teríamos que reaprender a desenhar o nosso sistema digestivo. E no intestino, produzimos terra e podemos também devolver sementes ao solo, tal qual as espécies dispersoras/agricultoras, como o morcego, a anta, os macacos, os micos, os pássaros... A ideia de ler passa a ser então uma ideia de participação em um sistema mais complexo do que o da contemplação.

*

//J09 - terrários

Vejo jardins como escultura social nos terrários produzidos pelo grupo FORA, apresentados na exposição “Arte para uma cidade sensível”. Uma chamada de arte jardim feita a partir da distribuição de pequenos recipientes, os quais ficariam sob os cuidados dos participantes do projeto por alguns meses, até serem convocados a participar de uma exposição coletiva em um museu. Aqui a relação de escultura pôde ultrapassar as relações humanas para configurar espacialidades criadas interespécies.

/

/

/

/

Dentre os inventários artificiais das possibilidades de **reconhecimento da terra**, os terrários são exercícios de sentir a terra em espaços conformados dentro de pequenos recintos fechados. Fragmentos de terra que, no fundo, se comunicam, restam, resistem e revingam em nosso meio urbano e, ainda assim estão submetidos a características próprias de um arranjo específico feito em uma parceria homem/natureza⁵⁰.

50 São, portanto, algo muito próximo dos bonsais que surgiram há quase 3000 anos atrás como cultivo de árvores anãs em bandejas (tigelas achatadas – “pun” – foram feitas de barro no que hoje chamamos de China desde cerca de 5.000 anos atrás, “tsai” – cultivo, o puntsai era o cultivo de espécies em bandejas, algo próximo do “un ching” “paisagem em bandeja”, agora chamado penjing). Modelagem sagrada/religiosa sugerida pela teoria dos cinco elementos chinesa (água, fogo, madeira, metal e terra) que desmembrou a ideia da potência das réplicas em miniatura. Essas, quando incorporada pelo Budismo Zen japonês, voltam-se ainda mais para uma única árvore como representação do universo. Já no século XIX surgem os chamados “Wardian Case”, os primeiros terrários fechados com cobertura de vidro e, de fato, a origem do termo terrário, que virou uma moda de cultivo em casas do período vitoriano. Mini estufas, criadas por botânicos na Londres industrial do século XIX, servindo de viveiros com ar limpo e úmido, nos quais se pode organizar os grandes sistemas dentro de um pequeno recipiente e, com isso, facilitando o transporte dos microssistemas (espécies de plantas, de microfauna, produzir a fotossíntese, o ciclo da água, a atmosfera quente e úmida das florestas, ambientais), de um lugar a outro, possibilitando aos mercadores carregar espécies de plantas vivas através de milhares de quilômetros (Bagshaw WARD, 1952).

Em nosso caso, Grupo FORA⁵¹, tudo começou com uma ideia de preservação de espécies que seriam suprimidas pelos aterros e terraplanagens de terrenos em viés de construção civil. Alguns anos atrás, enquanto investigávamos terrenos baldios da cidade de Florianópolis, fomos conhecendo umas plantas ruderais, daninhas, pioneiras, dessas que racham o concreto e vivem nos entulhos numa boa. Muitas dessas plantas são bem famosas e apreciadas pela cultura popular, a assa peixe e a espada de são Jorge, por exemplo. Ao mesmo tempo muitas dessas plantas estavam esquecidas e abandonadas à própria sorte dos terrenos baldios e geralmente acabavam cortadas pelos jardineiros ou soterradas pelos tratores. Queríamos arrumar um modo de valorizar essas plantas, afinal, são elas as pioneiras a recuperar e trazer vida ao solo devastado, sendo, de certa maneira, as plantas mais adaptadas às nossas condições urbanas. Começamos a coletar sementes e mesmo transplantar essas daninhas, para cultivá-las mais próximas de nossos cotidianos e, assim, surgiram os “Canteiros Flutuantes” – vasos feitos em caixas de madeira típicas de feira, preenchidos com substrato e plantas recolhidos em terrenos baldios.

Certo dia pensamos em uma ação política pautada no deslocamento das plantas para a calçada em frente ao canteiro de obra, nos largos do centro da cidade, esperando por adoção e providências dos cidadãos. Plantas “sem terra” em busca de novos jardins. A partir da inserção de vasos caixas em um contexto público, cria-se um diálogo com a população a fim de evidenciar a condição de abertura, respiro, germinação e biodiversidade presente nos terrenos vagos. Na medida em que as plantas e arranjos feitos em terrenos baldios são levados a outras áreas, evidencia-se a condição de fragilidade e submissão ao comportamento humano dessas espécies. Os arranjos encontram-se em caixas de madeira, então, as plantas só terão viabilidade para continuarem vivas no caso sejam

51 O grupo FORA é um grupo de arte surgido em Florianópolis (SC) (composto por Bruna Maria Maresch, Camila Argenta, Gabriel Scapinelli e Nara Milioli) que trabalha, sobretudo, com processos de vivência em jardins comuns, ou seja espaços abertos ao público, sem controle direto do setor privado e do institucional, tomados por cidadãos. Criam-se jardins onde antes havia terrenos baldios. A construção de elementos atrativos (performances, ocupações ou instalações) são a principal tática do grupo. É preciso parar para ver o jardim e todos estão passando apressados. Pensamos em dispositivos a possibilitar encontros e permanências nos jardins: para um sapo, uma lagoa ou até um pequeno vasilhame com água; para um passarinho, uma casinha e até, quem sabe, uma aroeira-vermelha; para um homem, um banco, um canteiro com plantas ou música e uma fogueira.

adotadas e plantadas. Dai veio a ideia de construir estantes para distribuí-las, projeto realizado em parceria com o museu Victor Meirelles, chamado “Adote um jardim - Aroeira, vassoura, picão e cia”.

Em 2016, quando fomos convidados para reatualizar o projeto “Adote um jardim”, agora na cidade de Belo Horizonte e pensando numa montagem da exposição coletiva “Arte para uma cidade Sensível” de curadoria de Brígida Campbell, no Museu Mineiro, vimos uma chance de desdobrar o projeto em uma ação mais propositiva por parte do público: ao invés de adotar um jardim, ele poderia doar um jardim. Como ferramenta de investigação e prática artística, naquele momento os “terrários” viraram uma chamada de arte jardim realizada pelo grupo FORA. O intuito do proposto foi convidar “jardineiros” urbanos a trabalharem sobre os terrários, para, depois, os colocar em exposição, criando uma rede de encontros e diálogos. Propusemos a distribuição de caixas de madeira, confeccionadas pelo grupo FORA, para “artistas” que tiveram um pouco mais de um mês e para confeccionar seus “cenários” dentro desses terrários para, então, devolver esse objeto transformado para a exposição. A ideia parte de uma proposição da investigação dos jardins ordinários da cidade, assim como da investigação dos jardineiros, seus símbolos, suas técnicas, suas dificuldades. Pensamos em caixinhas de madeira que carregassem uma inscrição dizendo “terrário”. A ideia é que se tornassem veículos multiplicadores, pontos de referência, monumentos transportáveis, tal como as caixas de madeira de Joseph Beuys: 12.000 caixas na quais o artista inscreveu “intuition”, caixas a serem tomadas por sujeitos, por suas intuições, onde se poderia guardar qualquer tipo de afeto (BEUYS, 2010). No nosso caso, com os terrários, o cultivo das sementes, dos musgos, dos cogumelos, dos capins.

Você está convidado a doar um pedacinho de jardim.

Estamos distribuindo caixas aos interessados em participar desta CHAMADA que tem o objetivo de criar uma espécie de mapeamento de jardineiros. Se você quer receber uma caixa, escreva para a gente. Ou utilize qualquer outro objeto que possa se transformar em um terrário. Em setembro/ outubro de 2017 os Terrários serão reunidos no Museu Mineiro para a exposição “Arte para uma cidade sensível”. E ali ficarão em exposição sobre uma estante botânica montada no jardim interno do museu. Os jardineiros serão os expositores.

Esta estante funcionará como espaço de troca de objetos, narrativas de jardim e saberes relacionados às plantas e seus usos. Ao final da exposição, a troca e a doação dos terrários.”

(Grupo FORA, 2017).

Terrários. Múltiplos em polifonia como fragmentos simbólicos dispostos numa colcha de retalhos, no caso, uma estante botânica. Um termo geralmente usado para pequenos recipientes onde se cultiva a terra e seres terrestres, pequenos frascos. Podem conter terra, areia, plantas além de outros elementos, como pedras e amuletos. Um micro cenário onde se observa o comportamento de seres vivos. Dispositivos de subjetividade ecosófica. Buscam a Terra como elemento vivo, integrante de nossa autopoiesis. Terra entendida como sendo um bem da natureza a serviço de toda a sociedade. Ou seja, a Terra como bem fundamental à vida. A Terra, essencialmente, não é uma mercadoria, mas um ecossistema de simbioses e mutualismos, onde a vida cria condições para sua própria existência. Terra como ente cosmológico. O homem é o que a Terra, ou o solo, faz dele. (A.P).⁵² Pequeno vaso, terra portátil, relevo móvel, o vaso como dispositivo⁵³ que, de modo geral, funciona como linhas de conexão, no caso entre o corpo e a terra, resultado da minha, da nossa relação com a terra, da conversa entre essas relações. Sujeito e objetos inseparáveis. Espaço percebido, construído e simbólico. Caixas afetivas, fragmentos simbólicos de jardim.

Catalogar esses terrário é um exercício de criação de micro histórias, ou melhor, nano histórias. Uma tática de redução de escala como busca por brechas no sistema normativo do governo, por evidenciar pluralidades possíveis. A composição de micro jardins é uma metáfora para a condição de supressão da natureza dentro do contexto urbano neoliberal que, mesmo com todo o seu fluxo permanente de consumo/destruição, não elimina por completo a relação do homem com a terra: os jardins revingam nas frestas. As visitas aos jardineiros e as rodas de

52 “Manual do solo vivo: solo sadio, planta sadia, ser humano sadio”. (2016)

53 Para o filósofo Giorgio Agamben (2014) dispositivos pode ser qualquer coisa, que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes. O dispositivo tem sempre uma relação estratégica concreta e se inscreve numa relação de poder. Funcionam frente à urgência de se obter um efeito mais ou menos imediato.

conversações sobre pequenos terrários foram os primeiros passos para a cartografia errante em busca de estudo sobre jardins informais urbanos, seus usos comuns e transgressores. Jardinagem de guerrilha nas lutas por terra, empregando-se pequenas ações para construir pensamentos e conhecimentos necessários para produzir novas formas de cooperação e comunicação que, por sua vez, produzam novas subjetividades em um corpo comum e democrático. O comum é o espaço de partilha, espaço partilhado, que se faz como rizoma, sem centro. Trabalho imaterial de produção de subjetividade, criando novas formas de vida social: “somos uma multiplicidade de formas singulares de vida e ao mesmo tempo compartilhamos uma existência global comum. A antropologia da multidão é uma antropologia da singularidade partilhada.” (M.H & A.N).⁵⁴

A distribuição e coleta dos terrários fluiu numa deriva casa a casa, ou caso a caso, e nos aproximou do cotidiano de diferentes pessoas, até então desconhecidas, e ver como as histórias das plantas nos aproximava, sendo, então, as próprias plantas as mediadoras de relações humanas sensíveis. Entrávamos nas casas, tomávamos café, víamos os jardins, escutávamos os motivos que levaram à composição de cada terrário, os quais refletiam cada sujeito⁵⁵. A comunidade rastafári nos devolveu um terrário cheio de alimentos, tomates e cebolinhas; o pesquisador de PANCS nos devolveu um com plantinhas aromáticas que desconhecíamos, uma estatueta de Buda sentado ao meio; a frequentadora de terreiros de umbanda nos devolve um terrário com uma planta de proteção, chamada de “abre caminho” ou “quebra de demanda”. A vendedora de vasinhos das feiras da cidade ofereceu um terrário repleto de suculentas. Já a professora de arquitetura devolveu um terrário com uma palmeira exótica; o morador da favela da serra, um terrário com cactos típicos da serra do curral; a moradora do condomínio vertical de luxo, um terrário ornamentado com tecidos colados e um passarinho de mentira na aba da caixinha, ao centro uma suculenta exótica; a artista visual, uma caixa de samambaias selvagens e também uma caixa manifesto cheia de notícias de

54 “Multidão. Guerra e democracia na era do império”. (2005)

55 Participaram do projeto o coletivo Roots Ativa, a casa Vrinda, Maria Cecília Vidal, Gabriela Leirias, Teresa Siewerdt, Paolo Scapinelli, Erica Mattos, Diego Fagundes, Virgínia Cândida, Lucas Mourão, Marcos Aurélio da Costa, Igor Vinícios, Nica Rodrigues, Luíza Fainblat, Artemis Garrido, Camila Vieira, Louise Ganz, Betânia Silveira, Luciana Sousa Bragança, Adriana Barbosa, Renata Marquez, Bárbara Moraes Basseto, Bruno Araújo, Otávio Arcanjo, Vânia Buxbaum, Nayara Zagnoli, Wilson André Hirle, Maira Lima, Paulo Roberto Xavier, Pompéia Tavares, Sophia Carvalho e Gabriel Pundek.

jornal coladas, relatando abuso sexual, ao centro boldo para curar o estômago; o designer, uma caixa com grama amarrada do lado de fora; e, finalmente, a professora de artes nos devolveu cinco cactos alinhados como se fossem dedos saindo da terra. Obviamente há muito mais histórias por trás de cada sujeito e sua escolha de composição. Uso dessa redução apenas para exemplificar a diversidade encontrada e a relação íntima gerada entre sujeito-terrário.

De fato as plantas carregam narrativas dos saberes populares encantadores, são ótimas articuladoras de conversas, simpáticas e atenciosas. Na abertura da exposição paravam muitos para conversar, foram contadas diversas histórias⁵⁶. E o incrível foi ver como nessa troca, pouco importava classe social ou hierarquia profissional/ cultural. Todos falavam de igual pra igual. Também incrível foi ver nessa troca pessoas muito simples, moradores das favelas, ali, presentes como expositores, participando de uma socialização no museu, lugar geralmente tão segregado. Após a abertura, os cuidados com a estante botânica vieram espontaneamente dos trabalhadores do próprio museu, os vigias, faxineiros, zeladores sobretudo. Eles regaram os vasos durante todo mês que a exposição ficou montada, o gosto por cada vasinho ficou evidente na ora da desmontagem, pois no momento em que abri a estante a coleta livre, estavam todos já demarcados para cada funcionário, não restando ali, em poucos minutos, nem mesmo terrário morto.

Um olhar desatento dirá até que essa obra se parece com garatujas e empilhamento de sucatas ou mesmo alguém mais criterioso ficará confuso com uma certa insolência pelo uso de materiais tão ordinários e produção de arranjos botânicos tão despreziosos. Justifico que conduzimos um processo de conversas e práticas improvisadas com jardineiros urbanos. Esculturas como palavras como diria Beuys. Lembrando que qualquer vaso pode ser jardim: o cuidado com a terra pode ser arte! Um olhar para o processo de cuidado de pequenos redutos de terra que ainda existem. Os terrários não são frondosos, espetaculares ou exuberantes, mas, sim, uma bricolagem de cacos de madeira com plantas ordinárias, cenário poluído em ruínas, despertando a resiliência. Os terrários não buscam pela beleza clássica, não buscam se fazerem como ornamentos de salas de estar,

56 Algumas dessas histórias foram documentadas na oficina de narrativas de jardim oferecida no setor educativo do museu e podem ser acessadas pelo link: <<https://issuu.com/gabrielscapinelli/docs/graficabotanica>>.

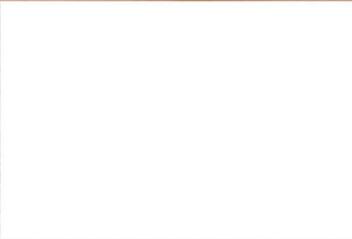


Fig. 10. Mosaico de fotos - esculturas sociais. Restauro, fotos de Jorge Menna Barreto. 2016. Jardim sem Governo, fotos de Teresa Siewerdt, 2016. Adote/Doe um jardim, fotos do autor, 2017. (verso).

REFAZENDA - JARDINAGEM E MICROPOLÍTICA
05
RESILIÊNCIA





Fig. 12. Coivara. imagem do autor. Nanquim e guache sobre papel, 15x21cm, 2011.

buscam por criar redes de conversações sobre a conjuntura do acesso / cuidado com a terra na cidade contemporânea.

RESILIÊNCIA⁵⁷

//J10 - vaso reciclado

Na minha mudança de Florianópolis para Belo Horizonte trouxe comigo um pequeno vaso. Deslocamento de terra. Eu queria continuar acompanhando o seu desenvolvimento, pois afinal já fazia alguns anos que eu o observava e sentia nele algumas metáforas do meu próprio ser. O vaso é um resultado da minha relação com a terra. Sujeito e objeto inseparáveis. Espaço percebido, construído e simbólico. Uma paisagem.

A partir desse vaso posso compor algumas histórias: de como foi feito a partir de modelagem de barro sobre embalagem plástica (uma garrafa de água de cinco litros no caso). Ou de como coletei seu substrato em um terreno baldio, pedriscos e areia do meio dos restos e destroços

57 Resiliência: “Capacidade das substâncias para a ocupação de um outro espaço”. Resiliência é um conceito que permeia a biologia e a psicologia, como capacidade de recomposição de um “corpo/ ser” após o sofrimento de traumas. Em ecologia, resiliência (ou estabilidade de resiliência) é a capacidade de um sistema restabelecer seu equilíbrio após este ter sido rompido por um distúrbio, ou seja, sua capacidade de recuperação. A mata queimada, por exemplo, logo estará repleta de frutos pelo potencial biológico que permanece vivo naquela terra. A terra como elemento vivo, se cultivada ou mesmo deixada tranquila, retoma sua jornada de crescimento. Para os psicólogos, um conjunto de suportes afetivos pode fazer o sujeito se reerguer depois de “tombos”, troços psicológicos. A resiliência é essa capacidade de o indivíduo lidar/ superar traumas, reconstruir-se. Nos dois exemplos, o trauma é superado por movimentos lentos: o cultivo, o luto e o próprio tempo. É preciso haver uma inversão de um ambiente de perda de energia para de ganho de energia. Entropia - Sintropia.

da arquitetura, (naquela época eu era frequentador de ruínas, meio leitor de Baudelaire, meio Smithsonian ou meio errante desolado das paixões frustradas, de como o posicionei em meu jardim na Tapera e ali o deixei semi abandonado e como não havia ali nada plantado, nenhuma muda, eu bem que tentei transplantar algumas daninhas do asfalto, mas elas não vingaram), de como puderam brotar as plantas mais espontâneas, vindas do vento ou dos passarinhos, como surgiram limos, cogumelos ou pequenos capins. Ou mesmo de quais adendos fui colocando em sua superfície, conchas, cinzas, pedras ou palha, de onde eu trazia esses elementos e quais seus princípios simbólicos ou alquímicos. Mas entre todas essas histórias, não se faz ainda a que está por vir, por isso trouxe o vaso.

*

//ervas daninhas

Nomeação originária do termo malaerba. Plantas que geram danos, plantas silvestres que brotam em lugares indesejáveis. Na conotação popular: mato, pragas ou inço. São tratadas como plantas ordinárias que atrapalham o cultivo de outras plantas, se espalham rápido, expansivas, podem impregnar o ambiente. Mas que outras plantas? Existe uma hierarquia entre as plantas? E qual ambiente? O ambiente à mercê da vontade do homem?

As ervas daninhas são plantas que atrapalham o cultivo agrícola convencional (colonizador), no entanto, surgiram e desenvolveram-se junto da agricultura e resistiram à colonização humana da terra, se fortalecendo cada vez mais à medida que eram combatidas, nascendo em meio às culturas cultivadas comestíveis, ambientes artificialmente forjados (*A.P*). Uma distinção entre aquilo que é local, espontâneo ao solo antrópico, e aquilo que é visto como cultivo, a monocultura e as plantas exóticas, principalmente. Uma visão política colonizadora, uma visão sobre a biologia regrada pela economia.

Ervas são plantas de caule macio ou maleável, normalmente rasteiro, sem a presença de lignina ou seja, sem caule lenhoso. Podem ser perenes, anuais ou bi anuais, sendo, em geral, plantas de ciclos de vida

curto, porém com alto grau de dispersão de sementes. Algumas de suas sementes perduram décadas enterradas sem germinar esperando uma quebra de dormência ocasionada por condições específicas para cada espécie: alinhamentos cósmicos (lunares, solares, planetários ou mesmo constelares) e fatores ambientais (química, física, biologia do local). No caso das daninhas podem surgir vindas de um incêndio, um dilúvio, um aterramento e, sobretudo, nos casos de solos desmatados e revirados pelo arado, o trator, terraplanagem. Assim, a maioria das ervas daninhas pode ser entendida como **plantas pioneiras**, plantas evolutivamente adaptadas para a ocupação de áreas onde, por algum motivo, a vegetação original foi profundamente alterada. Criam habitats adequados ao início de uma sucessão de populações, que culmina no restabelecimento da vegetação original. Portanto, são indicadoras de solos pobres de nutriente e se ocupam as fazendas de monocultura, porque a monocultura devasta o solo. As daninhas vêm para recompor a terra: um primeiro passo de potencialização do solo em direção a um clímax biológico. A floresta, o serrado.

Já na cidade, aparecem como uma **sublevação das plantas**: as daninhas, adaptadas até às frestas do concreto, abrem o solo com suas fortes raízes, permitindo que a água e o oxigênio entrem e logo ele estará vivificado. As daninhas urbanas recebem o nome de ruderais e insistem em crescer nos meios fios da calçada, nas rachaduras do asfalto, nos canteiros centrais das avenidas.

Na visão da permacultura todos os seres vivos têm algum propósito biológico para o meio onde se encontram, não fazendo sentido lutar contra a natureza dada, mas, sim, saber trabalhar junto com ela. Assim, se um pasto está infestado de saúvas, não são elas as inimigas do ecossistema, não foram elas que devastaram o local cortando todas as árvores, elas apenas gostam dessas condições e indicam que o terreno está árido. E, com o tempo, serão (também) as saúvas que irão revirar o solo, cavando túneis, que poderão ser importante para canalizar água para as camadas mais profundas, além de cortarem folhas e levarem para o subsolo, nutrindo-o. Se um produtor quer diminuir as saúvas, não deveria envenená-las, mas, sim, cultivar um solo mais fértil, com mais biodiversidade, com maior camada de húmus. O mesmo é dito sobre as braquiárias, capim de fotossíntese simplificada que, ao crescer rapidamente e cobrir o solo, inviabilizaria outros cultivos. Porém, pouco se fala que, da

degradação anterior, a expansão da braquiária revela como a terra estava árida, compactada e pobre de nutrientes. As pioneiras estão por manter a umidade no solo, necessária para culturas mais complexas porvir, podendo também ser vista como um elemento renovador de culturas e, ademais, podem ser controladas com poda, gerando muita matéria orgânica seca, palha, material fundamental para o cuidado com a terra. No entanto são diversas as culturas agrícolas que zelam pelo solo pobre, exposto ao sol, e pelas plantas rústicas que nascem nele - alface, tomate, milho. A biologia que surge espontaneamente nesses terrenos não é problemática ao seu desenvolvimento ecológico, mas, sim, a sua estagnação enquanto solo pobre.

No jardim as daninhas são tidas como aquelas que escapam do projeto, aparecem sem controle algum. Contudo, algumas podem se tornar muito notáveis, com belas folhagens e flores, atraindo insetos e passarinhos. Ao mesmo tempo em que multiplicam-se sem custos, diferentes espécies, estação por estação, ano por ano. Poderiam ser valorizadas, uma potência para jardins que respeitem os movimentos típicos da biologia, que não pretendem determinar fixamente o local de cada planta como o faz o jardim francês - ou inglês - uma cristalização da vida (G.C)⁵⁸. Poderíamos saber de seus ciclos, suas preferências ambientais, colecionar suas sementes, semear quando necessário, usando delas em suas composições, criar bosques de ervas, atraindo para o jardim pioneiras necessárias para uma sucessão de espécies em direção a um clímax biológico.

Palomar, (personagem criado por Ítalo calvino, um senhor observador com nome de um famoso telescópio), tirou um certo dia para cuidar do jardim ao redor da casa onde fez uma composição de um prado com trevo, joio e luzerna, está acorado por arrancar as ervas daninhas que aparecem rompendo o padrão da composição. Porém percebe que quando se está a arrancar ervas daninhas, logo que se encontra outra mais além e outra e outra, tornando aquele tapete que parecia homogêneo uma verdadeira selva. Então percebe como as ervas daninhas estão tão entranhadas em seu gramado que parece que estão protegendo-o, num pacto de cumplicidade. Pergunta-se, então, por que não mantê-las, dar-lhes o direito da convivência em seu jardim, mas cede, pensando ser isso uma quebra de princípios e arranca mais uma. Claro que arrancar mais uma ou outra

58 "el jardin en movimiento". (2012)

erva daninha não fará menor diferença, logo, Palomar estará distraído com outros pensamentos. Sopra o vento, voam as sementes, os pólenes, as relações entre conjuntos subvertem-se (I.C).⁵⁹

*

// J11 - exsicata de ruderais em Barão Geraldo - Campinas (SP)

Ao final do século XIX, entre duas antigas fazendas de Campinas, surgiu um loteamento. Ali chegavam os migrantes pobres vindos da Europa para substituir o trabalho escravizado. Barão Geraldo, um dos últimos escravocratas do Brasil, agora ganha nome de bairro. De lá pra cá os loteamentos se ampliaram à base das terraplanagens e “Roundap”, veneno usado para matar o pasto que antes cobria o solo, famoso “mata-mato”. A terra que antes frutificava café, agora não germina direito, sobrando apenas as saúvas e daninhas ruderais. Seres que continuam sendo suprimidos, arrancados, envenenados - acabam por levar a culpa pelas hortinhas que não crescem, mas não tem jeito, revingam.

A exsicata que segue foi desenvolvida juntamente com a artista campinense Bárbara Basseto. Desenvolvida em formato A3 como convém à criação de um herbário, sendo aqui reproduzidas em uma escala menor. A identificação das plantas foi feita com base no livro de Henry Lorenzi, “Plantas Daninhas no Brasil”, as que não foram encontradas no livro foram identificadas em grupos de identificação botânica do Facebook.

/

/

/

/

59 “Palomar”. (1994)



UFMG - EAD - Cosmópolis
Belo Horizonte - Brasil

Amaranthaceae

Gomphrena celosioides

Det.: Bárbara Bassefo

Brasil - São Paulo - Campinas - Barão Geraldo

Obs.: Perpétua, erva perene, em beira de estrada

Col.: Scapinelli, G. Bassefo, B. No 01

07/03/2018

1 cm
6 cm
esc 1:2



esc 1:2
1 cm
6 cm

UFMG - EAD - Cosmópolis
Belo Horizonte - Brasil

Asteraceae

Tridax Procumbens
Det: Gabriel Scapinelli

Brasil - São Paulo - Campinas - Barão Geraldo

Obs.: Erva de Touro, em canteiro central de avenida
Col.: Scapinelli, G. Basseto, B. No 02

07/03/2018



UFMG - EAD - Cosmópolis
Belo Horizonte - Brasil

Malvaceae

Malvastrum coromandelianum

Det: Bárbara Basseto

Brasil - São Paulo - Campinas - Barão Geraldo

Obs.: Malvastro, em praça pública

Col.: Scapinelli, G. Basseto, B. No 03

25/03/2018





UFMG - EAD - Cosmópolis
Belo Horizonte - Brasil

Sterculiaceae

Waltheria indica

Det.: Gabriel Scapinelli

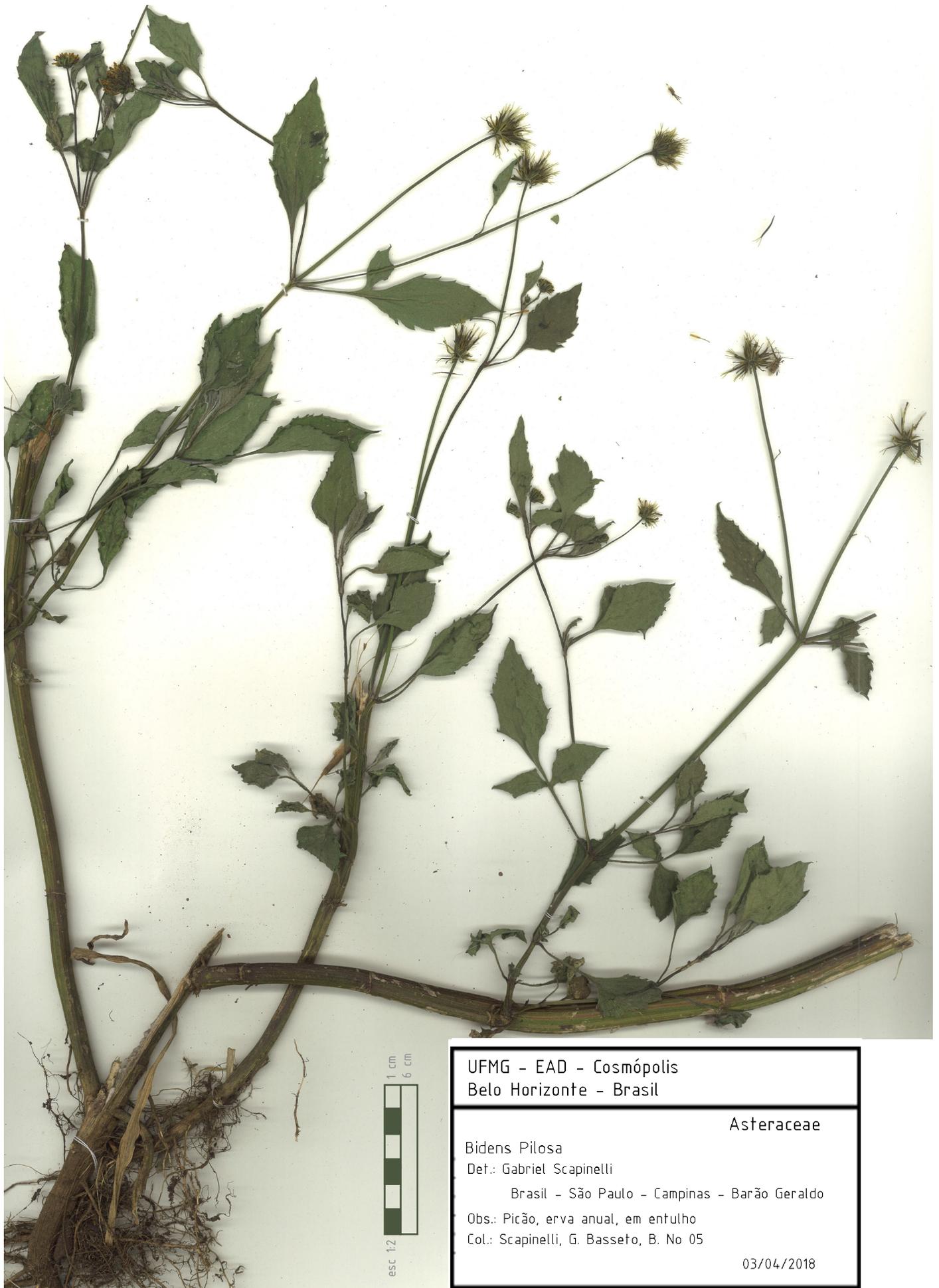
Brasil - São Paulo - Campinas - Barão Geraldo

Obs.: Malva Branca, em pastagem

Col.: Scapinelli, G. Basseto, B. No 04

27/03/2018





UFMG - EAD - Cosmópolis
Belo Horizonte - Brasil

Asteraceae

Bidens pilosa

Det.: Gabriel Scapinelli

Brasil - São Paulo - Campinas - Barão Geraldo

Obs.: Picão, erva anual, em entulho

Col.: Scapinelli, G. Basseto, B. No 05

03/04/2018

esc 1/2
1 cm
6 cm



UFMG - EAD - Cosmópolis
Belo Horizonte - Brasil

Asteraceae

Bidens Sulphurea

Det.: Gabriel Scapinelli

Brasil - São Paulo - Campinas - Barão Geraldo

Obs.: Cósmos, erva anual, em calçada

Col.: Scapinelli, G. Basseto, B. No 06

03/04/2018

1 cm
6 cm
esc 1:2



UFMG - EAD - Cosmópolis
Belo Horizonte - Brasil

Asteraceae

Emilia Sonchifolia

Det.: Bárbara Basseto

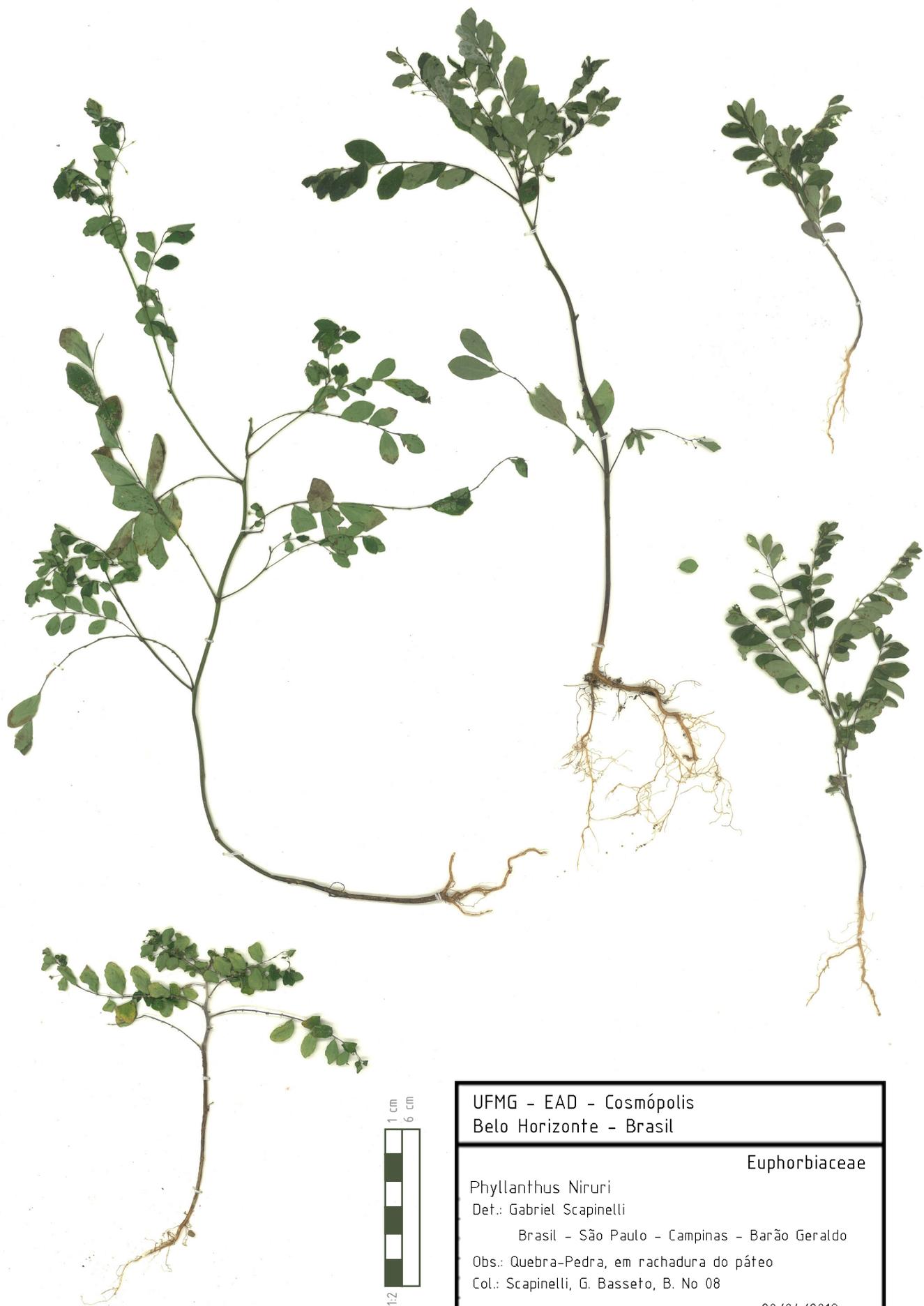
Brasil - São Paulo - Campinas - Barão Geraldo

Obs.: Serralha, erva anual, em rotatória

Col.: Scapinelli, G. Basseto, B. No 07

03/04/2018

1 cm
6 cm
esc 1:2



UFMG - EAD - Cosmópolis
Belo Horizonte - Brasil

Euphorbiaceae

Phyllanthus Niruri
Det.: Gabriel Scapinelli

Brasil - São Paulo - Campinas - Barão Geraldo

Obs.: Quebra-Pedra, em rachadura do pátio

Col.: Scapinelli, G. Basseto, B. No 08

20/04/2018



UFMG - EAD - Cosmópolis
Belo Horizonte - Brasil

Asteraceae

Conyza Bonariensis

Det.: Gabriel Scapinelli

Brasil - São Paulo - Campinas - Barão Geraldo

Obs.: Buva, em casas em ruína

Col.: Scapinelli, G. Basseto, B. No 09

22/04/2018





UFMG - EAD - Cosmópolis
Belo Horizonte - Brasil

Portulacaceae

Talinum paniculatum

Det: Bárbara Basseto

Brasil - São Paulo - Campinas - Barão Geraldo

Obs.: Maria-Gorda, em canteiro de calçada

Col.: Scapinelli, G. Basseto, B. No 10

27/04/2018





UFMG - EAD - Cosmópolis
Belo Horizonte - Brasil

Brassicaceae

Lepidium virginicum

Det.: Gabriel Scapinelli

Brasil - São Paulo - Campinas - Barão Geraldo

Obs.: Mastruz, erva daninha invernã, em terreno baldio

Col.: Scapinelli, G. Basseto, B. No 11

05/05/2018





UFMG - EAD - Cosmópolis
Belo Horizonte - Brasil

Asteraceae

Parthenium hysterophorus

Det.: Bárbara Basseto

Brasil - São Paulo - Campinas - Barão Geraldo

Obs.: Losna-Branca, florada numerosa, em praça pública

Col.: Scapinelli, G. Basseto, B. No 12

03/04/2018





1 cm
6 cm
esc 1:2

| | |
|---|------------|
| UFMG - EAD - Cosmópolis Belo Horizonte - Brasil | Asteraceae |
| Galinsoga Parviflora Det.: Bárbara Basseto Brasil - São Paulo - Campinas - Barão Geraldo Obs.: Picão-Branco, em terreno baldio Col.: Scapinelli, G. Basseto, B. No 13 | 07/05/2018 |



UFMG - EAD - Cosmópolis
Belo Horizonte - Brasil

Ubelliferae

Apium leptophyllum

Det.: Gabriel Scapinelli

Brasil - São Paulo - Campinas - Barão Geraldo

Obs.: Gertrudes, em fresta no meio fio

Col.: Scapinelli, G. Basseto, B. No 14

18/05/2018





UFMG - EAD - Cosmópolis
Belo Horizonte - Brasil

Poaceae

Eragrostis amabilis

Det.: Christian Silva

Brasil - São Paulo - Campinas - Barão Geraldo

Obs.: Lovegrass, em rachaduras do pátio

Col.: Scapinelli, G. Basseto, B. No 15

05/06/2018





UFMG - EAD - Cosmópolis
Belo Horizonte - Brasil

Poaceae

Eragrostis tenuifolia
Det: Christian Silva
Brasil - São Paulo - Campinas - Barão Geraldo
Obs.: Grama Elástica, em meio fio
Col.: Scapinelli, G. Basseto, B. No 16
05/06/2018

1 cm
6 cm
esc 1/2



UFMG - EAD - Cosmópolis
Belo Horizonte - Brasil

Amaranthaceae

Amaranthus Viridis

Det.: Bárbara Basseto

Brasil - São Paulo - Campinas - Barão Geraldo

Obs.: Caruru-Verde, em fresta de calçada

Col.: Scapinelli, G. Basseto, B. No 17

12/07/2018



// terreno baldio

Atenção! Os terrenos baldios podem ser jardins!

Os terrenos baldios já são jardins para muitas crianças com suas bolas e pipas, senhoras coletoras de ervas medicinais, casais em busca de refúgios, muitas vezes estão repletos de plantas floridas, árvores, caminhos e ruínas. Caminhar por esses jardins pode complementar um domingo de sol, podemos convidar amigos para um piquenique, um jogo de cartas, uma roda de chimarrão ao entardecer.

Dessa maneira, podemos dizer que existe um sistema de jardins urbanos em nossa cidade engalfinhados no concreto. Como assim? Não se trata de jardins privados de condomínios, nem são jardins de praças com seus lírios replantados a cada ano, o jardim do terreno baldio é rústico, fugaz, abandonado e espontâneo. Enquanto os jardins dos condomínios e praças ignoram as sementes do acaso e impõem o funcionalismo em suas estruturas, nos terrenos baldios as possibilidades estão abertas a todos que quiserem e puderem interagir com a terra. Ainda assim poucos os enxergam. É preciso inicialmente entrar no terreno baldio, observar, para, então, assimilá-lo como jardim. Compreensão perceptiva, transformadora de hábitos e ações. Durante os últimos anos me detive a certos experimentos dentro desses espaços⁶⁰.

O jardim do terreno baldio não tem cercas, não tem câmeras e está apto a atrair o caos da natureza. Nele encontramos um jardim aberto, sem regras ou planos impostos pelo homem. Os terrenos baldios são ruínas⁶¹ urbanas, lotes com terra revirada e entulhos deixados ao tempo da

60 Muitas dessas experiências estão documentadas no site do grupo FORA, meus parceiros passarinhos. Já em 2012, narrei uma aventura sobre o terreno baldio da Tapera, bairro onde eu morava em Florianópolis. Podem ser acessados em: <<http://foragrupo.hotglue.me/>>; e <https://issuu.com/gabrielscapinelli/docs/caixa_de_areia>.

61 Para Simmel (1998) a arquitetura representa uma luta do espírito humano sobre a natureza, onde se erguem estruturas em sentido oposto ao da gravidade. Já a destruição natural de uma arquitetura, pela sua ruína, torna-se um gesto melancólico para o homem, pois este revê sua postura, sua obra reencontrada com a natureza que revinga em meio aos escombros. Assim ao olhar para uma ruína, o Homem revê sua obra como produto da natureza. Um afrouxamento da tensão de oposição entre passado/ presente ou natureza/

especulação imobiliária. As plantas do terreno se adaptam, surgindo uma a uma, combinando-se, atraindo os bichos, numa colonização biológica. Tudo se interliga em rede, em sociedade, movimento. Estamos falando de um sistema vivo, presente e latente em nossas cidades.

“O lote vazio tem uma potência evocativa sobre a percepção da cidade contemporânea, pois expõe a ausência de uso, de atividade, e ao mesmo tempo o sentido de liberdade e expectativa.” (L.G & B.S).⁶² O terreno vago, ou a gleba vaga, muitas vezes se encontra num emaranhado de lotes ocupados, funcionando como aberturas visuais para a percepção da paisagem. Pensando a cidade ao reverso, não a partir dos edifícios, mas a partir dos vazios, poderiam estes passar a serem livres, abertos, como áreas pontuais de respiração verde e com usos coletivos diversos. Uma reconfiguração do espaço urbano em benefício da paisagem.

O jardim, como terreno vazio, atrai, é espaço disponível, e enquanto não se submete à arquitetura, se destina ao efêmero, à germinação espontânea, à sobreposição atemporal de jogos, experimentações e sonhos, o papel em branco da poesia, pois, como não foi projetado, nele tudo é possível. Para ativar-se a percepção em torno do jardim, devemos lidar com aquilo que há de mais essencial em nossos sentidos, Um processo de aprendizado e envolvimento entre o homem e a natureza, e, sobretudo, na constituição das relações entre os seres nesse jardim. Até podemos nos utilizar dos elementos físicos como dispositivos de percepção, como aglutinantes de coletividade, no entanto, não podemos esquecer que o jardim é uma escultura social e gira em torno dos seres vivos, do espaço e relações entre estes.

A inserção de “elementos atrativos” nos terrenos baldios é um meio de aproximação do jardim aberto ao cotidiano das pessoas (inclusive o nosso). O elemento atrativo é um dispositivo de percepção, algo que desperta curiosidade, desejo, prazer, podendo propiciar uma relação de afeto entre o sujeito e o seu entorno. Bancos, canteiros, passeios, campinhos, trilhas, balanços. O passo de habituar, tornar usual esses espaços, demanda que tais elementos gerem curiosidade, contato, aten-

cultura. “a destruição não é algo sem sentido vindo de fora, mas a realização de uma direção colocada no mais profundo estrato de existência do destruído”.

62 “Lotes Vagos: ação coletiva de ocupação urbana experimental”. (2009).

ção. Pontos marcantes na prática humana da **contemplanção do meio ambiente e da paisagem**, partindo das necessidades estruturais e lúdicas que atraíam o cidadão a entrar, permanecer observar o terreno baldio como um jardim, para, daí por diante, os desejos dos próprios usuários transfigurarem-no. Trata-se de uma estratégia de construção de símbolos e elementos que potencializam o espaço para sua incorporação , sem determinar o fim desse processo.

Através de práticas de jardinagem, podemos usar esses locais de uma forma ecológica experimental, com elas podemos aprender sobre os ciclos das plantas nas estações do ano, notar a chuva, o sol e os segredos da terra, sua partilha. Uma prática de **jardinagem** não só pela beleza estética das plantas e constituição de um local agradável ao homem, mas, também, para a atração e proteção da fauna, para proteger o ecossistema envolvido em jardins urbanos. A abertura dos terrenos baldios da cidade para a sua apropriação, desperta um sistema dinâmico de áreas verdes negligenciados pelo poder público, mas facilmente incorporado pelo cidadão. Um sistema de jardins informais, desprovidos de planejamento, mas repletos de biodinâmica, assim como boas sombras e parterres ensolarados.

/

/

/

/

A estratégia de reservar terras para a valorização financeira, através da usurpação do valor embutido na construção da própria cidade, acarreta em um modelo de urbanização que se desenvolve em torno de vazios urbanos (**F.V**).⁶³ Os terrenos vazios cercam a cidade esperando sua expansão, mas também se mantêm no interior da mesma especulando novos potenciais construtivos. O surgimento desses vazios pode ser relacionado a uma colonização oligárquica fundamentada na propriedade de terra, qual se instalou no Brasil colônia e perdura até os dias de hoje. Porém tais grilagens e concessões não são as únicas formas de controle do

63 “Espaço Intra Urbano no Brasil”. (2001).

solo. O vazio urbano aparece, dentro da conjuntura da cidade neoliberal, como uma estratégia de acúmulo de capital, um investimento perspicaz reproduzido em todas as classes sociais: cercam-se os pequenos terrenos da favela, loteiam-se as dunas para campos de golfe, muram-se as orlas de rios, praias e lagoas; tornando-se, assim, quase impossível encontrar um terreno comunal. Na medida em que a cidade cresce, os vazios vão se transferindo do centro para as periferias como um organismo atravessador da distribuição de terra e renda. Como consequência, há um padrão de assentamentos rarefeito e descontínuo, impedindo que uma massa humana seja beneficiada com bens de consumo e infraestrutura urbana. Chocam-se interesse econômico do imóvel e **função social do imóvel**.

No entanto percebe-se que as manchas de **expansão urbana** que deixam em seu interior muitas áreas vazias, tomadas pelo acaso – demolições, refugio de vias, terrenos cercados etc. Criam em si um verdadeiro sistema de áreas verdes informais. Um arquipélago complexo de espaços ermos onde podemos nos sentir à margem de qualquer controle. Tais fragmentos criam um **sistema rizomático** de áreas verdes na cidade, um tecido biológico minucioso e espontâneo, pois tais vazios suportam em si um dinamismo instável, característico do descontrole da paisagem, a resiliência que insiste em fazer germinar.

Essa terra exposta ao tempo recria seus padrões biológicos, fomenta um processo de vivificação infalível que aos poucos digere tudo aquilo que se apresentava estagnado. Percebemos então que o terreno baldio engloba um grande “sistema de digestão”, consumindo e decompondo até mesmo o lixo urbano, uma energia capaz de reformular as coisas mantendo tudo instável, em transformação. A terra que está sem cultivo, está à espera da quebra de dormência de suas sementes (**C.P.E**).⁶⁴ O ar, a água, o sol, pouco a pouco fomentam a matéria orgânica do solo, criando alimentos para os serem microscópicos, a terra está viva (**A.P**).⁶⁵ Cada semente busca o ambiente propício para a sua germinação, umidade, temperatura, luz, oxigênio e também simbioses com a terra e até alinhamentos cósmicos. Não demora muito tempo e o terreno está tomado, as samambaias, os trevos, os capins, que surgem sobre o solo nu, paciente e hospita-

64 “O jardineiro que tinha fé: uma fábula sobre aquilo que não pode morrer nunca”. (1996).

65 “Manual do solo vivo: solo sadio, planta sadia, ser humano sadio”. (2016).

leiro. Temos um jardim repleto de gramíneas, ciperáceas, asteráceas. Suas hastes, flores, folhagens são diversas e sua harmonia em conjunto é infalível.

Potência e diversidade biológica notada e utilizada por algumas vertentes do paisagismo do século XXI. Trabalham com os princípios compositivos que respeitam a sucessão natural das espécies, numa relação de conceitos amplos, como a indeterminação, a multiplicidade e a simultaneidade aplicados à composição de jardins. Princípios compositivos que têm como base a **autonomia da natureza para buscar equilíbrio** e a necessidade imanente da sociedade em se harmonizar com tal dinâmica, jardins que permitem o acaso, o ócio, a liberdade, sem pretensões estáticas. Gilles Clement (2012) fala-nos do jardim movimento que se desenvolve respeitando a ecologia do solo aproveitando sobretudo aquelas plantas que brotam e se adaptam naturalmente. Nesse sentido, passei a ver em tais vazios não só uma luta política e especulativa, mas, sobretudo, o vazio, como qualidade do espaço. Descobri neles, um lugar de encontro, de experimentações, um lugar para brincar de arqueólogo, de botânico, geógrafo, paisagista. Um lugar que propicia as sensações do mistério, do inusitado, do pitoresco.

*

// J12 dispensar

Em seu dia a dia, a cidade, o bairro e as pessoas geram muitos resíduos, é evidente. Os aterros sanitários estão cheios, os caminhões de lixo passam todos os dias levando todo tipo de coisa dispensada, misturada, esmagadas umas nas outras. Existe um mar de plástico, uma montanha de entulho jogada fora ao final da linha do consumismo - que o digam os catadores, garimpeiros dessa correnteza.

De repente, de um dia para outro, apareceram duas estantes encostadas perto do muro do jardim que cuidávamos no Córrego Grande, em Florianópolis. Grandes, enormes, eram quase que arquibancadas com três ou quatro degraus. Poderíamos pensar muitas hipóteses para a origem de-

las, mas não vem ao caso, deixemos oculto, no máximo tratemos disso como uma experiência de recorte-colagem de um grupo de arte desconhecido ou então escultura de sucata da turma da escola, enfim, aqui, elas apenas apareceram. Estavam ali soltas, meio sem motivo aparente, explicação, remitência, também não eram nada de se estranhar nessas veredas que se bifurcam, nesse universo de conspirações e encontros mágicos. Uma novidade: eram dois novos móveis, duas estruturas rústicas, feitos com tábuas de caixaria sujas de cimento. Surgiam prateleiras no espaço público. Chegando perto podíamos ver objetos dispostos sobre as tábuas, uns seis ou sete. Eram coisas velhas, usadas, mas ainda inteiras: uma garrafa térmica; uma lata vazia com tampa; um rolo de arame; havia até um barco de madeira. Impressionante foi perceber que com tempo, os objetos eram trocados, surgiam coisas novas, outras sumiam. Eu vacilava, dava uma volta e quando retornava ali novamente, tudo havia mudado. A cada dia novos objetos eram apresentados, suspensos, contrastados contra a parede de tijolos laranjas e o céu azul, em uma exposição de objetos dispensados, abandonados pela comunidade, parecendo um ponto de coleta ao desapego para uns e depois uma feira de curiosidades e cacarecos para outros.

Os vasos com plantas, um conjunto de talheres, uma panela de barro foram levados por um menino de azul para seu apartamento kitnet. As garrafas de vidro colorido, os livros de música e discos foram levados na garupa da bicicleta de uma estudante, eu não a segui, fiquei com vergonha. Um senhor magrelo, desses surrados pela vida, pegou um lustre de vidro, coisa mais linda. Os azulejos, as latas de tinta, os produtos químicos, foram levados pelo Guga, aquele mendigo que mora aqui perto, deve estar tramando mais uma. As estantes eram constantemente reabastecidas: havia um empenho nisso. Alguém devia ter passado por aí perguntando nas casas o que poderia ser dispensado, o que está sobrando, o que está entulhando e então levou isso para lá. E daí por diante, os curiosos da vizinhança viram ali três possibilidades: ou levar algo, ou olhar a exposição, ou pegar algo. É claro, as crianças às vezes vinham quebrar as garrafas, mas deixa...! Aparecia de tudo, era incrível. O repertório de objetos curiosos não terminava: bolinhas de gude; flores de plástico; pregos de aço; até comida, moedas, metais e tudo era levado, sumia depois de um tempo e, ao final do inverno, sumiram as próprias estantes.





Fig. 11. jardim castanheiras - Campeche /Florianópolis /SC. 2014. foto do autor.(capa)

Fig. 13. Mosaico de fotos - Resiliência. 2014. fotos do autor. (verso).

REFAZENDA - JARDINAGEM E MICROPOLÍTICA

06

AGRICULTURA URBANA



Fig. 14. Horta das corujas. Aquarela sobre papel, 20x35cm, 2017.imagem do autor.

AGRICULTURA URBANA

// direito à cidade

Reprises de uma conjuntura já esclarecida. Vemos um embate político, um estado de conflito constante que se coloca entre a aristocracia e a democracia. O interesse de uma classe minoritária, oligárquica, que governa pelo acúmulo de poder sobre o interesse de uma maioria pobre e trabalhadora. O capital, a fim de ampliar suas fronteiras para a extração de mais valia, faz avançar um modelo de privatização das cidades para além dos espaços privados e tomam agora pedaços inteiros da cidade e os submetem a uma lógica privatista, subjugando até os espaços públicos sob as égides do consumo, subjugando a cultura sob as mesmas balizas. Ainda assim, como resistência, temos espaços partilhados, o comum, comunitário, espaços públicos, ocupações, espaços de partilha, de solidariedade, que se fazem como rizoma, sem centro, aflorando sob a pele da cidade e desviando-se dos cerceamentos policiais. Cenas de guerra e exclusão. *(M.H & A.N).*⁶⁶

De um lado estão os interesses das instituições financeiras que expandem o capital ilimitadamente pela construção de espaços para a acumulação. A cidade vista como mercadoria criando espaços abstratos a disciplinar os corpos e a sociedade em direção a um domínio estratégico

66 “Multidão. Guerra e democracia na era do império”. (2005)

do capital sobre a vida, biopoder *(M.F)*.⁶⁷ Nesse modelo o Estado funciona como comitê executivo da burguesia gera a liberdade de mercado garantida pela lei, pela força, pela violência, gerando um tratamento igualitário (pelo dinheiro) entre desiguais, a hierarquia de poder pela propriedade, pelos monopólios. *(D.H)*.⁶⁸

X

De outro lado, os interesses do povo, exaltados em experiências de irrupção; insurgências; resistências; ocupações, heterotopias a pensar a paisagem como algo produtivo, onde o cidadão é construtor de seu espaço. Experimentações em direção à cidade que queremos, **COOPERATIVA, acessível, democrática**. Em macro escala, os movimentos sociais por moradia, saúde, alimentação, direitos humanos básicos. Na micro escala, o cidadão ativo, manejando o seu cotidiano e espaço de vida, em direção aos seus próprios desejos, formando espaços comuns de sociabilização, espaços limítrofes das possibilidades, onde algo diferente surge. Por uma vida urbana onde as técnicas, a arte e os conhecimentos estejam a mercê do cotidiano, a fim de transformá-lo *(H.L)*.⁶⁹ Para tanto, é necessária a participação direta dos sujeitos da vida urbana, na produção do espaço, no planejamento do espaço.

Vivemos uma oposição clássica já levantada por Marx: valor de troca (consumo) X valor de uso (cultivo).

Na última década, como resultado contemporâneo desse embate, vemos surgindo uma luta pelo espaço público, por valorizá-lo como resistência ao pensamento capitalista, articulando verdadeiras frentes de luta. Temos como exemplos a ocupação da Praça Tahrir no Egito que, no ano de 2011, foi tomada por milhares de manifestantes que se mantiveram firmes por meses, chegando ao ponto de derrubar o presidente impopular do país e instaurando a chamada Primavera Árabe. No mesmo ano, paralelamente, surge o movimento Occupy Wall Street, manifestação em frente

67 “O corpo utópico, as heterotopias” (2013)

68 “Cidades rebeldes: do direito a cidade à revolução urbana” (2014)

69 “A Revolução Urbana” (1999)

ao centro financeiro de Nova York organizada em assembleias populares, que também se fez constante por meses em protestos contra a desigualdade econômica e social, atuando sob o slogan “nós somos 99%”. Essa sorte de acontecimentos também vem tomando corpo em cidades brasileiras: o Ocupa Estelita como movimento social e cultural em defesa do marco histórico de Recife, uma área de cerca de 101,7 mil metros quadrados, com um pátio ferroviário e uma série de armazéns de açúcar abandonados pelo poder público, pretendida por um grupo corporativo imobiliário cujo objetivo era construir grandes torres empresariais, formando um “novo” centro para a cidade. Há, nesse caso, uma resistência política pelo espaço público da cidade que dura desde 2012 e que freou as obras. Algo próximo do que aconteceu em São Paulo, no movimento do Parque Augusta, luta pela construção/ manutenção de um parque no centro da cidade, um terreno baldio em pleno centro de São Paulo, abandonado há décadas à espera da especulação imobiliária que, no entanto, acolhe um tremendo bosque repleto de biodiversidade. Já próximo do início de um empreendimento imobiliário, os manifestantes tomaram o local e também frearam as obras. Após alguns acordos, formou-se um fórum sobre ecologia social, que promove encontros e debates em torno do tema, conectado às ações e audiências públicas a respeito do terreno (L.V).⁷⁰ A contemporaneidade introduz novas formas de **insurgência** e novos formatos de ocupação ganham corpo nas cidades.

Assim como as ocupações dos movimentos de moradia, estas ocorrem principalmente em espaços residuais, sejam públicos ou privados, zonas sem uso definido ou subutilizados, deixados de lado pelos atores hegemônicos. Praças abandonadas, baixos de viadutos, casarões vazios, terrenos baldios, vielas... Os espaços das novas apropriações são principalmente marginais, fragmentos que não foram escolhidos nem pelo mercado, nem pela administração pública para serem rentabilizados e que são agora ocupados de forma permanente ou temporária por coletivos artísticos, grupos de bairro, e pessoas desejosas de restaurar seu valor de uso, ao mesmo tempo em que constroem para si e para os outros espaços comuns.

(Luanda VANNUCHI, 2017, p. 14).

70 “São Paulo, da cidade de muros à cidade ocupada: insurgências e contradições”. (2017)

Tais ocupações produzem e constroem mais do que formas urbanas, mudam a natureza da relação das pessoas com o espaço público e apontam para uma outra dimensão política e simbólica da cidade. Os processos de ocupação criativa e cidadã refletem desejos coletivos pela produção de espaços compartilhados de reprodução da vida. Exercícios e lutas pelo direito à cidade. Essas ocupações desafiam o sentido tradicional das manifestações públicas ao deslocar demandas por direitos específicos para demandas de menor pragmatismo, como a manutenção do caráter público desses espaços, da sua diversidade, em oposição à sua mercantilização (L.V). As alternativas ainda estão sendo estudadas e comumente acabam sufocadas, desvirtuadas, mas, ainda assim, funcionam como engrenagem para girar o motor das resistências. Vemos surgindo diversas ocupações do espaço público que, por meio de organizações horizontais (facilitadas pelo meio virtual), produzem ações diretas de uso e transformação dos espaços da cidade. São diversas as lutas e resistências pela cidade democrática, pela liberdade da cidade, pela visão de que os interesses coletivos não podem ser suprimidos pelos interesses do capital e, mais, por uma cidade que caminha em direção a esses interesses coletivos, que se transforma e se renova a partir destes. Nesses embates vemos surgindo uma coletividades em processo, uma multidão como nova classe política⁷¹.

O que impede a comunidade de ocupar os terrenos vagos em seu bairro, sendo eles pretendidos pela própria comunidade para gerar benefícios sociais? A propriedade privada do imóvel? Mas qualquer imóvel não deveria respeitar a sua função social da propriedade? E quando essa função social não está sendo respeitada, não deveria ser o imóvel notificado, receber multas sobre o IPTU e, por fim, ser desapropriado com pagamento em títulos da dívida pública a fim de garantir reformas urbanas? (E.C).⁷² Estariam os hábitos sociais suprimidos por um cotidiano empobrecido,

71 Henry Lefebvre (1999) acredita que a classe trabalhadora não se concentra apenas nas fábricas, está dissolvida no espaço urbano, como se fosse a cidade uma grande indústria. Assim, surge a classe cidadã, articulada por meio de políticas de produção e reprodução da vida urbana, liberando seus impulsos e devires revolucionários. Atualizando esse conceito de uma classe plural, Michael Hardt e Antonio Negri (2004) falam da multidão como um sujeito social ativo, que age com base naquilo que as singularidades têm em comum, numa luta pela democracia.

72 “Estatuto das cidades” (2001)

pelo trabalho alienado, pelo lazer passivo compensatório, pela vida privada como nos sugere David Harvey?

A multidão precisa de um projeto político para passar a existir *(M.H & A.N)*. Será necessária, então, uma série de experimentações a **libertar a subjetividade**, para configurá-la como prática a desvincular-se da visão produtivista capitalista para criar o conhecimento à autogestão, por fim, **tomar em mãos OS** rumos da produção e se tornar sujeitos da própria história. Sabemos que a subjetividade é plural e polifônica uma trama entre indivíduo e sociedade. Nesse sentido a produção cultural é chave, um local de disputa, tendo-se que ressingularizar os espaços é tomar partido da construção da subjetividade, agir nos afetos, ativar as paixões, promover rupturas ativas no interior dos tecidos significacionais *(F.G)*.⁷³

[...] cabe especialmente à função da poética recompor universos de subjetivação artificialmente rarefeitos e ressingularizados. Não se trata, para ela, de transmitir mensagens, de investir imagens como suporte de identificação ou padrões formais como esteio de procedimentos de modelização, mas de catalisar operadores existenciais suscetíveis a adquirir consistência e permanência.

(Felix GUATTARI, 1992, p.31)

O urbano como lugar de tensões, conflitos, encontros, enfrentamentos, contradições é o lugar das criações e não de simples resultados *(D.H)*. Ao ocupar a cidade, cria-se desvios sobre a ordem espacial imposta, mesmo que em festas como as do carnaval de rua, as batalhas de rap, ou então em passeatas, bicicletadas e, por fim chegando (aonde queremos falar) nas hortas comunitárias. Talvez estejamos criando ensaios sobre o possível. Mesmo que em **movimentos híbridos**, contraditórios, capturados pelo fetiche, pela publicidade, talvez sejam exercícios iniciais a transformar os espaços e os sujeitos envolvidos, seus pensamentos, desejos. Uma pedagogia social se inicia pela livre circulação dos saberes e ruptura com os conhecimentos hierarquizados, fragmentados, numa luta

73 “Caosmose: um novo paradigma estético”. (1992)

para uma redistribuição do poder político e formação de novos sujeitos. A educação feita a partir de novas práticas espaciais pode trazer a cultura para a ordem do comum, deslocar a cultura do universo do consumo, da mercadoria e reaproximá-la do urbano, por meio de experiências poéticas, por suplantarem um real moldável. Uma lenta maturação humana pela educabilidade inserida no cotidiano.

// Hortas urbanas

Muitas mãos trabalham em hortas, trabalham a terra, juntam as sementes e discutem como plantar, algumas se especializam em flores de diversas cores, outras produzem alimentos em canteiros agroecológicos, se potencializam em criar bio fertilidade, produzem raízes, foliáceas, frutos, alimentam o povo e geram renda popular. Outras funcionam como farmácias, hortos. Outras como escolas ou centros comunitários, articulando **práticas sociais construtivas**. Práticas de agricultura urbana.

A agricultura sempre esteve conectada à cidade, a domesticação das plantas está diretamente associada à possibilidade de criação de assentamentos humanos/cidades. Nasceram juntas. A agricultura se embrenhava nos centros e arredores da cidade antiga ou dos feudos da idade média e, somente no renascimento e no barroco, século XIX, é que os jardins adquirem um caráter exclusivamente ligados ao ócio, à contemplação passiva, rompendo, enfim, a relação entre o espaço verde urbano e agricultura que, por fim, foi excluída do planejamento da cidade moderna com o advento dos combustíveis fósseis. É a partir de então que o rural poderia estar milhares de quilômetros distante da cidade, em latifúndios também industrializados, de preferência **(J.L.G)**.⁷⁴ Porém sempre haverá agricultura na cidade, nos terraços e varandas que seja, trata-se de um arquétipo de subsistência enraizado na cultura citadina humana e surgirá sempre que houver a necessidade de se produzir o próprio alimento **(G.N)**.⁷⁵

Na contemporaneidade a ecologia se fez política frente ao cres-

74 “Por amor às cidades”. (1998)

75 “Agricultura Urbana como ativismo na cidade de São Paulo”. (2018)

cente interesse de apropriação da natureza por parte do capital. Essas lutas ressoam em múltiplos espaços populares, rurais e urbanos, disputam a água, a terra, as sementes e a sabedoria. A agroecologia vem a nutrir os esforços populares para enfrentar a concentração de renda, o rural industrializado monopolizado. Resistência a um sistema econômico, pela produção de alimentos de forma cooperativa, pela redistribuição, partilha justa do solo.

Temos como exemplo chave o modelo de agricultura urbana desenvolvido em Cuba após o fim da URSS. Segundo Mario Gonzales e Catherine Murphy (2011), Cuba sofreu de uma enorme crise de abastecimento com o fim do governo soviético, precisando reinventar os seus modos de vida. O chamado período especial foi uma época de escassez de insumos agrícolas, alimentos e combustível, produtos que eram trazidos de fora. Como estratégias para criar maior autonomia produtiva e superar a crise, o governo implementou diversas medidas: criou um programa nacional de agricultura urbana, a dar suporte aos produtores, produzindo, paralelamente, bancos de sementes, centros de pesquisa agrícola, grupos de controle biológico de pestes, clínicas veterinárias públicas e subsídios a artigos agrícolas. Em 1993 chamam permacultores australianos para dar assessoria à produção urbana, foi então que trabalhou-se com a recuperação do solo urbano pela aplicação sistemática de composto orgânico e criação de mão de obra local qualificada. Ao mesmo tempo, o modelo de reforma agrária implementado nos arredores da cidade permitia pequenos produtores se articularem em cooperativas de trabalho, criando tecidos sociais capazes de manter a subsistência da cidade. Os cidadãos fizeram o que podiam para plantar o seu próprio alimento. Iniciou-se uma enorme onda de produção agrícola na cidade, nos terraços, nas varandas, nos terrenos baldios. Plantavam-se tomates, feijões, bananas etc. Qualquer alimento em qualquer local que estivesse disponível. Em Havana, a produtividade de alimentos saltou de 44 mil toneladas/ano, em 1995, para 113 mil toneladas/ano em 1998. No mesmo ano a cidade contava com mais de 8000 hortas que supriam mais de 60% das demandas de alimento da cidade. Já em 2010, Cuba tem mais de cinquenta mil hectares de terra plantados em cidades, conduzindo mais de trezentos mil postos de trabalho na agricultura urbana. Observa-se, portanto, uma verdadeira revolução urbana a garantir segurança alimentar, empregos e qualidade ambiental.

Richard Reynolds (2009) explica que os movimentos de ocupações do espaço público para fins agrícolas aparecem hoje como ações de resistência política, jardins como máquinas estéticas, como dispositivos difusores de paixões ecológicas, criando cenários modelo de produtividade urbana. O autor salienta que tais ações emergiram da contracultura americana em fins da década de 1960, quando surgia a ideologia da produção de orgânicos e se debatia o justo acesso à terra. Nesses embates não poderíamos deixar de lembrar do movimento conhecido como guerrilha verde/“guerrilla gardening”, despontado pelo jardim de Liz Christy, artista ativista que ocupou um terreno baldio em Nova Iorque durante a década de 1970 e fez dele um jardim comunitário. O embate com a prefeitura para a preservação de uma área verde comunitária no meio da metrópole ganhou diversos simpatizantes e o jardim se instituiu nas décadas seguintes, mesmo após a morte da artista. Hoje as “pequenas batalhas” enfrentadas pelas **guerrilhas verdes** se espalharam pelo mundo.

No Brasil, a agricultura urbana ganhou força em áreas públicas, sobretudo a partir da última década (**G.N**). Ao mesmo tempo em que muitas hortas surgiam como ativismo, a Prefeitura de São Paulo inovou ao implementar um programa de apoio aos hortelões urbanos e, assim, algumas de suas subprefeituras passaram a dialogar melhor sobre o tema, estando ele contemplado no novo plano diretor, sendo que as leis de uso do espaço público contemplaram o potencial das hortas na qualificação do espaço urbano. Outras hortas se fizeram voltadas à segurança alimentar, implementadas por grupos que vivem em situação de vulnerabilidade social que se articulam politicamente para ocupar terrenos livres na cidade. Criaram-se diversos projetos de capacitação e difusão do tema: “Cidades comestíveis”, “Muda-sp”, “Permaperifa”, “Batatas jardineiras” etc. Trata-se, portanto, de uma narrativa do surgimento de inúmeras hortas urbanas como ativismo, alternativas e soluções a nível da esfera comunitária, crítica aos valores industriais da macro escala e da mercantilização da vida, para atuações de transformação do espaço social em direção a maiores autonomia e simplicidade. Hortas urbanas como geração de renda, hortas urbanas como produção de alimentos orgânicos, hortas urbanas como espaços pedagógicos, terapêuticos, comunitários. Uma maneira otimista de ocupar o espaço público.

Obviamente existe uma série de entraves a dificultar o desenvol-

vimento dessas hortas urbanas, sobretudo por questões políticas e/ou ideológicas que bloqueiam diálogos em jardinagem comunitária. Temos a terra tratada como mercadoria, os terrenos vazios estão cercados e vigiados. Paralelamente, a desigualdade social e o déficit habitacional dificultam as possibilidades de se tratar burocraticamente dos terrenos livres como áreas para plantio, a habitação vem em primeiro plano, a saúde, a educação. O governo municipal não se coloca como responsável pela agricultura urbana e, ademais, é necessário considerar a falta de hábito e falta de tempo para o trabalho com a terra. Com tanta dificuldade/ falta de incentivo, as hortas continuam sendo suprimidas e/ou vistas como utópicas. No entanto os projetos de agricultura urbana têm custos muito baixos perto de projetos arquitetônicos urbanísticos, não exigem pavimentação, nem edificação, podem usar da matéria orgânica gerada pela própria cidade como insumo e ainda garantem um ótimo retorno na qualificação urbana, uma urbanização sustentável.

Agora se pouca gente se sensibiliza com o cuidado com a terra, precisamos dar mais visibilidade a esse debate e difundir o tema. Há uma potência, uma latência, no cultivo coletivo da terra. Segundo Guattari (1990), a formação dos espaços de resistência ecosófica virá da articulação tática de espaços coletivos e de seus objetivos quanto à construção de um cotidiano permanente de luta, de uma agenda e de uma manutenção, comunicação, estruturas físicas relacionadas à construção de um lugar de compromisso, cooperação, engajamento e ética do cuidado, vislumbrando a revolução não como uma grande narrativa, mas como a soma de pequenas narrativas e sendo a cidade o espaço amplo para encontro dessas práticas.

/

/

/

/

// J13 - Horta das corujas

Às margens do córrego das corujas – um riacho límpido, diga-se de passagem – em plena vila Madalena, uma praça foi ocupada, ou melhor,

um pedaço da praça. O espaço agora parece selvagem, cheio de canteiros biomórficos com plantas de todo tipo crescendo livremente. Parece também meio improvisado, são escada de tocos, cerca de gravetos, bancos de tijolos e tábuas, uma branca de neve e alguns anões no canto, umas bandeirinhas coloridas penduradas.

Digo “improvisado” como uma espécie de brincadeira, pois acho incrível ver tais espaços de arquitetura dinâmica, que se conformam à medida do tempo, do uso, das interações e acho chato e careta o preconceito que sofrem por sua humildade e sua simplicidade, sobretudo por parte de sujeitos que não conseguem sair da sua zona de conforto.

Conta-se que tudo começou com um projeto da própria prefeitura, o “Projeto Florir”. No ano de 2010, representantes da associação de moradores iniciaram um diálogo direto com o poder local, a subprefeitura de Pinheiros, para realizar uma revitalização da praça. Conseguiram trazer para a praça novos caminhos, calçadas, bancos, iluminação, lixeiras e uma composteira – a primeira composteira em um espaço público da cidade de São Paulo, diga-se de passagem, e, por muitos anos, a única. O fluxo de terra gerado engendrou o passo seguinte: teriam que fazer uma horta. Articuladas algumas reuniões com interessados em produzir a horta, viram que haviam força de vontade e passaram a buscar apoios do governo para garantir a legitimidade jurídica necessária para cercar (uma cerca baixa e com portões abertos) e cultivar um terreno na praça. Dito e feito. Conseguiram demarcar 800 metros quadrados à beira do caminho/ boulevard que contorna o Rio das corujas, um décimo da área da praça. (G.N).

Para conhecer um pouco da horta é preciso conversar com Cláudia Visoni, jornalista ativista na horta que, cheia de paixão, nos apresenta o espaço. Conta ela que o trabalho necessário para manter a horta é bem grande, porém é dissolvido em mutirões mensais e atividades de manutenção duas tardes por semanas. Um compromisso semanal, desenvolvido por voluntários. Assim, os canteiros são experiências específicas desenvolvidas nesses mutirões ou desenvolvidas por certos voluntários, pesquisadores jardineiros. Desse modo, podemos dizer que os canteiros são coletivos, todos podem ajudar, todos podem colher, sugerindo uma espécie desapego das especificidades envolvidas, mas, por outro lado, observa-se que os ativistas acabam sendo aqueles mais presentes: cons-

troem seus nichos, suas linguagens, suas soluções e tecnologias, conhecem as plantas que estão ali, quem fez isso, quem fez aquilo. Ao mesmo tempo, há também quem plante só uma alface, um tomate, e goste de passar por ali para ver como que está crescendo a sua “afilhada”. Há muitas histórias por trás de cada detalhe.

Uma delas, a que mais me chamou atenção, me parecendo revolucionária, está na criação de cacimbas de água no meio da horta. As cacimbas são caixas d’água de 1000 litros, enterradas até a boca, criando-se um corte no desnível que desenvolve, por gravidade, um ponto de afloramento e retenção da água pluvial, mas que vazaria logo mais, visto que estava, propositalmente, com o fundo e a lateral furados. Quando não chovia, ali era jogada água e por muito tempo isso se repetia, parecendo que estava a se jogar água num buraco sem fundo. Também colocaram plantas de área encharcada em volta das cacimbas: banana, papiros, lírio do brejo. E de repente: Cacimba! O lençol freático estava aflorando ali! Depois colocaram alguns peixinhos e algas para garantir um bom filtro biológico e eliminar os mosquitos. Os testes da Sabesp mostram a excelente qualidade. Agora a horta tinha uma, duas, três nascentes fornecendo água para a rega. Claro que a descoberta de água ali não se deu ao acaso, tecnicamente havia muita chance de isso dar certo, pela condição geológica do local.

Muitas das técnicas usadas na horta advêm da agroecologia, técnicas de recuperação de solos degradados para produção de alimentos de forma ecológica. Utiliza-se da progressão de culturas em simbioses, angariando cada vez mais espécies e mais volume vivo, trabalhando com estratégias a revigorar a biologia da terra, garantir-lhe saúde, vitalidade sem auxílio de insumos químicos, mas, sim, utilizando de recursos locais e de energia limpa e renovável. Reciclagem dos nutrientes é uma das chaves propulsoras, afinal há muita matéria orgânica desperdiçada que pode ser aproveitada na geração de húmus. (A.P).

Por ser uma das primeiras hortas comunitárias em espaço público municipal, a horta das corujas é um exercício de quebra de paradigmas a propor novas ideias, a criar novas visões sobre o espaço público, suas dinâmicas e possibilidades. A horta não está propensa a criar suficiência alimentar para os envolvidos diretamente no seu cultivo, mas, sim,

em se colocar como referência pedagógica e social. Espaços pedagógicos trabalhando pela alfabetização ecológica e comunitária.

Da ecologia mental no trabalho manual sobre a terra, de aprender pela mão, de reter a atenção, respirar, modelar, cuidar, usar o chapéu, a bota, um deslocamento estético. Na construção de imaginários além da ideologia binária cidade/campo.

Da ecologia social, pois tais jardins só funcionam a partir da mobilização cidadã. As hortas precisam de cuidados contínuos, responsabilidades e aprendizados. Discutir a terra comum enquanto prática possível, experiências da democracia participativa, com mescla das classes sociais, empoderamento comunitário, autogestão.

E da ecologia ambiental, dada pela preservação de nascentes, capacitação biológica dos solos, reciclagem de dejetos orgânicos e todo o aprendizado pessoal e social, influenciando nos modos de viver, nos modos de consumo e cultivo de cada um.

// J14 - CSA Nossa Horta

Uma coisa foi levando à outra. Redobras. Da industrialização do campo ao envenenamento dos alimentos a uma demanda de mercado por alimentos saudáveis. Ao mesmo tempo de uma macro política voltada ao mercado internacional de *commodities* para uma micro política voltada à subsistência alimentar. Oposições que se conjuram. Ação e reação. Cultura e contracultura. Ainda assim sabemos das disparidades de poder, de sua hierarquização violenta e totalizadora, que busca exterminar sua oposição. Mas olhemos as brechas ou mesmo as contradições híbridas.

O Brasil é conhecido pelo seu modelo de agricultura predador de recursos naturais e pelo seu caráter não sustentável (SABOURIN, 2009). Algumas das críticas às práticas agrícolas convencionais são decorrentes dela ser baseada em técnicas de produção com base em uso de agrotóxicos, adubos e fertilizantes químicos alta-

mente poluidores e prejudiciais para qualidade do solo, da água e da saúde humana (COX ET AL, 2008, SCHNEIDER E ESCHER, 2011), por sua distribuição ocorrer com alargamento da cadeia pela inserção de intermediários (PLOEG, 2008), com transporte intensivo e percorrendo longas distâncias (GREEN E FOSTER 2005), pela frequente redução do valor recebido pelo produtor, aumento do preço pago pelo consumidor e a dependência crescente dos supermercados (PLOEG, 2008). Além disso, a agricultura convencional muitas vezes é associada ao aumento da pobreza e ao êxodo rural (ABRAMOVAY, 2007; PLOEG, 2010; SCHNEIDER, 2004; OTERO, 2013).

(Daniele ECKERT, 2016, p. 2)

Durante o século XX, o sistema agrícola Brasileiro, como o de grande parte do mundo, foi industrializado, porém, por aqui, tal sistema se manteve nos padrões do latifúndio e da monocultura. Um modelo importado, colonizador, extrativista e voltado para a exportação. Grandes fazendas, grandes fazendeiros controlando a terra e a produção de alimentos e matérias prima vegetais. O seu arroz, o seu feijão, a sua batata a sua carne, ou mesmo a sua roupa são produtos da industrialização capitalista. Mas precisam mesmo ser? Não seríamos livre para escolher o que comer, que roupa usar, o que fazer? Apesar da opressão, alguns produtores rurais continuam desenvolvendo suas agriculturas orgânicas, naturais. Temos um grande exemplo na fazenda de arroz de Masanobu Fukuoka, uma das mais produtivas do Japão, feita apenas com o manejo manual. Ou então a agrofloresta de Ernst Göstch no sul da Bahia, uma das mais produtivas de Cacau no Brasil. Também podemos notar que alguns agricultores que se desenvolveram no modelo tido como convencional, buscam agora migrar para o orgânico, uma busca por liberdade e autonomia. Ao mesmo tempo, muitas pessoas começam a tomar consciência dos males à saúde gerados pela alimentação industrializada e passam a buscar por alternativas, muitas vezes encontradas em seus jardins, seus bairros e suas periferias. Soluções locais, ao alcance dos olhos e, melhor, das mãos. Vemos surgindo uma série de experiências agroecológicas a nutrir as cidades, resultado de uma demanda física e espiritual, mas também a uma necessidade de mercado. **Alternativa e resistência.**

A agroecologia necessita de articulação interna a criar redes de

produção. Pois são pequenas propriedades rurais, com trabalho familiar, a cultivar plantas sem veneno ou insumos agressivos, de modo que a diversidade de espécies vegetais garanta a saúde dos produtos, do solo e da natureza ao redor. O cultivo agroecológico acontece necessariamente em pequena escala, são muitas espécies e pouco volume de produção. Por isso a articulação com a vizinhança e outros produtores da região se torna imprescindível, porque não é fácil transportar esses alimentos frescos de um jeito ambientalmente e financeiramente viável. Os produtores agroecológicos demandam diversas articulações entre si: produtor e produtor, para escoar seus produtos; produtor e cliente, agora chamado de coprodutor; e, por fim, demandam a articulação de uma rede de pensamento em torno da sua produção, uma relação de diálogo entre coprodutor e cidadãos. Dessa demanda interna de produtores orgânicos, como do espaço no mercado, surge o CSA, gestores dessa inter-relação, comunidade que sustenta a agricultura.

A agricultura familiar sustentada pela comunidade funciona como uma relação cooperativa entre consumidor e produtor para a produção e distribuição de orgânicos e também para a conscientização de sua importância. O CSA surge então como rede solidária de agricultura orgânica, uma resistência ao modelo convencional e, mais, resistência à sua expansão ilimitada. Aqui os cidadãos podem se associar aos agricultores como coprodutores, compartilhando do trabalho, do pensamento e dos seus riscos. Dessa forma, estão valorizando seus processos de cuidado com o solo, seu baixo custo energético ao meio ambiente e possibilitando a esse produtor uma logística de distribuição e um mercado estável como forma de incentivo a manejar as dificuldades de enfrentamento à concorrência industrial – uma possibilidade de libertação da indústria do agronegócio, de seus danos à saúde pelo uso intensivo de químicos e seus vícios no sistema financeiro internacional. O CSA surgiu no Japão em 1971, se desenvolvendo como um modelo de gestão cooperativa de produção e escoamento de alimentos. Ao longo das décadas seguintes, o modelo foi sendo implementado em diversas cidades pelo mundo, trazido ao Brasil por Herban Pohlman em julho de 2011, na cidade de Botucatu (SP). Hoje já existem 31 grupos espalhados pelo país. *(D.E).*⁷⁶

76 Agricultura sustentada pela comunidade: Alternativa para ampliar a sustentabilidade da produção ao consumo de alimentos

Durante esta pesquisa pude me aproximar um pouco ao CSA “Nossa Horta” desenvolvido na cidade de Belo Horizonte (MG). É um grupo de gestão, produção e distribuição de alimentos orgânicos ao qual prestei o serviço de carreto nas entregas de alguns fins de semana e, tempos depois, já tido decidido abordar o movimento em meu texto, quando tive a oportunidade de visitar a ecovila Ramo e conversar mais a fundo com um dos gestores, Marcos Alvarenga Mudado.

Marcos trabalha como funcionário da câmara municipal de Belo Horizonte e, em paralelo, gosta de atuar em gestão em grupos horizontais, teatro, ioga ou restaurantes. Assim, nos contou que sempre buscou por processos de autogestão e ecologia, germinar esses processos. Mas como quebrar a dormência? O administrador nos conta de um movimento de transição na sua vida, de um autoconhecimento desencadeado pela mudança de base alimentar, assumindo para si o vegetarianismo, Marcos acredita ter desenvolvido mais clareza, energia, coragem a partir dessa mudança. Começou a se perguntar se a Ecologia necessária para as bases da sustentabilidade estariam em relações sustentáveis do sujeito com o meio ambiente e não em projetos gigantescos de preservação ambiental. Para isso, seria necessário difundir o autoconhecimento baseado na alimentação consciente, para, por fim, saber como as suas atitudes repercutem para a sua saúde, mas também, e sobretudo, para a cultura e o ambiente. É preciso adentrar num estado de reeducação. Ao mesmo tempo, via muitos, como ele, passando por essa transição, percebeu que havia uma demanda reprimida de alimentos de qualidade na cidade de Belo Horizonte, alimentos orgânicos, integradores de campo e cidade. Em 2015 formou-se a CSA “Nossa horta” para suprir essa demanda. A construção de uma economia alternativa que não se limita à produção de alimentos de alta qualidade, uma rede de sensibilização ecológica que, pela aproximação entre o urbano e o rural, estabelece laços diretos entre os produtores e consumidores.

Quando se compra um produto agroecológico, não se está só consumindo um produto fresco e sem veneno, mas, sim, impactando positivamente em toda cadeia produtiva da agroecologia, contribuindo para a geração de renda familiar, relações de trabalho justas, resgate e fortalecimento do patrimônio cultural, além de práticas harmônicas com o meio ambiente. Os coprodutores fomentam cestas semanais de alimentos que variam de

acordo com as estações do ano, chuvas, geadas e auxiliam produtos reais, cultivados por pessoas reais e sujeitos a condições naturais. Temos uma enormidade de produtos diversificados pela pequena produção, pelo trato direto com a terra, garantidos pelo vínculo produtivo, a manter o agricultor seguro em seu trabalho, seguro de que haverá escoamento, de que haverá suporte caso não consiga atingir grande eficiência em determinados momentos, uma segurança frente às dificuldades enfrentadas neste momento de transição.

Hoje a CSA “Nossa horta” coordena a produção de mais de cento e vinte cestas semanais. A regra básica é que os produtos sejam frescos, da estação, sem agrotóxicos e cultivados localmente. Geralmente contém duas folhas, duas raízes, dois temperos, dois legumes, duas pancas e uma fruta. As verduras são trazidas de três diferentes produtores da região, os quais assumiram o compromisso de trabalhar com a transição do modelo convencional para o agroecológico. Em dois anos de trabalho já transformaram uma pastagem degradada em um embrião de floresta que já mostra sinais de sustentar uma diversidade enorme de vida. Isso é recuperar o solo pelo uso, e não pelo abandono! Melhora-se o solo pela aplicação sistemática de matéria orgânica e, assim, aumenta-se a biodiversidade. Sábado pela manhã, no ponto de distribuição, o Museu de Minas e Energia na Praça da Liberdade, as cestas são direcionadas para as bicicletas e o caminhãozinho que fazem entregas a domicílio ou são retiradas por pessoas que se dispõem a ir ao local toda a semana pegar a sua cesta. No ponto de distribuição também implementaram uma loja que vende alimentos complementares às cestas, como pães, molhos, compotas, sabonetes, cosméticos, essências, óleos, queijos, cogumelos, bolos, biscoitos, ovos etc.

Como abrir o mercado/ sensibilizar as pessoas? Para contribuir com a difusão do pensamento, aposta-se nas práticas integradoras entre os coprodutores e os produtores. O projeto “Mãos à horta” realiza chamadas abertas para oficinas e mutirões nos sítios e fazendas, aglutinando conhecimento técnico e experiência sensível. Quando é vestido o chapéu, tomado o facão e a enxada, se está reverenciando o trabalhador rural, colocando-o como professor no meio urbano. Os eventos nos pontos de entrega são outra possibilidade de sensibilização, pois os pontos viram pontos de encontros – pontos de cultura – que acolhem feiras, festas,

oficinas, palestras, distribuição de sementes. Também poderíamos apostar na formação de grupos de ação em escolas – aulas de hortas – ou até parcerias com restaurantes.

Hoje os orgânicos dominam 1% do mercado brasileiro de frutas e verduras, na Dinamarca são 12% com previsão de chegar a 15 % até 2020. O mercado mundial passou de 20 bilhões para 60 bilhões de dólares na última década, enquanto a área cultivada passou de 15 para 35 milhões de hectares (*G.N*). Observa-se, portanto, uma tendência de mercado que se vincula à qualidade de vida, embora ainda concentrada nas possibilidades de consumo da classe média, e que, a longo prazo, pode acabar por financiar diversos projetos de transição dos modelos produtivos no campo, assim como suas relações com a cidade, abrindo, pouco a pouco, um novo mercado acessível à população.

O estreitamento das relações rural-urbano, além de trazer um encurtamento da cadeia de distribuição de alimentos, cria relações horizontais entre os atores com ela envolvidos. São pequenos grupelhos, se articulando, criando, além de circuitos no mercado, referenciais simbólicos de alternativas ecológicas.

*

// J15 - Cidades sem fome

No início de 2018 visitei a horta São Mateus, na zona leste de São Paulo, uma horta estreita, entre muros e debaixo dos linhões de energia elétrica, horta metropolitana. A horta é cuidada por uma senhora e sua família, parecia muito simpática, estava vendendo seus produtos pessoalmente e conversando pelos canteiros com alguns clientes. Sebastiana de Farias. Lá pude conversar um pouco com Hans Dieter, ele estava visitando a horta que ajudou a implementar e olhando o terreno à frente, o qual haviam conseguido para o mesmo projeto que implementou a horta onde estava.

Hans é administrador de empresas gaúcho, técnico em agropecuária

e políticas ambientais por formações no Rio de Janeiro, que trabalha há 15 anos em São Paulo. Depois de uma visita a Alemanha, onde observou o uso massivo dos terrenos vagos para a produção de jardins/hortas, voltou ao Brasil inspirado, decidido a montar um projeto de empreendedorismo para produção de alimentos com fins sociais. Fundador da ONG “Cidade sem fome”, em 2004 começou uma arrancada para a construção de diversas hortas comunitárias pela cidade. Um projeto de geração de renda e empregos através da produção de alimentos e de segurança alimentar.

“Cidade sem fome” é uma ONG que trabalha com fomento à agricultura urbana voltada para comunidades carentes, com o objetivo de gerar renda e alimentos a partir do trabalho comunitário. Um projeto de geração de trabalho e renda a partir de áreas residuais da cidade, com objetivo de promover a produção de alimentos e, sobretudo, a segurança alimentar. Os terrenos livres são sondados em acordos de comodato, depois consegue-se um financiador da ideia, geralmente uma instituição com instrumentos de responsabilidade social, e, por fim, se articulam os trabalhadores, agricultores urbanos dispostos ao trabalho autônomo. Os desdobramentos do projeto são incontáveis. Hoje pode se dizer que a ONG já emplacou 25 hortas comunitárias e 38 hortas escolares, gerando trabalho direto para 115 agricultores, nos números atuais. Também já realizou 48 cursos de capacitação e mantém ativos três técnicos em agricultura urbana. Fora os projetos que já encerraram seus ciclos. Há 12 anos atrás começou por realizar conversas com as prefeituras e sub prefeituras. Porém os projetos não emplacavam, não se multiplicavam, pois as diretorias/secretários eram trocadas a toda hora, não havia recursos, muito menos disposição para o tema. Foram então atrás de outras instituições parceiras, que tivessem mais consistência e durabilidade em seus projetos de uso de terrenos residuais para a agricultura urbana. Quem tem terra livre em São Paulo? Qual desses proprietários se interessaria em ter seu terreno cuidado por agricultores? Primeiramente fizeram parceria com a empresa privada responsável pela distribuição de energia elétrica – EDP bandeirantes – visto que a área em baixo dos linhões são impróprias para habitação, estando a terra ali ociosa. Somou-se ainda o fato de que a empresa precisa efetuar a manutenção desses terrenos para garantir segurança aos linhões. E, por fim, já havia pessoas usando os terrenos de forma rudimentar, hortas improvisadas ou mesmo como depósito de entulho, quando não para crimes. Assim é que se tornou, portanto, interessante

um uso formal para o terreno. Conseguindo um volume de áreas, fizeram parcerias com instituições públicas e grandes empresas: Petrobrás, Ele-
trobrás, Caixa econômica, Consulados, ou então Rotary Club, Itaú, Vivo. O trabalho de Hans é convencer essas empresas. Vai correndo atrás onde dá, em editais de fundações na área de responsabilidade social, por exemplo. Hans fala que é preciso arrecadar, em média, uns 50 mil reais para implementar uma horta comunitária e uns 30 mil reais para uma horta escolar. Dinheiro a ser gasto no primeiro ano do projeto, a incubadora: insumos, sementes, mudas, ferramentas, sistemas de irrigação, materiais, auxílio técnico etc. A partir do segundo ano a horta deve se manter financeiramente, a ideia é tornar a horta autônoma a partir de doze meses. Tendo-se a terra e o financiamento, assim como a assistência técnica (contrataram quatro técnicos em agronomia), é o momento de ir atrás dos trabalhadores/agricultores. Buscam por desempregados, com gosto pelo plantio e que tenham algum vínculo com projetos comunitários. Pessoas interessadas em capacitação técnica agrícola e articulação social que estejam precisando de renda. Trata-se de um momento delicado, de interação com a comunidade, para muitas vezes se escolher entre um e outro grupo de pessoas. Um momento de diálogo e deliberação, que deve buscar por fluxo produtivo. A ONG funciona como um interlocutor, um dispositivo a despertar uso na terra ociosa, no entanto, o trabalho prático em si será apropriado por algum sujeito desconhecido e ele deverá assumir a horta para si. Entram em contato com os grupos de serviço social do bairro, igrejas, centros comunitários e selecionam famílias, pessoas que estejam empenhadas em trabalhar na horta.

Por fim, implementaram os primeiros projetos de incubadores de hortas comunitárias. No primeiro ano ficam em contato, garantindo suporte material e técnico. Hans comenta da importância de um suporte na área de administração, além da propriamente agrícola. Ensinando algo sobre gestão, gerando planilhas de produtividade, avaliando custos, permitindo aos novos agricultores um pensamento em eficiência econômica. Obviamente o vínculo não se encerra ao final da acessória técnica, o escritório continua dando suporte às hortas nos anos seguintes, há um empenho em mantê-las, em fazê-las crescer e prosperar, mas há, ademais, uma relação que se mantém além das necessidades econômicas, formam-se relações de amizade.

Visto o sucesso das hortas comunitárias, a sua produtividade e geração de renda, a sua replicabilidade, a ONG iniciou um projeto paralelo em hortas escolares, negociadas diretamente com as diretorias das escolas e com maior facilidade em obter fomento em editais de responsabilidade social, atingindo mais pessoas com uma frequência cotidiana - Marketing social/pedagogia ecológica. Quanto à essa contradição, Hans afirma que decidiu trabalhar com as possibilidades e opções mais viáveis que tem. As prefeituras estão quebradas, as empresas estão tomando todas as terras. Claro, não aceitaria um apoio de uma empresa como a Bayer, não por ideologia própria, pois acha interessante trabalhar com essas contradições, mas porque sabe que negociar com tal empresa afastaria o interesse de apoio de outras, sobretudo as alemãs das quais recebe apoio. As hortas escolares têm a missão de fazer o projeto se ramificar na comunidade. Oficinas, mutirões nos quais os pais podem aprender, podem ver um exemplo de eficiência em agricultura urbana, seu papel na alimentação escolar, levando para casa uma aula de ecologia urbana. Hans se coloca como um dos poucos coletivos que está movimentando a agricultura urbana em comunidades periféricas, seja por investimento público ou privado. Um dos poucos que constroem diálogos com as comunidades, a repercutir em diversas hortas em favelas. Note o plural. O projeto tem esse propósito, trabalha nas periferias da zona Leste, área mais pobre de São Paulo. E se se concentra ali porque busca articulação entre os produtores para, por fim, gerar um polo de produção, tornar um local uma referência de produção de agricultura urbana agroecológica, de pequena escala e com venda no local. Produção do povo para o povo. Buscam resolver a coisa em si, no aqui e agora. Enquanto os sistemas produtivos de larga escala precisam de muitos insumos químicos para se garantirem produtivos (assim como de tremendas logísticas de distribuição, gerando enorme custo energético), a pequena escala consegue ganhar equilíbrio ecológico, por ter mais cuidado direto e maior diversidade biológica por metro quadrado - e não demanda a criação de sistemas de escoamento para mercados ou CEASA, vendem na vizinhança. Hans afirma que buscam se concentrar na horta e não ampliar muito as tecnologias. Mercados, coleta de água alternativa, compostagem comunitária e certificação orgânica são processos que não o atraem de imediato. Certamente processos de aprimoramento técnico podem ir se desenvolvendo, mas não estão abertos para focar em sistemas alternativos no momento. Prefere manter bem aquilo que já está dando certo. Afinal a horta já demanda cuidado diário.



Fig. 15. Mosaico de fotos - Hortas Urbanas. fotos do autor. 2017. (verso).

REFAZENDA - JARDINAGEM E MICROPOLÍTICA

07

MARCHAS PELA TERRA

“O cotidiano será um dia ou outro a escola da desalienação”
(Milton Santos, 2007)



Fig. 16. Ato na praça da Liberdade. Aquarela sobre papel, 20x35cm, 2017.

MARCHAS PELA TERRA

//campo urbano

Apresento um ensaio sobre a **luta pela terra**. Ainda um compêndio de informações e conceitos que estruturam minha fala daqui a alguns dias, meses e anos. Alguns lampejos de uma ideia que me martela: a terra como elemento libertador do homem, a terra como elemento base para a autonomia social e simbiose com o meio. Peço licença para adentrar em uma área repleta de mestres do saber. Caio Prado Junior ou Joao Pedro Stédile, entre tantos outros, poderiam falar tão melhor por mim. Confesso não estar munido de muita bagagem teórica, estando anos luz de distância de historiadores, sociólogos, filósofos e ativistas que já esmiuçaram esses temas. Assim, de forma modesta, uso de alguns discursos e me coloco como entusiasta.

O pressuposto aqui é o de que, dentro de uma sociedade capitalista, a terra está retida para os interesses financeiros de uma minoria rica que a usa como instrumento de dominação do capital. Temos que entender a luta por terra como uma luta de um **sujeito expropriado da terra** e em enfrentamento com um mecanismo econômico. As táticas e estratégias até podem fugir aos campos subjetivos, pois esses se conectam ao social, porém não podemos deixar de vislumbrar a conjuntura

histórica que nos colocou diante desses conflitos.

/

/

/

/

A história do capitalismo nos demonstra a necessidade do capital de inviabilizar o acesso democrático e popular à terra. Já em sua raiz, na Inglaterra século XVI, as leis de cerceamento acabaram com as propriedades comunais de terra, expulsando muitos camponeses das plantações e dos pastos. Expulsas da terra, “as classes mais baixas” tiveram que se tornar assalariadas. O cerceamento foi, portanto, uma das principais formas de obter o necessário suprimento de mão de obra para a indústria crescente nas cidades. A história da criação de uma oferta necessária à produção capitalista deve ser a história de como os trabalhadores foram privados dos meios de produção: processo que toma do trabalhador a posse de seus meios de produção.

Somente quando os trabalhadores não são donos da terra e das ferramentas – somente quando foram separados desses meios de produção – é que procuram trabalhar para outra pessoa. Não o fazem por gosto, mas porque são obrigados, a fim de conseguir recursos para comprar alimentos, roupa e abrigo, de que necessitam para viver. Destituídos dos meios de produção, não têm escolha. Devem vender a única coisa que lhes resta – sua capacidade de trabalho, sua força de trabalho.

(Leo HUBERMAN, 1981, p. 175)

Em nosso país, o caráter rentista do capitalismo conformou uma fusão entre o capitalismo e o proprietário da terra. Já na colônia de exploração escravista e latifundiária, formavam-se as oligarquias rurais que subsidiaram e construíram em grande parte a política da República. Os instrumentos do Estado estiveram sempre na mão dessas oligarquias,

garantindo para si as leis e os incentivos fiscais e, ainda, sua perpetuação (A.O).⁷⁷

A princípio, eram as sesmarias pautadas em poder político familiar que garantiam a preservação da colônia de exploração, priorizavam o mercado externo em detrimento de uma formação de uma economia interna. As oligarquias rurais se instituíram com base na produção de café, pecuária, algodão, milho e cana. Dominar a terra significava dominar a própria economia. Os títulos da terra eram mantidos a preços que só os poderosos poderiam pagar. Criminaliza-se a aquisição por ocupação, o que garantia a propriedade por título. Uma estratégia de valorização e legitimação dos latifúndios em oposição a uma exclusão “legal” do pequeno produtor. A terra passou a ter um preço “importante”. Nessa conjuntura, geralmente o camponês ou colono trabalhava na propriedade de um latifundiário ou se tornava posseiro às margens do desenvolvimento agrário. No primeiro, caso os modos de contrato da venda da força de trabalho e direito do camponês de usufruto do solo do fazendeiro variavam de propriedade para propriedade. Em certo grau esses trabalhadores se enquadravam dentro da plantagem, um mecanismo de trocas de favores. Os camponeses ou colonos poderiam usar a terra para si como forma de pagamento parcial, porém substancial, o que, para os fazendeiros, era abundante ou superabundante. Tratava-se de um mecanismo de contrato que assume aspectos de servidão, um sistema de barateamento de custos e implantação gradativa do capital agrário. No caso da implementação de uma cultura cafeeira, por exemplo, que pode levar até seis anos, muitas vezes o latifundiário estrategicamente concedia sua terra por esse período a um camponês e sua família, que usavam livremente dela produzindo sua subsistência e cultivando as mudas de café para, por fim, após alguns anos, o latifundiário receber uma fazenda de café pronta, a renda da terra, que não era recebida durante quatro a seis anos, estava no cafezal (J.P.S).⁷⁸ No segundo caso, temos a cultura de subsistência, em constante conflito com a expansão dos latifúndios, roças realizadas de forma pobre e primitiva. Um Brasil de acampados, repleto de fome, como vemos nas pinturas de Portinari. Lutas de posseiros contra as forças do grande capital, que pretende desalojá-los, lutas que se iniciavam ao

77 A longa marcha do campesinato brasileiro: movimentos sociais, conflitos e Reforma Agrária”, (2001).

78 “A questão agrária no Brasil. O debate na década de 1990”, (2009).

fim do século XIX, atravessaram o século XX e ainda persistem no século XXI. Brasil, país sem reforma agrária.

Num segundo momento, a ascensão da burguesia industrial, incentivada pelo estado novo, exigia um avanço capitalista em moldes mais modernos. A agricultura perde algum espaço visto a sua dificuldade em se desenvolver tecnicamente e contribuir para a elevação permanente da produção. Ao mesmo tempo, a burguesia industrial que se instituía passa a questionar o modelo de concentração de terra efetuado pelos latifundiários, já que não gera poder aquisitivo para alavancar um mercado interno. Muitos setores do poder começam a pensar numa reforma agrária que modernize o campo, num desenvolvimentismo a atrair giro de capital e surgem alguns assentamentos.

[...] a terra estaria em mãos de grandes senhores, grandes coronéis que, na leitura teórica, eram interpretados como quase senhores feudais; e então essa revolução democrática precisava, junto com a burguesia capitalista, derrotar esses senhores “feudais” ou esses resquícios do feudalismo, para então liberar a terra para o desenvolvimento natural do capitalismo.

(João Pedro STEDILE, 2012, p. 367)

Em meados do século XX, enquanto as cidades capitais se adensavam baseadas em novas máquinas e linhas de montagem, o campo se mantinha com sistemas arcaicos de exploração. Nessa conjuntura crítica de pobreza surgem os movimentos de luta pela reforma agrária. A formação da liga camponesa se dá em 1950, um movimento social pela politização referente à democratização da terra e às lutas no campo. Eram apoiados pela Igreja católica, seus agentes de pastorais e militantes que se engajaram organizando ligas, sindicatos e programas de alfabetização. A conjuntura crítica colocava a reforma agrária como inquestionável, necessária, e, por fim, em outros termos, interessante à burguesia ascendente. João Goulart, o último presidente eleito antes do golpe militar, cria a SUPRA (Superintendência de Política e Reforma Agrária), anuncia o fim do latifúndio e logo é deposto. Os ideais seriam todos solapados pela ditadura militar, vinte e um anos.

Durante o golpe, o coronelismo volta a se manter como poder autoritário no campo. Por sorte de uns, ou azar de outros, as dificuldades em aprimorar os lucros no setor são revertidas pela revolução verde, industrialização do campo. A burguesia industrial se associa à oligarquia rural. A produção ganha novas escalas. Os latifúndios ganham novas máquinas, tratores, colheitadeiras, sistemas de irrigação etc. A indústria química se coloca como capaz de criar fertilizantes e agrotóxicos que garantiriam safras fenomenais aos monocultivos. Uma nova onda de concentração de terra e poder, ressaltada pela criação da UDR (União Democrática Ruralista), associação entre políticos e ruralistas com a finalidade de defender a classe dos proprietários de terra, uma bancada política.

Por um lado, temos enormes complexos agroindustriais que devastam o meio, “a soma da área ocupada pelas 27 maiores propriedades privadas no país é igual à superfície total ocupada pelo estado de São Paulo, ou, se for somada à área ocupada pelas 300 maiores propriedades privadas no país, ela equivale a duas vezes a superfície total deste mesmo estado.” (A.O). Por outro lado, temos milhões de trabalhadores e populações indígenas constantemente cerceados pelo latifúndio. Cultivam comumente em terras de qualidade inferior e/ou pior localizadas, não desfrutando de créditos privilegiados do Estado. Pobre via campestre, em pequenos sítios e fazendas familiares – microprodutores sem incentivos fiscais lutando por manter suas terras. Mas, quando paramos para ver, são eles quem garantem a “maior” parte do abastecimento alimentar das populações urbanas. A cana, a soja o milho servem mais a combustíveis e rações, em muito servem às exportações e, sobretudo, à concentração de renda (D.N).⁷⁹

A situação conflituosa de domínio e concentração de terra por parte de latifundiários, respaldada pela política de Estado, contraposta à espoliação de uma massa de trabalhadores rurais, pobreza e miséria no campo, quando transpassada por pensamentos construtivistas democráticos, fomentou uma **organização popular insurgente**. Em suma, uma massa de trabalhadores rurais sem-terra, desolados pelas possibilidades

79 “Caminhos e perspectivas para a popularização da permacultura no Brasil”, (2017).

apresentadas pelo capital, entendem que precisam se organizar e lutar para democratizar a terra. Constroem-se as ligas camponesas e os movimentos sociais do campo. Posseiros, arrendatários e outros camponeses que sofriam a expulsão das terras onde trabalhavam articularam-se para **construir resistências e alternativas**.

Já durante os últimos anos do governo militar, a comissão pastoral da terra organizava encontros e debates entre os camponeses numa tentativa de fomentar uma maior autonomia para a classe. Pouco a pouco as comissões foram se formando, os temas iam sendo desvelados e os saberes compartilhados. Com o viés da redemocratização em alta, em 1984 as comissões se unificam em um movimento social, surge o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). Movimento organizado em escala nacional, que iria pouco a pouco ganhar identidade e força na luta pela **reforma agrária**.

Nos anos seguintes o movimento se direcionou em duas bases, o trabalho pedagógico de formação de base e a ação direta através de ocupações de terra. Pautados no artigo 186 da Nova Constituição Federal, o MST ocupa terrenos que não estejam cumprindo a sua função social, práticas de **ação direta** que, via de regra, solucionariam a forma de acesso à terra para a população pobre, visto haver uma enormidade de terra ociosa e especulativa no país, muitas vezes terras griladas.

O enfrentamento entre o movimento popular e as propriedades privadas de terra é mediado pelo Governo e suas instituições. Obviamente os resultados sempre estavam muito abaixo das demandas, o número de famílias acampadas aumentou gradativamente nas últimas décadas, saído de 20 mil em 1994, para 180 mil em 2004, e o número de sem terras já chega a cinco milhões (**J.P.S**). Sabemos de que lado está o estado, porém sob tanta pressão, às vezes caminha a reboque dos movimentos sociais, indenizando fazendeiros, assentando os trabalhadores e passando, por fim, a desenvolver políticas públicas voltadas ao pequeno agricultor. Ainda assim, a luta está apenas começando.

O controle político do Estado pelos ruralistas latifundiários mantém o governo atento, diversas ações de repressão são tomadas, policiando o volume da insurgência. O INCRA, instituição criada durante o governo militar, assume as responsabilidades jurídicas, deve fazer o

papel mediador entre o movimento social e o proprietário da terra improdutivo. É sua atribuição (deveria) fazer os processos de vistoria em fazendas tidas como improdutivas, para, quando confirmado o descumprimento da função social da propriedade, que elas sejam redistribuídas às famílias de agricultores sem-terra. Os trabalhadores também deveriam estar catalogados pela instituição, surgindo um censo da reforma agrária. Censo como operador estatístico controlador. Os métodos ficam aprisionados nas mãos dos juristas e políticos institucionalizados, os quais, como vimos, representam principalmente certos interesses. Pouco a pouco, novas leis sobre a terra são criadas, com o cunho de garantir a privatização e o domínio de uma classe sobre a terra do país. O presidente Fernando Henrique Cardoso, por exemplo, instituiu medidas provisórias que proibiam o assentamento de famílias que tivessem participado de acampamentos, uma tentativa de tornar ilegais os acampamentos e as ocupações, os quais são constantemente, para não falar sempre, reprimidos pela polícia. Os números de assassinatos são assustadores, mortes em conflitos, emboscadas, chacinas, protagonizados tanto pela polícia como por milícias privadas. Contudo, o MST aparece na mídia justamente nessas cenas de grandes conflitos, que retrata os trabalhadores como criminosos reprimidos pela polícia ou exército. Criminalizam ideologicamente os movimentos sociais que buscam justamente libertar o povo das amarras do capital. Lutar por direitos básicos, sobretudo, terra, água, habitação, educação e saúde. Não se fala da rede de organização/educação popular que se formou, das escolas, centros de formação e pesquisa, da universidade Florestan Fernandes, das parcerias com artistas como Chico Buarque entre tantos, da publicação de materiais e livros pela editora Expressão Popular, nem mesmo de como certos assentamentos se formaram e se fortaleceram com base na produção cooperativa. Fala-se de crimes contra a legislação burguesa, fortalecendo-se o argumento de criminalização das ocupações, ataques à propriedade privada. Até quando engoliremos esta postura reacionária e moralista da mídia e deixaremos de pensar democraticamente? Quão difícil é mudar o canal? Quão difícil é perceber os benefícios da Reforma Agrária e que terra deveria ser um direito de todos e não concentrada em enormes latifúndios? Que assim como está somos todos sem terras, sendo agricultores ou não, pois a terra que nos nutre não está sendo cultivada, mas aprisionada e explorada.

Já nas últimas décadas a cidade se tornou o espaço de vida da

maioria da população pela primeira vez na história da humanidade. Os governos de estado recebem um novo desafio: controlar esse volume crescente de habitantes da urbe. Por isso a tamanha importância dos planos urbanos, planos diretores como cálculos de produtividade, disciplina, capitalização - a arquitetura como dispositivo de ordenação, parte da estrutura de poder e o urbanismo como instrumento de planejamento da exclusão. A cidade reproduz o sistema de produção, privilegiando uns e explorando outros. O poder deve racionalizar essa contradição. Impondo uma ordem calculada, justificada, o controle dos fluxos, da segregação sócio espacial, a periferia como decorrência da cidade, um caos controlado. O controle não é exclusivamente organização, muito mais um mapeamento da desorganização. Regulamentação que nos subjuga todos os dias, ao mesmo tempo em que já estamos acostumados a ela, tornando-nos coniventes. Assujeitamento ao espetáculo. Porém nessa negatividade emerge uma positividade nova, uma crítica radical, uma **zona de conflito**.

A expropriação da terra enquanto direito humano, sua privatização, acarretou no movimento de retirantes que migravam do campo para as cidades onde tentariam vender aquilo que lhes restava, a sua força de trabalho. Um movimento constante nas últimas décadas, já que, entre os anos 1960 e 1980, 30 milhões de brasileiros abandonaram o campo. Segundo o INCRA, já na década de 1990, desapareceram 942 mil pequenas propriedades, enquanto 10 % dos maiores latifundiários retinham 85 % das terras cultivadas no Brasil. Gerou-se uma conjuntura de êxodo rural de trabalhadores camponeses, favelização urbana. *(J.P.S)*.

Dessa massa retirante, enuncia-se a questão do acesso à terra nos meios urbanos, dando ênfase a movimentos populares que trabalham a reintegração de **espaços de liberdade em meio à cidade**, acreditando ser a questão urbana o cerne da produção de condutas e subjetividades que possibilitem novos paradigmas. Nesse contexto surge uma multiplicidade de luta em processos simultâneos. Não há como negar o afrontamento, não há racionalidade superior e nem consenso. A cidade engloba e fomenta o encontro e o conflito, a alteridade, proporcionando manifestações e revoltas populares como o surgimento de diversos coletivos de luta.

/

/

/

/

Há um conflito em pensar o rural na cidade. Esses termos podem parecer opostos tal como “moderno” e “arcaico”, mas, quando pensados dentro de um mesmo sistema econômico-social, apresentam relações diretas e interdependentes, ainda que contraditórias.⁸⁰

A cidade se sustentou do rural e por muitos séculos os cinturões verdes contornavam as suas muralhas, ao mesmo tempo em que os hortos e os jardins internos também sustentavam os feudos. Chegada a “revolução verde”, a indústria se expande para o campo e o que outrora era rural arcaico vai se tornando latifúndio mecanizado. Vemos o Mato Grosso tomado por fazendas gigantescas, condomínios e shoppings. As fazendas, latifúndios, não são mais rurais, o capitalismo suprimiu o rural, entendendo-se rural como um conceito autônomo, formado por um camponês autônomo, um sujeito que sabe cultivar a terra para si, ainda que subordinado a senhores de terra e a mercados, noção tal que vai sendo sobreposta por um rural mecanizado, para maior exploração da renda da terra para fins urbanos e capitalistas.

Contudo, o rural continua existindo, mesmo que envolvido pelo urbano. Seja na simplicidade da autonomia de pequenos sítios em oposição à sofisticação da vida citadina; seja em municípios de base econômica agrária, ainda que sejam cada vez mais urbanizados; seja em simulacros ou espaços híbridos, mistos de cidade e campo, meio urbano-rural. Há muitas outras formas específicas de associação também em desenvolvimento, ruralidades emergentes, politização crescente do espaço social voltado ao trabalho braçal sobre a terra, seja no campo ou na cidade.

80 Segundo o professor Roberto Monte-Mor (2012), o termo urbano, etimologicamente falando, diz respeito à qualificação da cidade, sendo utilizado principalmente após o período barroco, para indicar a cidade industrializada; o rural, por sua vez, diz respeito ao campo, ao campestre, ao rústico. O autor indica o termo “urbanidade extensiva” para pensarmos a expansão das relações capitalistas de produção no espaço. O século XX apresenta um cenário de dominação da indústria impondo sua lógica de produção centrada no valor de troca sobre a cidade e o campo, ou seja, cidade e campo são redefinidos pela lógica industrial e subordinados à produção e acumulação capitalistas, surtindo na extensão do tecido urbano ao campo. É nesse sentido que se pode dizer que o meio urbano deixa de ser o espaço da cidade para se transformar no espaço social total.

(A.O). Reafirmar o rural que se sobrepõe à cidade capitalista é aceitar contradições que extrapolam a obviedade dos meios de exploração. O rural renasce na cidade de forma espontânea. Os pobres que habitam a periferia não hesitam em criar cabras e galinhas, em plantar mandioca e hortaliças nos terrenos em desuso. O rural na cidade pode estar por devolver a terra ao camponês outrora expropriado dela, uma resistência a essa expropriação. Colocar a contradição do rural arcaico sobre a cidade industrializada poderia abrir um espaço para a cidade mais ecológica, que, a partir de então, estruturaria a produção local de seus alimentos, o tratamento de seus resíduos, a sua articulação comunitária. A população pensaria com proximidade seus ciclos orgânicos. Não se pensa que esses espaços poderiam suprir toda a demanda de alimentos para a sociedade, mas por entender a necessidade da sociedade se inteirar dos modos de produção da vida, valorizá-los de forma que esse valor retorne ao campo, em embate aos monopólios e latifúndios que nos exploram e envenenam.

Pensar o rural como o campo que chegou à cidade é pensar numa situação de expropriação da terra que acarretou no êxodo do sujeito/espaço camponês para a cidade. Sujeito que vem como retirante miserável, mas que carrega em si os hábitos de cuidados com a terra. Uma massa de retirantes com raízes no solo (revoltados pelo destino que os impuseram?), em uma conjuntura latente de contraposição à dinâmica de produção da vida como mercadoria e, além, uma junção das lutas históricas por moradia urbana com a luta por terra cultivável.

O movimento contrário também é possível, pensar no rural que resiste ao avanço do urbano ou mesmo que o acolhe sem se desestruturar. Os fornos à lenha em meio às televisões e celulares. O rural industrializado é diferentemente do rural urbanizado, a indústria se fortalece pela concentração de terra como instrumento de poder, pois é gerida por oligarquias. Temos que lembrar que as tecnologias agrícolas desenvolvidas pelo capitalismo funcionam de uma maneira que impede os usuários de ascender ao seu desenho e elaboração (D.H).⁸¹ Máquinas que concentram poder, já o rural urbanizado é aquele atravessado pela conjuntura de urbanização do planeta, um movimento a criar uma sociedade urbana, que

81 “Cidades rebeldes: do direito a cidade à revolução urbana”, (2014).

promova tecnologias democráticas (H.L).⁸²

Terra gera renda, não gera lucro. Terra não é fruto do trabalho, ela já está dada. A terra gera extra valor, riquezas, vidas. Isso é algo tão precioso que, não por acaso, está sendo aprisionada por poderosos, que chegam a reservar terras por décadas, séculos para si, reservas de valor. Mas a terra também é a chance de enriquecermos sem exploração do trabalho. O cultivo da terra pode estar desvencilhado do capitalismo, ele é anterior e, ainda hoje, muitas vezes é feito livre desse sistema, seja em aldeias e comunas interioranas ou mesmo em hortas urbanas e ocupações de movimentos sociais.

*

// J13 - MST acampamento “Pátria livre”

Dos campos, das cidades, das frentes dos palácios, os Sem-Terra, esse povo de beira de quase tudo, retiram as suas lições e sementes da história. Assim, espremidos nessa espécie de geografia perdida que sobra entre as estradas, que é por onde passam os que tem para onde ir, e as cercas, que é onde estão os que tem onde estar, os Sem-Terra sabem o que fazer: plantam. E plantam porque sabem que terão apenas o almoço que poderem colher, como sabem que terão apenas o país que puderem conquistar

(“O Canto da Terra” apud FERNANDES, 1996, p. 56)

Em meados de 2017 embarquei em uma série de visitas a acampamentos do MST em torno da cidade de Belo Horizonte (MG). A proximidade do conflito por terra e a região metropolitana, assim como a ocupação de grandes propriedades urbanas ou suburbanas para o uso agrícola desenvolvido por movimentos sociais traz à tona uma reflexão do campo urbano, das novas relações rural/urbano se formando nas periferias das metrôpo-

82 “A Revolução Urbana”, (1999).

les. Uma conjuntura despertada no século XXI, quando a concentração de terra já extrapolou os limites dos sertões, não sendo mais a distância para com as cidades um requisito para conquista de terras agrícolas pela reforma agrária.

Primeiramente, em meados de 2017, visitei o acampamento “8 de março - Maria da Conceição” na cidade de Itatiaiuçu - região metropolitana de Belo Horizonte. Foi uma visita meio que ao acaso, acompanhado de Gabriel Ornelas, um integrante do grupo AUÊ - grupo de pesquisa em agricultura urbana da UFMG - que estava visitando a região para mapear os pequenos produtores de cada município, um projeto a pautar as políticas públicas pretendidas para a agricultura urbana no novo plano diretor da cidade que estava em vias de ser refeito. Estávamos visitando os técnicos da EMATER para colher dados, quando ouvimos falar do acampamento ali perto, pegamos alguns contatos e fomos, de sopetão. Lá quem nos recebeu foi Mirinha a líder comunitária nos relatou uma experiência de autogestão desenvolvida por mulheres há quase um ano.

Inicialmente coordenadas pelo trabalho de base feito por uma companheira chamada Maria da Conceição, decidiram tomar a terra improdutiva do empresário Eike Batista, que estava preso desde o início de 2017. O fato decorreu durante a jornada das mulheres realizada naquele ano e justamente no dia internacional das mulheres, dia 8 de março, o movimento ocupa a fazenda do grupo falido MMX. Infelizmente, Maria da Conceição veio a falecer de morte súbita antes mesmo da ocupação, porém seu legado de luta ficou marcado no nome do acampamento e na garra das mulheres que puxaram o movimento.

Hoje, já passado mais de um ano de ocupação, as coordenações continuam nas mãos das mulheres, o que torna este acampamento um modelo diferenciado, com eficiência nas pautas educacionais e com exímia dedicação aos preceitos da agroecologia. São mais de 400 hectares de terra divididos por mais de 350 famílias, as quais atuam em 30 núcleos comunitários e 30 hortas comunitárias, produzindo sobretudo feijão e milho e garantindo segurança alimentar para todos, além de alimento para criação de animais.

Passeando pelo acampamento, podemos ver a potência produtiva da terra quando tomada por um movimento organizado: todo canto tem horta e

o alimento é farto e já garante a subsistência dos trabalhadores (isso que não estão por ali há muito tempo e começaram sua produção do zero, visto que a fazenda não era usada para fins de produção agrícola, mas como estratégias de negócios do grupo empresarial minerador). Por fim, fico sabendo de outro acampamento em terras do mesmo empresário, chamado de “Pátria livre”, em São Joaquim de Bicas, município 20 quilômetros mais próximo do centro da cidade, fato que me atrai pela possibilidade de ver a intersecção rural/urbano. Nas semanas seguintes entro em contato com algumas pessoas da direção do MST e peço licença para fazer uma outra visita, desta vez com mochila, lençol e travesseiro.

Antes de ir a São Joaquim de Bicas, eu iria retornar a Itatiaiuçu para ficar à margem de um evento formidável que aconteceria ali no final de janeiro de 2018: a visita do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva ao acampamento para lançar sua candidatura à presidência na eleição deste ano. O presidente que estava em via de ser preso por uma acusação de beneficiamento impróprio em uma reforma em um apartamento (que nunca foi seu), estava em uma jornada de luta para adquirir o apoio popular que tanto cultivou em seus governos. Hoje olhando para trás, vendo qual maléfico foi o golpe institucional feito pelos partidos de direita, os quais barraram os investimentos em projetos populares, educação, saúde, moradia, para continuar uma onda de entreguismos do patrimônio nacional, sem falar nas políticas reacionárias e fascistas que potencialmente se iniciarão em breve com a eleição do candidato Bolsonaro – penso que éramos felizes e não sabíamos. Ali, naquele dia, pude ver quanta admiração a população humilde do campo tem por esse homem, que consegue simbolizar em si tanta luta por justiça social. Lula, andou por entre o acampamento, entrou em alguns barracos para tomar um café e em seu discurso não deixou de aclamar as mulheres que ali lutavam para conseguir a reforma agrária, saudando com um grande abraço Mirinha, líder representante do acampamento. Estranhamente eu estava triste por ver todos tão felizes e acreditando naquele senhor já tão frágil. Estava evidente o futuro porvir. Quisera eu acreditar em sua liberdade.

/

/

/

/

Hoje, meses depois de minhas visitas aos acampamentos, escrevo meus registros em formato de relatório para tentar aproximar o leitor da experiência que vivi nessa jornada de forma mais integral. Entendo que tive uma forte imersão em um contexto desconhecido, sendo tudo novidade para mim, sendo que tais experiências não se traduzem em um único texto, nem resultam em conclusões que já estavam devidamente aclaradas. Assim, pretendo apresentar os fatos vividos de forma subsequente para criar um universo de memórias e observações futuras. Creio que há muito por ser estudado e dito dos acampamentos metropolitanos do MST que estão por aglutinar as lutas por terra e moradia em uma frente única, ao mesmo tempo em que se envolvem com o mercado direto com a cidade, tendo muito mais facilidade de escoamento de produção. Nesses acampamentos vivem uma infinidade de famílias, pessoas que aprenderam a construir a vida com as próprias mãos, milhares e milhares de histórias de luta, as quais demandariam um novo projeto para serem relatadas e transcritas.

Visitei o acampamento “Pátria Livre” em meados de fevereiro de 2018. Não foi nada muito formal, também não sabia ao certo o que iria acontecer, claro, eles sabiam que eu estava indo, me avisaram que teria um quarto separado para mim na casa que cedia a cozinha e a secretaria, mas que eu poderia acampar por ali também. Primeiramente, em uma visita num evento no “Armazém do campo” – local onde vendem produtos da reforma agrária – consegui um contato de um coordenador regional do movimento. Logo fiz toda uma apresentação de minha pesquisa e de meus motivos para a visita, os quais seriam criar essa narrativa a ser inserida em minha dissertação de mestrado, apresentando o acampamento como uma experiência em agricultura urbana política e ecológica. De fato, não sabia o que estaria porvir, apenas estava disposto. Eles também me deixaram solto, livre para conversar com quem se aproximasse.

1º dia

Esperei Fábio Pátria na Escola Técnica Federal no Bairro da Gameleira, ao final da Avenida Amazonas. Fábio é motorista do movimento, está a ir e voltar com pessoas e cargas quase todos os dias. Menino fugido de casa morou muito tempo na rua, então trabalhou por muitos anos

como frentista de posto de gasolina.

Ao chegar me apresentaram Adissom e Davinho dois jovens de mais ou menos vinte anos, coordenadores dos setores de produção de cultura dentro do acampamento e eles me chamaram para uma caminhada. Fomos ver a produção de arroz que estão fazendo lá na última rua e, para isso, fomos atravessando todo o acampamento, andamos ao menos uns dois quilômetros pelas ruas de terra, entre os barracos, as plantações e os matagais. Percebo que, de fato, estou na presença de dois líderes da juventude do MST, jovens alegres trabalhando com paixão, cumprimentando crianças e velhos, sabendo de tudo que acontece por ali. Contam-me, então, um pouco da história e administração do acampamento.

Chegaram ali no dia 26 de julho de 2017, num movimento organizado por uma frente de luta, uma jornada de luta contra os latifundiários corruptos, grandes empresários, que fazem grilagens, lobbies, devastações ambientais, além de sonegarem imposto, grandes barões que se colocam a força e violência como oligarquia no Brasil. A fazenda ocupada no caso também pertence a Eike Batista, condenado por pagar propinas ao Governador do Rio de Janeiro para beneficiar suas empresas em licitações. O empresário também fez longa carreira em danos ambientais, práticas que se impõem pelo alto valor financeiro gerado na mineração, extração de ouro, prata, diamantes, cobre, alumínio, devastando, poluindo, montanhas e rios. Também não precisamos ir muito longe para entender que a fortuna do empresário veio de favorecimentos do Governo Brasileiro, seu pai era Ministro de Minas e Energia dos governos Militares, além de ter sido por muitos anos diretor da Vale do Rio Doce. Ora, Eike tinha acesso aos mapas das minas, e foi comprando uma a uma em leilões entreguistas, que faziam vistas grossas aos tesouros por debaixo da terra. A fazenda em questão interessava ao empresário por ser um local à beira da ferrovia e de um rio, sendo, portanto, ponto estratégico para um futuro porto seco. Agora que o empresário está preso por corrupção, o movimento dos trabalhadores sem-terra vê em suas terras improdutivas uma brecha para a reforma agrária.

Adisson me lembra de que o acesso à terra é um direito humano, assim como água, alimento e trabalho, sendo que o descumprimento da função social da propriedade imobiliária, seja rural ou urbana, pode/ deve ser

questionado, já que muitos se encontram sem-terra. Segundo Stédile, já são quatro milhões de famílias sem-terra, 800 mil famílias assentadas, 120 mil famílias acampadas. O MST desenvolve um projeto de desenvolvimento nacional pela reforma agrária, desenvolvimento da agroindústria, da educação rural, da distribuição de renda e do desenvolvimento econômico pela pequena propriedade, isso num Brasil como o país com maior área cultivável do mundo, contudo, cujas políticas agrárias que desprestigiam o pequeno produtor.

Sabemos que são criminalizados pela mídia e pela burguesia e seu poder de influência no judiciário. Que são massacrados pelos discursos de ódio dos capitalistas selvagens, meritocratas que não entendem de direitos humanos, quando não assassinados pelas milícias ruralistas, coronéis e seus capangas, Abril vermelho. Não conseguem entender que o MST é um movimento social a organizar os pobres do campo na luta pelo direito à terra, movimento nascido na teologia da libertação, que valoriza a irmandade espiritual e os conhecimentos tradicionais de cultivo da terra. Sujeitos pobres vivendo apartados do capital, batalhando pela sua autossuficiência alimentar, em um ato revolucionário a gerar orgulho de ser camponês e a criar soberania alimentar e cuidado com a natureza ao mesmo tempo em que estão embasados em leis e direitos humanos.

Acontece que, tendo a terra ocupada, muitas famílias começam a migrar para lá, vendo uma oportunidade de reconstruir sua vida. Relembro que a fazenda se encontra na Região Metropolitana de Belo Horizonte, tendo muitas cidades vizinhas (Mario Campos, Sarzedo) de onde vinham pessoas fugidas, por questões de violência, medo, desemprego, visto que, ali, teriam ao menos o direito básico de plantar. Gerou-se aí um fato inusitado: 80% das pessoas que moram no acampamento “Pátria livre” vieram de cidades, moravam em bairros urbanos antes de serem “sem-terra”. Ocorre, portanto, numa união de lutas, da luta pela moradia e a luta pela terra, da reforma urbana à reforma agrária. A proximidade da cidade facilitou muito o apoio técnico/político: uma horta modelo foi implementada, agricultores podem usar o espaço para difundir conhecimentos, assim como uma escola rural de educação básica foi construída em parceria com a instituição Isabela Hendrix. O acampamento está sempre movimentado, eventos, encontros e cursos que constroem um estado de troca de cultura permanente. Ainda assim, não esqueçamos se tratar de um espaço

provisório. O Acampamento funciona como uma forma de protesto, tomam o espaço, constroem barracos de madeirite e lonas, sabendo, porém, que por questões jurídicas não há espaço para todos serem assentados. Assim estão ali para lutar por outras terras também, construindo, então, um ponto estratégico pela reforma agrária popular. A matemática não fecha só com esse terreno, Adisson afirma que na jurisdição brasileira a propriedade agrícola familiar mínima em área metropolitana é de três hectares. Aquela fazenda tem 750 hectares, dos quais 70% é de área de preservação permanente, beira de rios, matas primárias. No entanto estão ali acampadas mais de 1500 famílias.

Cada família recebe para si um pequeno lote de 10x10m e ali constroem o seu barraco, fazem o seu banheiro, o seu fogão e plantam as suas verduras. Cada família deve ser acolhida por um núcleo de famílias, uma vizinhança, são 28 núcleos, cada núcleo recebe parasi mais ou menos um hectare de terra a ser usado coletivamente e o produto desta terra deve ser controlado pela secretaria que também recolhe 10% para a manutenção geral. Caso o núcleo esteja sendo muito eficiente em sua terra coletiva, pode reivindicar mais espaços para o plantio. É o caso do núcleo três, que já está produzindo em mais de quatro hectares. Por fim, a gestão geral é dividida nos seguintes setores: secretaria e finanças; infraestrutura; frentes de massa; educação; saúde; cultura; segurança; e cozinha e produção, sendo que esses exigem um trabalho dedicado o qual é subsidiado pela horta modelo e todos que participam têm o direito a almoçar diariamente na cozinha coletiva. No caso de meu colegas de caminhada, os dois participam do setor de cultura, Adisson trabalha com o coletivo de juventude, organizando místicas, oficinas, que integrem e fortaleçam as ocupações dos jovens, e Davinho faz a documentação e divulgação de imprensa, criando mídias e canais de comunicação do acampamento com a sociedade. Os dois moravam em cidades vizinhas e vieram ao acampamento sem muita base para a produção agrícola e nem mesmo formação militante, lá que receberam formação e em pouco tempo estavam envolvidos e engajados.

Ao final do passeio Davinho me mostra um barraco ao lado do seu, o qual estava desocupado e seria o meu abrigo provisório por aqueles dias. Achei muito conveniente, já que assim poderia ficar próximo da juventude e me enturmar vivendo uma realidade próxima a dos acampados.

À noite comemos um macarrão com frango e ficamos por ali jogando truço.

2º dia

Dormi incrivelmente bem para quem não estava acostumado ao colchonete no chão batido. Acordei melhor ainda, vendo a névoa da manhã e os trabalhadores, agora vizinhos meus, tomando seus cafés. Penso nesse dia a dia sem energia elétrica, senhoras e crianças tomando banho frio, sem chuveiro quente nem geladeira. Sem plano algum, eu sai andando em meio às casas e não demorou dez minutos para arrumar uma atividade para o dia. Gilmar, um senhor galego, me chama para ver a sua produção. Fala de um pomar lá em cima, onde estão plantando milho crioulo em métodos agroecológicos. Não titubeio e vou junto dele.

Gilmar é aposentado, morou a vida toda em Belo Horizonte, trabalhava no setor administrativo de empresas privadas, porém seu pai era camponês, diz ele que havia nascido bem ali, naquela fazenda onde estávamos, em outro tempo. Diz que sempre sonhou em ter a vida tranquila do campo e depois de aposentado, vendo a conjuntura que se estabelecia ali, resolveu tentar a sorte. Arrumou um barraco e investiu seu dinheiro na produção do núcleo em que participa, também por isso o seu núcleo se tornou o mais produtivo do acampamento, pois houve investimento inicial, chegaram até a ter um trator por algum tempo... Que infelizmente quebrou, pois foi constantemente sabotado (não se pode dizer especificamente por quem, mas Gilmar crê haver pessoas infiltradas). Ainda assim se mantiveram e, atualmente, quando precisam arar a terra, alugam uma máquina.

Naquele dia estavam capinando e plantando mais milho. Vejo seis ou sete pessoas trabalhando em uma plantação enorme, com culturas variadas, vejo além do milho, quiabo, jiló, e algumas mudas de café e banana, intercalados e mesclados com a mata, Gilmar fala que assim se controla as pragas e se previne incêndios, quebra-se o vento. Usam de conhecimentos tradicionais, que também são chamados de agroecologia, com base em equilíbrios naturais pela biodiversidade. Fizeram muitos testes em pequenas plantações para ver o que a terra aceita, pois como não tinham muito equipamento, nem mesmo insumos, deveriam aceitar a condição e partir para aquilo que se adapta, não compraram nem mesmo calcário,

largamente usado para a correção de PH do solo. Logo descobriram que tomate e rúcula não davam muito bem, porém o quiabo e o milho crioulo vieram.

Os plantios do núcleo dois se espalharam pelo acampamento, andamos o dia todo por meio deles, colhendo e plantando e ao entardecer tínhamos mais de 20 caixas de verduras que foram levadas de balsa ao outro lado do rio, de onde partiram em um carroto para a cidade. Quando perguntado se as verduras podem ser vendidas como orgânicas, Gilmar lamenta dizer que não, pois os mecanismos de certificação exigem documentos de posse da terra. Como já produzem muito mais do que precisam para a subsistência própria, podem vender o excedente e com esse dinheiro comprar outros produtos que não conseguem produzir, lembrado que a secretaria fica com 10%. Para aperfeiçoar isso falam de estar atentos ao mecanismo de produção e venda, do preço flutuante relacionado às épocas, de saber planejar para colher nas épocas certas, quando a verdura está valendo mais. Ao mesmo tempo lembram da dificuldade em se ter um trabalhador dedicado constante, pois todos ali estão envolvidos com uma luta diária que transpassa a lavoura, para isso chegam a contratar mão de obra externa, diárias de trabalho bem pagas, para não deixar a lavoura parada. Também falam da condição especial de estarem perto da cidade, sendo que muitas pessoas do acampamento tem empregos na cidade, ganham salários, não podendo ajudar diretamente no plantio, porém podendo contribuir de outras formas, por meio do diálogo com mercados ou investimento financeiro mesmo.

Antes de me despedir, pergunto para Gilmar sobre as dificuldades e carências que se tem ali, em como suportá-las e superá-las. Gilmar fala que o nosso senso de necessidade pode ser refeito, os confortos da cidade não são essenciais, não precisamos de nada, só da coragem.

3º dia

Tirei aquele dia para ajudar na horta modelo. De manhã, quando tomava um café na cozinha coletiva, percebi que havia apenas duas pessoas capinando novos canteiros e pensei que poderia ajudá-los, aprender um pouco sobre a horta e garantir mais um almoço com base no trabalho coletivo (claro que minhas refeições estavam garantidas, mas eu queria

fazer por onde). Chegando perto, me apresento e conheço Gefino e Dionísio, que estão plantando berinjelas. Mostram-me como está dando bem, as primeiras que plantaram logo que ocuparam a terra, então, poderiam agora tentar uma produção mais larga.

Pego uma enxada e começo a fazer o mesmo que eles em um terceiro canteiro: revirar a terra, tirando os principais inços e pedregulhos. Meu gosto por daninhas e por simbioses fica atiçado, pergunto por que precisamos tirar todas e recebo a clássica resposta de que irão competir pelos nutrientes com as nossas amigas, mas que não precisamos tirar todas, não, só as maiores mesmo. Não questiono e sigo fazendo minha fileira, depois de revirada a terra, jogamos punhados de um composto vindo de uma “cama de galinheiro”, e, por fim, fizemos covas rasas a cada 30 cm de distância, onde jogávamos duas ou três sementes em cada. Pergunto também se não seria interessante cobrir o solo com uma cobertura de palha, para que não ficasse exposto às intemperes, porém Gefino parece relutante em inovar, as coisas funcionam assim há muito tempo.

O trabalho durou a manhã toda, cada canteiro deveria ter ao menos 50 metros e ainda havia muitos outros por serem feitos. Havia mais de um hectare de terra naquela horta coletiva modelo, onde se planta principalmente verduras para o dia a dia, vejo alface, berinjela, couve, brócolis, feijão, quiabo. Conversando com Gefino, começo a entender um pouco como a horta funciona. Ele é um representante regional do setor de produção do MST, trabalhador agrícola há muitos anos, assentado em uma fazenda em Barbacena, que está agora acampado ali para ajudar na implementação dessa horta. Um disseminador de culturas que já fez isso em inúmeros outros acampamentos.

A horta modelo é fundamental para um acampamento, pois ali os técnicos agrícolas irão descobrir quais produtos são compatíveis com o solo, e como manejá-lo, ali ocorre aulas de plantio, cuidados com a lavoura, os acampados podem aprender sobre conservação de sementes, mecanismos de irrigação, fabricação de caldas fertilizantes, caldas inseticidas, adubação e correção de PH do solo, podas, colheita, e armazenamento de produtos. Claro que demora, só depois de um ano teremos uma horta verdejante, as primeirasavas nunca são tão boas, estão estabilizando o solo e descobrindo os seus macetes. Todo acampado pode

participar da horta modelo, porém apenas aqueles que se dedicam dois dias por semana serão reconhecidos como cooperadores do setor de produção, lembra que toda a produção deve suprir a cozinha coletiva, que funciona voltada para quem trabalha nos setores organizacionais. Aqui o excedente também deverá ser vendido, abastecendo o caixa da cozinha para comprar arroz, óleo, e outros produtos que não conseguem produzir ali. Ao mesmo tempo, a horta não devem se impor como modelo único, os núcleos devem ter autonomia para desenvolver suas experiências, como é o caso do núcleo dois que eu havia visitado no dia anterior e que muitas vezes atropelou processos de leitura da conjuntura biológica do local, pois já tinham investimentos externos e uma certa pressa em produzir. O almoço é um momento mágico numa cozinha coletiva. Não consigo entender como aqueles ingredientes tão simples, arroz, feijão, tomate e frango se transformam numa das melhores comidas do mundo. Um ambiente de alegria e nutrição toma conta, uma irmandade na partilha do alimento. Todos têm calma e respeito. Todos estão presentes.

Vendo que à tarde não iria encontrar Gefino por ali, sai caminhando pelo acampamento, conversei com um ou outro acampado. Conversas simples, mas sempre de muito orgulho pelo que se tem cultivado, o feijão é produto favorito e quando pergunto o porquê, me falam da economia que isso gera nos custos de vida. Sempre sorridentes, sem vergonha alguma me convidam para entrar, tomar um café, sempre muito doce por sinal. Fazem seus cigarros picados, seus macarrões quebrados e oferecem tudo. A solidariedade parece ser regra geral, muitos falam de como foram acolhidos por ali quando não tinham nada e que por mais simples e pobres que fossem seus vizinhos, sempre ajudam alguém necessitado.

Curiosamente alguns acampados reclamam da maneira como o núcleo dois se expandiu rapidamente e como contratam gente de fora para prestar serviços, como se tivessem pegando a terra para si. Os questionamentos me deixam com uma pulga atrás da orelha, afinal, se o núcleo investe certo capital no aluguel de tratores, na compra de sementes ou mudas, na contratação de mão de obra, a partir desse ponto, na prática, a terra pode ser tida como deles, pois há capital aplicado, formando uma concentração de terra dentro do próprio movimento que luta pela reforma agrária popular. Mas como permitir investimentos de acampados sem concentrar a terra? Durmo sem respostas.

4º dia

Naquela noite havia caído uma tempestade sem fim. Eu via a lona de meu barraco inflar e esvaziar como um saco plástico em que se respira dentro. Ouvia os trovões e pingos de chuva caindo diretamente sobre minha cabeça. Fiquei tenso à espera de que tudo saísse voando pelos ares, no entanto a arquitetura resistiu bem, nem mesmo houve alguma infiltração significativa, acordei seco. O mesmo não aconteceu com meu vizinho Davinho, de manhã seus colchões já estavam para fora, para ver se secavam. Isso me fez pensar em como seria importante haver alguma troca de informações sobre as técnicas construtivas de barracos e ao mesmo tempo pensei como eles devem saber muito mais sobre isso do que qualquer arquiteto, não fazemos um barraco sequer em nossas formações e imagino que muito menos em nossas vidas profissionais. Deveríamos documentar isso, para auxiliar ocupações!

Ainda pela manhã fomos eu, Adissom e Davinho ao centro da cidade de São Joaquim de Bicas. Eles precisavam protocolar alguns documentos em um cartório, coisa para o cadastramento da escola rural que estão por iniciar no acampamento, e eu aproveitei para ir num açougue comprar um pedaço de carne para fazermos à noite, pois sei que será minha despedida. Pediram pela barriga de porco.

Depois do almoço pude participar de uma reunião da comissão de direção reduzida, os representantes dos setores da gestão estavam discutindo os últimos acontecimentos. Pude perceber quais eram os setores, reconhecer seus representantes, ver suas tarefas e desafios, ver os debates sobre os assuntos urgentes e do momento. O clima de solidariedade continuava no ar, um trabalho em equipe muito bem organizado resolvendo os encaminhamentos para suprir às suas demandas diárias sem perder de vista a resistência e a luta contra o sistema. Uma classe trabalhadora organizada, compartimentada hierarquicamente, tendo diretores e coordenadores, mas de direção coletiva, estruturada por representantes populares. Uma democracia interna por participação e compartimentação, tendo autonomia dos setores compartimentados como peças que formam uma grande máquina. Pelo que entendi, o acampamento se divide em núcleos e setores. Os núcleos são vizinhanças, 20, 30 famílias vizinhas que cooperam umas com as outras, para crescerem juntas. Cada núcleo tem os

seus representantes que informa à direção às necessidades, uma mulher e um homem de preferência. Em outro sentido formam os setores, que devem abordar e operar sobre todo o acampamento, divididos por funções. São uns nove ou dez setores, também coordenados por um homem e uma mulher de preferência. Segurança, produção, infraestrutura, como já dito. A reunião que presenciava era uma reunião dos representantes desses setores. Acima do acampamento estão as direções, regionais e nacional, que coordena os polos de formação, as articulações políticas, a gestão de recursos, a gestão de pessoas, os grandes eventos e outras atividades. E, para além das direções, o MST adquire trabalho com outros braços, grupos anexos de apoio aos movimentos sociais, redes de médicos, professores, advogados, arquitetos. Todos populares.

Naquela reunião, além de se planejarem para uma festa comemorativa do dia internacional da mulher também discutiam a admissão de professores para a escola rural que estava sendo construída, feita com material retirado dali mesmo, alguns pinheiros foram cortados. Como já dito, o acampamento está desenvolvendo uma escola em parceria com a instituição Isabela Hendrix, está quase pronta. Por fim discutiram um vazamento de água e a necessidade de mais apoio na horta modelo, para que tome autonomia sem o Gefino. Cada assunto foi devidamente deliberado e tomou encaminhamentos funcionais. O que deve ser feito, por que e quando.

Repassando a minha ata de encaminhamentos: a falta de água deve ser resolvida no dia, uma equipe deve ajustar a braçadeira que capta água no duto da Copasa; as novas estruturas da escola devem ser feitas até semana que vem, naquele dia mesmo deviam amarrar e tombar mais alguns pinheiros; os professores deviam estar contratados até a mesma data; o pessoal da segurança deve ficar atento com um certo fulano que foi expulso do acampamento por brigas com a esposa, parece ser perigoso, dizem que ele está rondando a fazenda; a festa do fim de semana deve ganhar decoração e uma mística a ser pensada pelo Adisson; a horta modelo deve ter a participação de todos que usufruem da cozinha, assim todos que trabalham nos setores devem ajudar a horta modelo um dia na semana pelo menos, lembrando que a socialização horizontal da agroecologia se relaciona no movimento campestre reforçando a tradição comunal. Agroecologia como resistência à privatização da terra, pela autonomia produtiva e cultivo ecológico da terra. Eles enfrentam o agronegócio

capitalista com mecanismos de autoproteção, segurança alimentar, sementes crioulas e, mediante ao intercâmbio de saberes, têm conseguido que camponeses e camponesas reencontrem soluções concretas a problemas concretos.

Desde o impeachment de Dilma Rousseff em 2016 vivemos um golpe de estado que encabeçou um processo de declínio dos projetos sociais, jogando, novamente, um grande volume de pessoas à margem da urbanização, colocando famílias inteiras em estado de vulnerabilidade social, sem acesso a direitos humanos básicos: direito à moradia; direito à alimentação; direito ao trabalho; direito à água; direito à educação; direito à Saúde; direito à energia elétrica. Os processos de acumulação de capital, subsidiados pelo governo oligárquico, reforçaram a divisão de classes marcada pela exploração, tornando tais direitos humanos básicos processos de lutas e conquistas passo a passo.

PÁTRIA LIVRE!

VENCEREMOS!

MST!

A LUTA É PRA VALER!

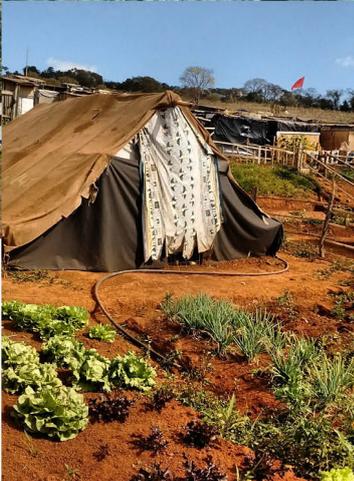


Fig. 17. Mosaico de fotos - MST. 2017. fotos do autor. (verso).

REFAZENDA - JARDINAGEM E MICROPOLÍTICA

08

ATERRO

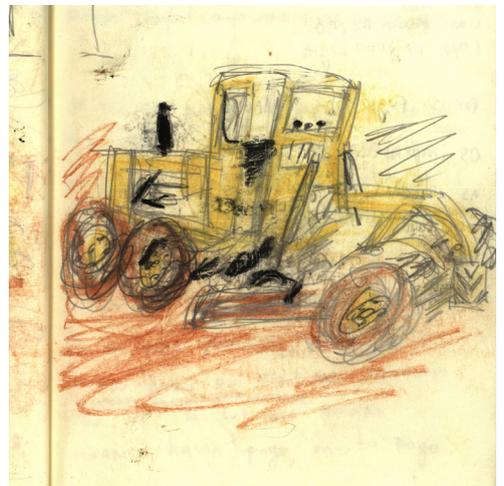


Fig. 18. Trator. giz pastel sobre papel, 10x 20cm, 2011. imagem do autor.

ATERRO

// J17 - caixa de areia

A ideia é simples: partir com um livro, um jornal e um bilhete de ônibus nas mãos rumo a uma periferia, onde encontre certas ruínas / monumentos/ aterros. Chegar por final numa grande caixa de areia e vislumbrar sua simbólica entropia, destituir o romantismo idílico da ecologia conservacionista para ver o que nos resta de fato (*R.S.*).⁸³ Se a caixa de areia de Robert Smithson (1967) fecha seu percurso narrativo por Passaic, como mais um monumento artístico do homem sobre a paisagem, talvez também eu possa fechar minhas andanças por jardins metropolitanos. A grande diferença seria que, em vez de encontrar um deserto entrópico em meio ao desenvolvimento moderno, busco encontrar um desenvolvimento sintrópico em meio ao deserto moderno. Resiliência.

E qual seria o local simbólico dos “restos e descuidos” senão o aterro sanitário metropolitano⁸⁴ ? “Sambaquis modernos”, montanhas de

83 “Un recorrido por los monumentos de Passaic” Nueva Jersey, (2006).

84 O problema do manejo de resíduos urbanos domiciliares ainda é um enfrentamento necessário. Sabemos que tratar desse problema é uma função do governo, pois o volume gerado é muito grande, porém, segundo IBGE (2010) no Brasil das sessenta e cinco mil to-

lixo putrefato como resultado de nossa maquinação do mundo.

/
/
/
/

Numa sexta-feira, dia sete de setembro de 2018, eu andei até o terminal rodoviário de Barão Geraldo/ Campinas, na Avenida Santa Isabel, Campinas, São Paulo. Primeiro, passei numa banca de revistas e comprei o jornal “O Estado de São Paulo”, levei também um livrinho de bolso que já estava namorando há tempos, e havia acabado de encontrar num sebo chamado “Robert Smithson: um passeio pelos monumentos de Passaic”. Dirigi-me à plataforma de embarque e peguei o ônibus da linha 608 com destino a Cosmópolis.

Sentei e abri o jornal - ele não me atraiu muito, a capa ilustra uma tragédia sobre a tragédia: Bolsonaro esfaqueado. A matéria tem um tom vitimista sobre o candidato a presidência ultraconservador, militarista e direitista, que sofreu um atentado a faca no dia anterior. Abro o “Caderno 2”, voltado às artes e cultura, que, infelizmente, hoje tem apenas duas páginas. Esperava por mais, mas vamos lá. As manchetes me interessam: “Natureza em cena”, a matéria destaca uma peça de balé com mais de 105 anos, escrita pelo russo Igor Stravinsky, chamada “Sagração da Primavera” e que está sendo retomada pelo grupo “Balé da Cidade” e será apresentada no Teatro Municipal. A imagem mostra bailarinos vestidos de branco em meio a um bosque, algo me soa como uma investida kitsch em dança de contato e improvisação, aquelas pessoas parecem o estereotipo de loucos num manicômio. Ando meio sem paciência. O texto

neladas de lixo doméstico geradas por dia, apenas 0,8% foram recicladas. Ao mesmo tempo, apenas 20% das moradias tem acesso a esgoto. Enquanto a maioria dos cidadãos não sabe ou não se preocupa para onde vão seus dejetos, jogam a responsabilidade do problema à ordem macro política, mas o governo não consegue suprir a carência de toda a população. Os custos para construção de dutos são grandes, e às vezes exigem reformas urbanas complicadas. O lixo, quando não jogado nos barrancos e terrenos baldios, muitas vezes acaba em lixões a céu aberto cada vez maiores e mais saturados, enquanto as redes pluviais e os rios recebem uma ordem enorme de esgoto sanitário, gerando externalidades negativas. Coincidentemente, enquanto a terra fica poluída e rarefeita, o universo aquoso cresce e toma conta do nosso cotidiano.

da notícia fala sobre um olhar sobre o primitivo que está em xeque, já o texto da peça fala de um ritual, um sacrifício de uma jovem virgem, que tem seu sangue espalhado sobre a plantação, em troca de proteção dos deuses em uma boa colheita. Algumas perguntas me acometem: Onde estão os rituais? Não fazem mais sentido?

Virando a página, no caderno “Metrópole” há uma reflexão sobre o incêndio no Museu Nacional, fato que destruiu 90% do acervo do museu mais antigo do Brasil. Tragédia sintomática de nosso governo que havia acontecido já há três dias. Queimaram os esqueletos humanos e os fósseis dos dinossauros que viviam aqui, os maiores insetários e herbários de nossa fauna e flora, as cestarias dos primeiros contatos com os indígenas, os mobiliários do Brasil colônia, os afrescos, da coleção da “Quinta da boa vista”, todos incendiados. Hector Escobar, numa esquete da polêmica, fala da necessidade prática e estratégica da digitalização de acervos, nesse caso, a falta dela. Sem documentação digital precisa, ao menos as peças não poderão ser revisitadas, em outros casos, democratizariam o acesso a inúmeros materiais culturais que poderiam estar circulando ao invés de presos em salões inóspitos. Fernando Gabeira, em texto de manchete: “As ilusões do novo mundo” clama por uma política de cultura que pare de suplantar o passado para impor um futuro novo, que aceite as conexões, as sabedorias ancestrais. Gabeira vê em pequenos museus espalhados pelos interiores uma missão descentralizada da difusão da cultura e vê como muitos desses se fazem em parcerias público privadas, que os mantêm como instituições mais ágeis para criação de produtos e captação de recursos. **Hibridizações complexas e contraditórias.**

Andamos por uma estrada arborizada, fileiras de pinheiros, eucaliptos, em um cenário grandioso e manufaturado. Uma mistura rural – industrial. São muitas as fábricas à beira do caminho e muitos os galpões abandonados, ou a alugar; tanques megalíticos da Petrobrás, seguidos pela Brasken, Ultragás, Copersucar – etanol, Christeys, Fitesa, todos contornados por enormes torres de alta tensão e por uma ferrovia de trens de carga. Já ao fundo, há algumas fazendas, monocultoras de cana, alguns pastos com vacas e cavalos e, no meio, alguns centros habitacionais ilhados, chegam a ter prédios bem altos em construção, mas a maioria velhos e decadentes, subúrbio pobre, subdesenvolvimentismo.

O ônibus passou uma estação de pedágio, virou em um grande viaduto, saindo da estrada Zeferino Vaz, e mais alguns metros em aceleração e entramos na cidade. Vejo grandes letreiros escrito “cimentolandia”. Antes mesmo de chegarmos ao centro da cidade, avisto um primeiro aterro, puxo a corda e desço. O aterro era um grande pátio de carros da polícia rodoviária. Um não-lugar de acesso proibido, cheio de carros destroçados. As luzes de um dia completamente azul tornam o cenário hiper-realista quando visto pelas lentes Galaxy S8 de meu celular, na verdade parece mais bonito olhar através de seu visor do que simplesmente olhar sem ele, a grande angular cria uma curvatura horizontal a tornar toda a perfeição dos detalhes em HD um tanto surreais, amplitude azul e ruínas enferrujadas em um contraste saturado. Há um equilíbrio de oposição. Entropia mecânica, latarias incendiadas, carros cortados ao meio, em um pátio desértico e proibido, como se fossem resíduos tóxicos, mas sabemos que são metais/ peças valiosas confiscadas pela polícia. Sucata - próteses mecânicas para outros carros, os carros do pátio ficam cada vez mais sem destroçados. Sem motor, sem roda, sem volante. Restos.

Lembro de um trecho do livro que trago nas mãos: quando Smithson não consegue mais identificar se a parte da estrada que percorre é nova ou antiga, deduz haver um processo de construção/ destruição permanente, uma mistura quase orgânica entre o asfalto e a terra, os dois confundidos no caos. Um silêncio toma conta, não há carros na estrada por um momento, apenas carros mortos à minha frente. A situação não dura muito, voltam os zunidos, tão dispersos, acelerados, que quase não entendo de onde vêm, se dos carros novos ou dos velhos. Estamos a reconstruir infinitos carros e rodovias, rodando um sobre o outro, em todas as direções, aterros de direções deslocadas (R.S).

Ando pela Avenida Campinas, que me parece ser uma das principais por haver nela um canteiro central repleto de Jerivás equidistantes. Conforme caminhava adentrava em uma malha ortogonal de vias largas, com acostamentos/vagas de estacionamento, em meio às casinhas térreas, estilo pré-modernas, decô, surge uma enorme loja maçônica feita pela sobreposição de colunas gregas e tinta azul e amarela sobre um galpão. Engraçado que uma quadra a frente está a sede do partido PSDB pintada com as mesmas cores, entre essas arquiteturas, inúmeros botecos estilo

“copo sujo” e com clientes exclusivamente masculinos.

Depois do final da avenida, chegando à margem da cidade, quando a malha ortogonal já se deforma e o asfalto se esburaca, entro em uma rua de terra por entre algumas grandes quadras. São grandes lotes pretendidos pela especulação imobiliária como futuros condomínios, imagino isso por haver na parte mais alta da sequência de lotes um único condomínio murado, com predinhos de três andares alinhados, à frente está o letreiro: “Cosmopolitan Park”. Talvez por estarmos em um momento de crise econômica, esses outros lotes se mantiveram abandonados nos últimos anos, recebendo em si apenas entulhos e tendo como “cuidado” do proprietário o constante desmatamento e a instalação de letreiros proibindo o descarte de lixo ou entulho. Estão por ali à espera de novos funcionários executivos para as indústrias da periferia da cidade, novos funcionários para os bancos, novos gerentes para o comércio. Há um interesse em criar uma sobrecamada a revestir a cidade. Porém a cidade se mantém decadente, “repletas de buracos, vazios monumentais que definem, sem pretender isso, os vestígios da memória de um jogo de futuros abandonados” (R.S).

Interior distópico? Castelos contemporâneos? Periferia pasteurizada?

Para esses aterros de especulação imobiliária, terra revirada como possibilidade de ocupação arquitetônica, gostaria de dar o nome de superfície de concreto com flora estampada.

Almocei na “Casinha restaurante” na Rua Dr. Moacir do Amaral, e recarreguei minha garrafa de água, infelizmente esse era mais um ponto comercial que só vende água com rótulo da Coca-Cola, o rótulo de marca “Crystal” apresenta a companhia como proprietária da fonte José Gregório, em Bauru (SP). Tive que ser complacente, afinal, não estou aqui para intermédios, seguiria um longo caminho a pé sabendo o que iria encontrar ao final da estrada, o grande aterro sanitário desativado.

Depois voltei a Cosmópolis (ou era mais para lá? não sei ao certo onde termina a cidade, apenas havia pegado uma estrada com indicação a cidade de Limeira, SP 133, e caminhei por essa mais ou menos uns dois

quilômetros) já não havia vestígios do centro urbano ao meu redor, estava ao meio de um canavial. Algumas sugestões de “pesque e pague” me apareceram também. Esses vazios de monocultura dividiam as cidades, não havendo elemento visual diferenciado no caminho, parecia estar, mesmo que em movimento, parado no mesmo lugar. Ao menos eu estava com meu GPS e tinha a localização do antigo aterro. 22°36’50”S / 47°13’51”W. Pela visão de satélite, sabia que deveria deixar a estrada na primeira grande curva.

/

/

/

/

Dizem que o aterro sanitário foi o destino de grandes volumes de descartes urbanos por mais de trinta anos, formavam grandes montanhas, patamares em curva de nível feitos de todo tipo de resíduos. Era um local tenso, contaminado, sem os cuidados que um aterro sanitário deve possuir. Penso em “Estamira”, filme de Marcos Prado, feito em 2005. Um choque de realidade. Pessoas enfrentando a entropia. Penso que não poderia me deparar com aquelas cenas. Seriam forte demais para mim. Aliás penso na vantagem de poder ir ao cenário dez anos depois da cena. Estar entre seus fantasmas.

O aterro foi fechado por problemas ambientais, novas legislações, novos zoneamentos. Hoje resta ali uma neblina sonolenta sobre colinas feitas com entulho, sobretudo cacos da construção civil. O aterro foi recapeado com esse entulho. Para minha surpresa não encontro lixo em putrefação, nem mesmo um urubu. A princípio o local parece uma beira estrada qualquer, um local silencioso, sem ninguém. Mas sei que esconde, por baixo, uma cidade moída. Um portão e uma portaria sugerem o local. Uma placa cheia de marcas de tiro. PARE. Passo pelos buracos na cerca. O local estava completamente abandonado, ainda assim, tive um receio com os mistérios daquele lugar.

O mato tomou conta da maior parte da superfície, uma mata primária. Na verdade uma floresta de mamonas cercada de ervas daninhas, ou vice versa. Uma diversidade absurda de espécies vegetais típicas da cidade formando um labirinto de clareiras. Nichos com gramíneas ao centro e colinas verdes ao redor. Platôs conectados por túneis, barrancos. No solo que percebo uma aparência estranha. Um complexo entre terra, concreto, plásticos, ferro, vidro, asfalto, pedregulhos e torrões. Em certos momentos ele é instável, o pé afunda e causa desmoronamentos ao descer e subir. A cada momento, um novo rótulo de produto. A construção da individualidade dos consumidores aflora no meio do jardim como lixo. Ou seriam joias?

O jardim se faz absurdo, surpreendente, incompreensível e, ao mesmo tempo, humano. Um local inexistente? Uma cena de Stalker ou Tarkovisky? Me assusto diversas vezes com barulhos estranhos no mato, mas relaxo e sigo. Surpreendo-me ao encontrar um jardim onde esperava por um mar de lixo. Estava mais passivo a premonições de um dilúvio, queria pensar quão importante é saber navegar, saber pescar para sobreviver hoje em dia. Mas chego a uma abertura, a montanha, como um grande volume de resíduos entrópicos que, diferentemente da caixa de areia de Smithson, não retoma os padrões perdidos, poeira dos ossos, se reconfigurando, por sua vez, como jardim. Sintropia criando sistemas surpreendentemente eficientes para ascender, retomar e aproveitar as energias dissipadas.

Lembro-me de um vídeo feito por Slavoj Žižek chamado “A ecologia é o ópio do povo”, o filósofo nos pede para olhar para **O lixo como condição de partida**, afinal não vamos parar de produzi-lo tão cedo e não temos mais condições de retomar a natureza perdida. Assim, o filósofo sugere que talvez devêssemos assumir nossa artificialidade e isso seria uma guinada ecológica. Aceitar que já terraplanamos toda a superfície terrestre, já recapeamos de concreto e asfalto todos os cantos do planeta e então olhar para isso como nossa condição primária, nosso ambiente.

Assim como existem flores específicas para as abelhas específicas, flores com cores ultravioletas que atraem insetos polinizadores, néctares exatamente condizentes com aminoácidos para a formação de mel,

o homem habita o lixo como o lixo habita o homem. Um acoplamento estrutural. Uma base de existência. Materialidade sólida que sustenta nossa existência. Um processo coevolutivo explicado pela intervenção dos humanos na natureza.

No se trata de un proceso adaptativo de la cultura a un ambiente preexistente, sino que ha sido una historia más o menos satisfactoria de codeterminación, por la cual, tanto las culturas, los animales y las plantas domesticadas, coevolucionaron. Somos como somos en congruencia con nuestro medio y... nuestro medio es como es en congruencia con nosotros...

(Humberto MATURANA, 2007 p. 69)

Aceitar o lixo não é necessariamente poluir a natureza, mas olhar para nossos ciclos produtivos e torná-los mais eficientes. Retomar do lixo o jardim, a arte, a reciclagem, o gás, a montanha. Numa construção consciente de ambientes vivos. Autopoiesis. O homem ativo no ambiente criando novas estruturas vivas. Ou destruindo-as? Retomar o ciclo, olhar para aquilo que extravasa e dar-lhe uso. Crise - solução. Mudar os paradigmas do manejo e tratamento dos resíduos poderia ser um passo importante para uma vida urbana mais ecológica. Sabemos que vivemos em um momento de crise ecológica e que não haverá verdadeiras respostas a essa crise a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma revolução política, social e cultural reorientando os bens materiais e imateriais. Porém sabemos que nenhuma revolução pode vir de cima para baixo, sendo importante fomentarmos um trabalho de base, que se desenvolva em níveis moleculares, na ordem da sensibilidade, da inteligência e do desejo (F.G).⁸⁵

Reposicionamentos de afetos e perceptos referente ao lixo produzido podem inovar na construção de coletividades e por seguinte no meio ambiente como um todo. Para alguns ecologistas o lixo não é outra coisa senão material bom no lugar errado. Aproximar o cidadão da prática de manejo de seus resíduos pode fazer com que tais resíduos não sejam

85 "Caosmose: um novo paradigma estético", (1992).

vistos como lixo, mas, sim, matéria prima passível de reciclagem e/ou reutilização. Sintomas, estratégias já tomadas pela arte. Vemos diversos artistas usando resíduos para dar forma à sua arte. Marcos Cardoso, ex-pescador, artista carioca, dá exemplo com suas colagens, seus painéis feitos com material retirado do lixo. A bandeira do Brasil refeita com embalagens de clube social. Ou, por exemplo, Desali, artista belo-horizontino que, coletando materiais das ruas, objetos largados, texturas, cores, simbologias, faz com eles novas montagens, novas narrativas que estavam esquecidas nos escombros. São artistas que amam o lixo - os verdadeiros ecologistas como sugere Zizek. O amam pelo seu livre acesso, pela multiplicidade dos materiais, pelas simbologias viscerais do homem, pelas técnicas aprendidas ao lidar com a sucata, pela evidência de sobrevivência em meio a um cenário inóspito, pela graça em insistir, uma camada em cima da outra. Aqui antigo aterro sanitário de Cosmópolis vejo espaço para a arte, quem sabe um grande jardim de esculturas de sucata? Ou uma plantação de cosmos? Devo começar a coletar sementes. Romantização? Trabalhar com os restos e descuidos de uma sociedade consumista pode soar romântico, mas, ao menos não cai no trocadilho do “esperto ao contrário”⁸⁶.

*

//dilúvio

NAVEGAR É PRECISO, VIVER NÃO É PRECISO.

*

Diz o mito Tamandaré que em tempos idos, houve uma grande inundação que foi submergindo toda a terra habitada por nossos antepassados. Somente o cume de algumas montanhas das serras emergia das águas. Ali

86 termo usado por Estamira, documentada por Marcos Prado(2004), profeta ou esquisofrenica que anuncia o erro do ‘esperto ao contrário’, como aqueles que vivem se vanglorizando de luxo, riquezas, malandragens, enquanto fazem mal para si mesmos, como o erro que sucumbiu o homem a miséria.

alguns índios sobreviveram, cada representante de uma tribo no topo de sua montanha, outros se esconderam dentro do tronco oco de grandes árvores sagradas ou ficaram agarrados em suas copas, comendo de seus frutos, ou, ainda, flutuaram à deriva em embarcações ao longo de semanas e, mesmo entre esses, poucos sobreviveram. Quando a chuva parou, alguns pássaros começaram a ajudar esses heróis, trazendo terra para o entorno de suas ilhas que, pouco a pouco, se conectavam novamente. Também lhes falavam de onde estavam os outros sobreviventes, permitindo que certos heróis solitários voltassem a encontrar uma família.

A princípio, ao que parece, o dilúvio vem como uma tentativa de Deus de renovar as espécies do Planeta, sobretudo a própria espécie humana que, por algum motivo, não estava mais referenciando e respeitando esse próprio Deus. Se olharmos mais adentro, vemos a narrativa surgir de certas brigas, normalmente entre irmãos ofendidos com o desrespeito mútuo que acabam por gerar feitiçarias que evocam o dilúvio, ou então aclamam por um Deus que irá fazer isso por eles. Essa interpretação reposiciona a necessidade da moral cristã com a qual estamos acostumados. O dilúvio não é necessariamente e unicamente um filtro, uma limpeza moralista, mas, talvez, apenas um fato de conflitos catastróficos ou mesmo um ciclo natural. Essa é uma generalização do que poderia ser em poucas palavras a situação do dilúvio narrado pelos índios brasileiros. Segundo Métriaux (1950), há pelo menos cinco formas de tradição do dilúvio na raiz indígena: a dos Tupis, a dos Caxinauás, a dos Padauris, a dos Bororos e a dos Pamaris. Como tema gerador desse ensaio, adentro um pouco mais na narrativa Tupi, especificamente os Tupinambás (seguindo a leitura de Métriaux).

A etnia dos Tupinambás é raiz/ filiação para a formação de diversos povos do litoral, se relacionando com os Tamoios, os Tupiniquins, os Caétes, Tabajaras, Tupi Guaranis, tendo fortes influências na cultura indígena em toda a costa brasileira, do Amazonas ao Rio da Prata, mas, sobretudo, entre Angra dos Reis e a costa sul do Rio Paraíba. A presença desses índios na costa litorânea fez com que fossem os mais conhecidos pelos portugueses durante os primeiros séculos da colonização.

Sua mitologia coloca em cena diversos “heróis-civilizadores”, personagens solares e lunares, com poderes sobre-humanos. O primeiro

herói-civilizador é Monan, criador do céu, da terra, da água. Ao lado de Monan, os Tupinambás colocaram outro, Maire, cujo nome significa transformador. Essa associação de feiticeiros foi, pouco a pouco, transmutando-se em diversos “heróis-civilizadores”, assim como transmutando também as espécies, criando, enfim, o próprio homem. Maire-Monan introduz a agricultura entre os antepassados, trazendo-lhes todos os vegetais que serviam de base para a alimentação de seus descendentes. Ensinou aos homens a distinguir os vegetais úteis dos nocivos e mostrou-lhes o uso que podiam fazer de suas virtudes medicinais.

Diz a lenda que, certo dia, cansados das transmutações que sofriam constantemente, os homens pregaram uma peça em Maire-Monan. Desafiado a pular uma fogueira enfeitiçada, o herói-civilizador acaba por se queimar e morrer como ente terrestre, subindo aos céus. Contudo, a fim de punir os homens por sua ingratidão para consigo, Maire-Monan incendeia toda a terra. A superfície terrestre que até então era plana, ganha novos formatos geológicos pela ação do calor. Ao final, para romper com o incêndio, provocou uma abundante chuva. As águas desse primeiro dilúvio escoaram e formaram os rios e mares. Os sobreviventes foram somente aqueles que Maire-Monan escolheu para elevarem-se aos céus durante o dilúvio.

Em um segundo momento uma nova destruição do mundo foi causada por Tupã, o deus das chuvas e trovões, associado à Tamandaré, um dos filhos de Maire-Monan, feiticeiro que conversa com os animais. O fato é que os dois mantinham um diálogo e planejaram o dilúvio. Assim prevenido do que viria a acontecer, Tamandaré preparou um tronco oco de uma enorme palmeira para si, sua família e alguns animais, onde habitaram e sobreviveram durante o dilúvio, ao passo que seus irmãos sucumbiam.

Para uma série de povos há um poder criativo em determinados fins. Pois, do fim surge um recomeço, que seja de um casal de sobreviventes ou mesmo um único sobrevivente que irá copular com alguma onça, anta ou veado. Para os Maias, por exemplo, o homem foi feito primeiro de barro, depois de madeira e, por fim, do milho (Popol-Vuh, Anônimo, 2007). Para os Guaranis, já estamos no quarto mundo (ROMERO, 2010).

/
/
/
/

O mito do dilúvio foi sendo atualizado, desdobrado por diversas culturas, do oriente ao ocidente. Revelando em si arquétipos da formação e destruição do mundo. Tais chaves ontológicas calcadas nos mitos e lendas se desdobram em cada nova cultura e em cada nova tradução. Uma constelação, ou melhor, uma nebulosa, como nos ensina Lévi-Strauss, em “Mitológicas” (2004), que não tem começo e tampouco terá fim. Os temas se desdobram ao infinito, numa multiplicidade de rearranjos e reinterpretações e, mesmo que falem de um passado distante, os mitos estarão sempre dizendo do agora. Pois o mito se conforma em si e fala de si para o homem.

Evocar o mito do dilúvio não é só lembrar que os sentidos da existência humana, sofredora, imperfeita e limitada pode ser restaurada em uma unidade e harmonia perdidas no curso da história ou ainda porvir. Mas também relembrar que podemos nos afogar, a qualquer momento, em uma onda misteriosa, ou quem sabe, nas nossas próprias lamentações, em um buraco cavado por nós mesmos. Evocar o mito do dilúvio permite o posicionamento como ente cosmológico, subordinado aos astros, sobretudo o Sol e a Lua, pois são seus “filhos” que despertam essas catástrofes àqueles que os esquecem e os desrespeitam.

Reatualizar o mito do dilúvio é um exercício literário ousado, passível de críticas por reduzir - expropriar a mitologia sob o olhar do explorador. Mário de Andrade, Gregório de Matos, Darci Ribeiro entre tantos outros se lançaram a esse largo desafio, transpuseram a realidade regional ameríndia para a literatura. Ainda assim, não podemos negar o papel de apresentação - aprendizagem que essa literatura causou na cultura brasileira que, afinal, se conforma como uma cultura de miscigenação.

José Alencar em seu livro de 1857, “O Guarani”, atualizou o mito Tamandaré de forma célebre. O autor criou toda uma tensão de desloca-

mento da cultura indígena para a cultura cristã, confundindo o próprio Tamandaré com Noé e sua arca. Assim como exigiu a catequização do personagem índio para que esse pudesse se lançar ao amor pela europeia e, em um desfecho romântico, coloca em dúvida todo esse valor idílico, pois não podemos ter certezas sobre algum final heroico e vitorioso para Peri e Ceci, sendo que a última cena do enredo não nos proporciona nenhuma conclusão exata. Temos o casal flutuando à deriva, mais uma vez em uma palmeira. Talvez a sugestão mais aparente seja, então, a de um rumo a um ponto inatingível.

“A palmeira arrastada pela torrente impetuosa fugia... E sumiu-se no horizonte...” (ALENCAR, 1977).

É no sentido similar ao que José de Alencar trouxe ao mito Tamandaré que apoio esse ensaio. Reviver o mito transmutado sem deixar claro suas conclusões, apenas uma luta por sobrevivência do plano terreno embarcada à deriva em uma palmeira em meio à catástrofe, transpassada pelo processo violento de colonização do Brasil.

/

/

/

/

Os recentes desastres em Mariana (MG), Nova Orleans nos EUA ou Fukushima no Japão podem ser vistos como reflexos do desenvolvimento humano gerando sua própria destruição. Ainda que não nos demos conta, calcamos de olhos abertos uma marcha para o abismo e esses podem ser os primeiros presságios daquilo que virá.

A cidade tomada de lama, deixada de lado toda a tristeza e melancolia que isso acarreta, não poderia ser algo mais sintomático para sujeitos que venderam os seus rios para as mineradoras. Ora, o vazamento radioativo também não é nenhuma surpresa para aqueles que constroem usinas nucleares em plenas ilhas vulcânicas, constantemente abaladas por

terremotos. Assim como Nova Orleans é uma cidade feita abaixo do nível do mar, a qual o homem teve a arrogância de querer ocupar. Obviamente, os atingidos pela catástrofe pouco sabiam das macro políticas que os posicionaram nessas zonas de risco e pouco tiveram escolhas. Geralmente são pobres, flagelados, trabalhadores. No jornalismo televisivo a visão é clara, tomada de helicópteros, satélites e/ou smartphones: todos querem ver e comentar a novidade, um grande caldo, uma sopa feita da cidade. Mas não vamos nos limitar aos detalhes mórbidos. Vamos à história, à filosofia e à arte.

A comparação entre o mito do dilúvio com a condição da cidade contemporânea se coloca. Cobre-se a terra, não com água, mas com petróleo, concreto e veneno. Ao mesmo tempo, a terra, como elemento cosmológico e fundamental para desenvolvimento da vida, passa a não existir mais no momento em que foi cercada e privatizada, pois se tornou mercadoria. Coincidentemente, enquanto a terra fica poluída e rarefeita, o universo aquoso cresce e toma conta do nosso cotidiano. A vida líquida (BAUMAN, 2007) é uma vida de desejo, consumo e insatisfação, em um ciclo no qual a distinção entre consumidores e objetos de consumo já se esvaeceu.

A “liquidez” que tomou conta da sociedade moderna nada mais é do que um reflexo dos hábitos consumistas e individualistas ditados pela cultura do capital. Nessa conjuntura nada pode se estabelecer como algo fixo, sólido, pois o mercado demanda fluxo e renovação. Assim, a vida líquida não tem forma definida, está sempre se transformando em novos moldes, novos valores e novos objetos de desejo. Uma sucessão de reinícios na formação da cultura e seu valor no mercado. Bauman afirma que são os mercados que ditam o que é essencial para a cultura e não ao contrário. Forma-se uma cultura do desengajamento, da descontinuidade e do esquecimento, assim como o declínio da capacidade de diálogo e a perda do poder da comunidade: “O predomínio do consumo enquanto valor social hegemônico significa a erosão da durabilidade das coisas, da durabilidade do mundo” (BAUMAN, 2007).

O controle ideológico que permite esse motor contínuo se pauta na desconstrução da identidade dos cidadãos, para a construção da individualidade dos consumidores. Um alinhamento da vida das pessoas com a rapidez da produção industrializada, seu mercado, resultando em uma

necessidade por renovação constante da própria identidade desses consumidores. A individualidade como identidade. Sujeitos avessos, isolados, em busca constante de autoafirmação. Sujeitos híbridos, sem filiação, em um oceano de consumismo e produção de lixo.

/

/

/

/

Uso o conceito de navegação como investigação de espaços urbanos resistentes a tal “dilúvio” ou se preferirem, normopatia capitalista. Precisamos aprender a navegar, que seja à deriva como Peri em sua Palmeira ou em uma grande arca como Noé. Precisamos adentrar o oceano em busca de ilhas resistentes, lugares onde possamos nos reencontrar com a terra.

Desde o advento da modernidade, inúmeros aventureiros se lançaram ao desafio dessa navegação. Experiências de apreensão e investigação do espaço urbano fora da ordem e vigilância instrumentalizada. Errantes, como Charles Baudelaire ou Guy Debord, que vagavam pela cidade na tentativa de encontrar/ construir lacunas, brechas, locais onde se possa respirar e conspirar, onde se possa repensar a cidade e a coletividade. Agiam como se estivessem em um jogo de se perder e se achar na cidade e nas multidões como exercício de composição poética para adentrar em mundos ocultos, repletos de novas percepções e possibilidades. Chamam suas práticas de flanêur, deambulação ou mesmo deriva. Pouco a pouco, surge no imaginário desses errantes um bricouler de espaços que trabalha alternativas de modos de fazer. (JACQUES, 2014). O deslocamento, a migração através dos espaços, pode conformar o que chamo de **práticas nômades contemporâneas**.

O Historiador Johan Huizinga (2001) desdobrou o conceito de nômade para o contemporâneo criando uma nova categoria da espécie humana, o Homo Ludens: um homem que joga e constrói sistemas efêmeros de relações entra a natureza e a vida. Os jogos são atividades temporárias de

evasão do real, tem um início e um fim. Atualizar o nomadismo através da ludicidade não é envolver a vida em meio à banalidade, mas usar-se da invenção e das práticas de **novos jogos como fomento social** integrado à ancestralidade.

A Internacional Situacionista, grupo político ativista, usando-se da filosofia de Huizinga, desenvolveu uma série de ações no meio urbano europeu da década de 1960, como exemplo dessa reinvenção de jogos nômades. Os situacionistas pensavam que se o lazer, âmbito no qual operam as atividades culturais, é o cerne da alienação capitalista enquanto espetacularizado, poderia ser também, e por fim, parte integrante da agenda revolucionária caso fosse desvirtualizado (GROSSMAN, 2006). Assim, tentavam provocar desvios de função nas atividades culturais, chamando a multidão para jogos livres de criação da vida cotidiana. Um movimento tático, de politização do cotidiano a partir de experiências alternas de busca pelo choque com o espaço público, a cidade e suas contradições. Uma tentativa de criação comum de ambiências lúdicas como contraproposta à espetacularização da cultura.

Não posso deixar de trazer à lembrança os happenings e performances urbanas de Hélio Oiticica e José Celso Martinez, que andavam pelas ruas provocando as multidões, entrando na paisagem e a desdobrando, evidenciando seu projeto inacabado, sua fugacidade, quebrando a distância entre espetáculo e espectador.

Nômades, em meio ao dilúvio, andarilhos incansáveis em busca de pequenos encontros, pequenos oásis com “terra fértil”, transportando sementes capazes de multiplicar os objetos e sujeitos poéticos como busca por criação de uma outra subjetividade e lutando para garantir o potencial de diferir. Pagãos profanadores, recusam o monarquismo ontológico – excepcionalíssimo humano – e recusam a santíssima trindade moderna: o estado pai, o mercado filho e a razão espírito santo (CASTRO, 2015). Artistas que insistem em fazer botânica no asfalto.

/

/

/

/

É interessante perceber que a maioria dos mitos (tanto indígenas quanto ocidentais) de dilúvio não se preocupam em descrever como os heróis sobreviventes repovoaram a terra, geralmente o mito termina, simplesmente comentando que houve um repovoamento e, então, segue-se para mito seguinte. Talvez essa lacuna se preencha facilmente no imaginário de forma orgânica, pelo entendimento dessas culturas sobre a viabilidade da vida humana em um meio terrestre.

De modo espantoso parece que a terra lembra-se de seus modelos antigos e se regenera mesmo após um dilúvio. A sucessão de espécies vem a passos largos e onde havia uma ervinha logo se poderá ver uma árvore. O trabalho desses homens, que ainda resistem, não é nada mais do que deixar a terra vaga se recuperar livremente e voltar a cultivar, cultivar o respeito pelos seus ciclos. O devir vegetal se coloca, trazendo ciclos sucessivos em direção a um clímax orgânico.

A terra passa a operar pela biodiversidade, pela simbiose, em uma resiliência natural, fortalecendo as relações populares entre sociedade, ambiente e território. Nesse sentido podemos ver tal “jardinagem” como espaço pedagógico. As plantas sempre desempenharam um papel poderoso nos sistemas sociais e ecológicos. Ao invés de meros espectadores passivos da história, as plantas atuam como agentes mediando as relações entre as pessoas e entre as pessoas e seus ambientes. Em outras culturas, outras épocas, determinadas espécies botânicas eram tratadas como divindades, ganhavam rituais do plantio à colheita, garantindo a saúde da comunidade.

Ao final do século XX e início do século XXI a conjuntura de uma sociedade de consumo globalizada e a beira da falência socioambiental fomenta no paisagismo um discurso mais crítico e contestador. Nesse ponto foi que o paisagismo contemporâneo entrou em ação, com seus debates e projetos voltados a uma reinterpretação das alternativas e reorientação dos paradigmas. Espaços naturalizados vão surgindo lentamente junto com projetos que aumentam a presença da natureza no meio urbano. O jardim ressurgiu no meio urbano como possível espaço ecológico para reaproxima-

ção à natureza em campos justapostos à cidade. Uma reação à condição urbana criada pelo desenvolvimentismo desmesurado, pela perda da paisagem natural na cidade de concreto, que clama por sobrevivência, clama por terra para que possa voltar a ser fértil, ou melhor, para que não morra. No âmbito institucional, sobretudo em países ricos, iniciaram-se movimentos de restauração urbana pautados na criação de espaços verdes, uma real necessidade de criar bordas de encontro com a natureza. Surgem parques agrícolas de produção coletiva dos canteiros, parques lineares que ocupam linhas férreas (como highline em Nova Iorque), corredores verdes que preservam e respeitam a ecologia das orlas dos rios, mares e mangues, parques ecológicos didáticos, como o Thijsssepark na Holanda. Projetos que abrem espaço para a ideia de natureza não violada, que cresce sem a mão do homem.

Já nos países periféricos a indisposição governamental para aplicar reformas urbanas e a gentrificação causada pelas poucas reformas existentes acarreta em movimentos sociais que lutam e constroem a sua realidade urbanística com as próprias mãos. Nessa conjuntura surge, atrelado a diversas ocupações, um uso da jardinagem como meio tático para o fortalecimento de tais insurgências, mesmo que de forma sutil e atrelada ao lazer comunitário. Tais ocupações produzem e constroem mais do que formas urbanas, mudam a natureza da relação das pessoas com o espaço público e apontam para outra dimensão política e simbólica da cidade. Aos poucos surgem diversas hortas comunitárias em meio à urbe, espaços comuns. Podemos citar, entre tantas, a “Hortas das corujas” em São Paulo (SP), a “Revolução dos baldinhos” em Florianópolis (SC) ou mesmo o “Projeto Veracidade” em São Carlos (SP). Também vão surgindo feiras que comercializam produtos dessas hortas e que articulam a economia solidária e as trocas de saberes, constituindo literalmente uma rede de relações entre essas experiências ecológicas.

A jardinagem é chave para mobilizar a inversão entropia/sintropia, podendo se instaurar em um solo degradado, devastado e logo revitalizá-lo energeticamente, dando-lhe vida. Estávamos desacostumados, o modernismo havia enquadrado a jardinagem em ambientes de controle sobre a natureza, espaços formais cristalizados. Mas quando ampliamos o jardim para espaços abertos, livres e coletivos surge um universo de interações espontâneas em constante transformação. Pequenos jardins, pequenas

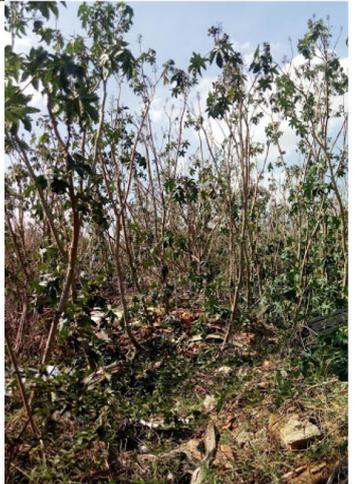
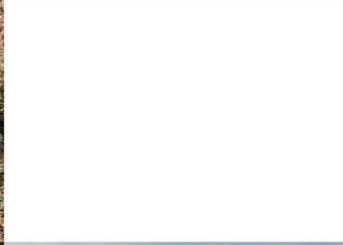


Fig. 19. Mosaico de fotos - Aterro - relatos de Cosmópolis. 2018. fotos do autor. (verso).

chances do homem se recolocar no mundo.

BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, José de. **O Guarani**. 7ª ed. São Paulo: Ática, 1977.

ALTIERI, Miguel. **Pequenos agricultores**. Piseagrama. Belo Horizonte, n. 6, p. 45 - 47, 2013.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **As impurezas do branco**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ANDRADE, Oswald. **Manifesto Antropófago**. In: Revista de Antropofagia. Reedição da Revista Literária publicada em São Paulo. 1ª e 2ª edições. 1928-1929.

ANÔNIMO. **POPOL Vuh**, Buenos Aires: Editorial Losada S.A, 2007.

BAUMAN, Zygmund. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahad, 2007.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. Trad.: Vladmir Bertalini. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BEUYS, Joseph. **A revolução somos nós**. Catálogo, São Paulo: SESC Pompéia, 2010.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Trad.: João Wanderley Geraldi. Campinas: FUMEC, 2002.

BRASIL. LEI No 10.257, **Estatuto da Cidade**, DE 10 DE JULHO DE 2001.

BRETT. Guy. **Brasil experimental arte/vida: proposições e parado-**

xos. Rio de Janeiro: Editora Contra Capa, 2005.

BRIGHENTI, Alexandre Magno. OLIVEIRA, Rubem Silvério. **Biologia e Manejo de Plantas Daninhas**. Curitiba: Omnipax, 2011.

CALVINO, Ítalo. **Palomar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARMONA, Ricardo. **Problemática e manejo de bancos de sementes de invasoras em solos agrícolas**. Planta Daninha. v.10, n.1/2, p.5-16, 1992.

CARTER, Miguel. (Org.) **Combate à desigualdade social. O MST e a reforma agrária no Brasil**. São Paulo: UNESP. 2009.

CASTRO, Eduardo Viveiro de. **Metafísicas canibais**. São Paulo, Cosac Naify, 2015.

CASTRO, Eduardo Viveiro de; DANOWSKYi, Déborah. **Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins – Desterro** [Florianópolis]: Cultura e Barbárie e Instituto Socioambiental, 2014.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. Trad.: Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CLÉMENT, Gilles. **El jardín en movimiento**. Trad.: Susana Landrove. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2012.

CONTRA-FILÉ. Grupo. **A batalha do vivo**. São Paulo: MASP. exposição “Playgrounds”, 2016.

COTRIM, Cecília; FERREIRA, Glória. [Orgs.] **Escritos de Artistas: Anos 60/70**. Rio de Janeiro; Jorge Zahar, 2006.

CRUTZEN, P. J.; STOERMER, E. F. **The Anthropocene**. *Global Change Newsletter*, v.41, p. 17. 2000.

DESCOLA, Philippe. **Além de natureza e cultura**. *Tessituras*, v. 3, n. 1, p. 7-33, 2015.

DEWEY, John. **A arte como experiência**. In: DEWEY, John. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

DOURADO, Guilherme Mazza. **Belle époque dos jardins**. São Paulo: Editora Senac, 2011.

ECKERT. Daniele. **Agricultura sustentada pela comunidade: Alternativa para ampliar a sustentabilidade da produção ao consumo de ali-**

mentos. 5º Fórum Internacional Ecoinnovar, 1ª Conferência Internacional de Sustentabilidade e Inovação. ANAIS... Santa Maria (RS), 9 a 12 de Agosto de 2016.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **O jardineiro que tinha fé: uma fábula sobre aquilo que não pode morrer nunca.** Trad.: Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

FAVARETTO, Celso. **Tropicália Alegria Alegria.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

FERNANDES, Bernardo. **MST - Formação e Territorialização.** São Paulo: Hucitec, 1996.

FOSTER, Hal. **O retorno do real: a vanguarda no final do século XX.** São Paulo: Cosac Naify, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Outros espaços.** In: Ditos e Escritos III. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Trad.: Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

_____. **O corpo utópico, as heterotopias.** Posfácio de Daniel Defert. Trad.: Salma Tannus Muchail. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 11ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

FREINET, Celestin. **Pedagogia do bom senso.** Trad.: João Baptista. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GANZ, Louise; SILVA, Breno. **Lotes Vagos: ação coletiva de ocupação urbana experimental.** Belo Horizonte: MAP, 2009.

GIL, Gilberto. **Todas as letras.** Org.: Carlos Rennó. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GIRALDO, Omar Felipe. **Ecología política de la agricultura. Agroecología y posdesarrollo.** San Cristóbal de Las Casas. Chipas, México: El colegio de la Frontera Sur, 2018.

GONZALES, Mario; MURPHY, Catherine. **Urban agriculture in the city of havana: a popular response to a crisis.** 1999.

GUATTARI, Felix. **As três ecologias.** Campinas: Papyrus, 1990.

_____. **Caosmose: um novo paradigma estético.** Trad.: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1992.

HARDT, Michael; NEGRI, Antônio. **Multidão. Guerra e democracia na era do império.** Trad.: Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2005.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana.** Trad.: Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HUBERMAN, Leo. **História da Riqueza do homem.** Trad.: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas.** 7ª ed. Trad.: Lúcia Orth. Petrópolis: Vozes, 1985.

JACQUES, Paola. **Elogio aos errantes.** 2ª ed. Salvador: EDUFBA, 2014.

KRAUSS, Rosalind. **A escultura no campo expandido.** Trad.: Elisabeth Carbone Baez. Revista Gávea. Rio de Janeiro, p. 87-93, 1985.

KUNSCH, Graziela. (Org.) **Urbânia 3.** São Paulo: Pressa, 2008.

KWON, Miwon. **Um lugar após o outro: anotações sobre site-specificity.** Trad.: Jorge Menna Barreto. Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais EBA UFRJ, Rio de Janeiro, n. 17, p. 166-187. 2008. (Originalmente publicado na primavera de 1979).

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica.** Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LEFEBVRE, Henry. **A Revolução Urbana.** Trad.: Sérgio Martins. Belo Horizonte: Ed. UFGM, 1999.

LE GOFF. Jacques. **Por amor às cidades.** São Paulo: UNESP, 1998.

LÉVI-STRAUSS. **Mitológicas - O cru e o cozido.** 2ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LOBATÓN. Susana Barrera. **Las Huertas y el re-ordenamento de los espacios.** In: MARESCH et al. Bomba y revolucion. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2015.

LORENZI. Harri. **Manual de identificação e controle de plantas daninhas de solos cultivados: plantio direto e convencional.** Nova Odessa

(SP): Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2006.

MACEDO, Silvio Soares. **Quadro do paisagismo no Brasil**. São Paulo: Coleção Quapá, 1999.

MALM, Andreas. **O mito do antropoceno**. Piseagrama, Belo Horizonte, n. 8, p. 24-31, 2015.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento**. As bases biológicas do entendimento humano. Trad.: Jonas Pereira dos Santos. Campinas; Edirprial Psy II, 1995.

MÉTRIAUX, Alfred. **A religião dos Tupinambás e suas relações com as demais tribos Tupi-Guaranis**. Trad.: Estevão Pinto. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1950.

MONTE-MÓR, Roberto Luís. **A Relação Urbano-Rural no Brasil Contemporâneo**. ANAIS... II Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional Programa de Pós-Graduação em desenvolvimento Regional Mestrado e Doutorado Santa Cruz do Sul, RS – Brasil - 28 setembro a 1 de outubro de 2012.

NAGIB, Gustavo. **Agricultura Urbana como ativismo na cidade de São Paulo**. São Paulo: Annablume, 2018.

NERY, Djalma. **Caminhos e perspectivas para a popularização da permacultura no Brasil**. Dissertação (Mestrado). Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”. USP. Piracicaba, 2017.

NEVES, Heloísa. **O mapa [ou] um estudo sobre representações complexas**. Revista Re [dobro], v. 1, n. 2. Cidades Imateriais. Salvador, 2008.

NUNES, Benedito. **A antropofagia ao alcance de todos**. In: ANDRADE, Oswald. A utopia antropofágica. São Paulo: Global, 1995.

OFICINA, Teatro. **A Bigorna** n.6. São Paulo: Universidade Antropófoga, 2017.

OITICICA, Hélio. **Museu é o Mundo**. Organização Cesar Oiticica Filho. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **A longa marcha do campesinato brasileiro: movimentos sociais, conflitos e Reforma Agrária**. Estudos Avan-

çados. São Paulo. v. 15. 2001.

PÁDUA, José Augusto. **Aventura e predação**. Piseagrama, Belo Horizonte, n. 6, p. 24 - 29, 2013.

PANZINI, Franco. **Projetar a natureza: arquitetura da paisagem e dos jardins**. São Paulo: Editora Senac, 2013.

PRADO JR, Caio. **A Questão Agrária**. 4ª.ed. São Paulo; Brasiliense, 1979.

PRIMAVESI, Ana. **Manual do solo vivo: solo sadio, planta sadia, ser humano sadio**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2016.

PUNDEK, Regina Balthazar. **Picolé e sorvete para todos: percursos de uma escola inovadora e criativa**. Jundiaí: Paco Editorial, 2018.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. Trad.: Monica Costa Neto. São Paulo: Editora 34, 2009.

REYNOLDS, Richards. **On guerrilla gardening: a handbook for gardening without boundaries**. Reino Unido: Bloomsbury, 2009.

RICKEY, George. **Construtivismo - origens e evolução**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

ROCHA, Sebastião et al. (Org.). **Álbum de Histórias**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2005.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: Transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina/ Editora da UFRGS, 2011.

ROMERO, Roberto. **Quase extintos**. Revista Piseagrama, n. 8. Belo Horizonte: Rona Editora, 2015.

RUGIU, Antonio Santori. **Nostalgia do Mestre Artesão**. Campinas: Autores Associados, 1999.

SANTOS, Antônio Nego Bispo. **Modos quilombolas**. Revista Piseagrama, Belo Horizonte, n. 9, p. 58 - 65, 2016.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. Campinas: Ed. Hucitec, 1996.

_____. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Edusp, 2007.

SCAPINELLI, Gabriel. **Jardins Abertos**. TCC. Florianópolis: Univer-

cidade Federal de Santa Catarina, 2011.

SERRÃO, Adriana Veríssimo. (Org.) **Filosofia da Paisagem**. Uma antologia. 2ª ed. Lisboa: Centro de filosofia da Universidade de Lisboa, 2013.

_____. ASSUNTO. Rosário. **Paisagem - Ambiente - Território**.1976

_____.BERLEANT, Arnold. **Estética e Ambiente**.1997

_____.BERQUE, Augustin. **A ecúmena: medida do Homem, Medida humana da Terra**.1992.

_____.ROGER, Alain. **Natureza e Cultura. A dupla artialização**.1997

SILVA, Jorge Anthonio. **O Fragmento e a Síntese- A Estética Objetiva de Schiller**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001.

SIMMEL, Georg. **A ruína**. In: SOUZA, Jessé; ÖELZE, Berthold. **Simmel e a modernidade**. Brasília: UnB, 1998. p. 137-144.

SMITHSON, Robert. **Um Recorrido por los monumentos de Pasaic**. Nueva Jersey. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2006.

STÉDILE, João Pedro (Org.). **A questão agrária no Brasil - O debate na década de 1990**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

WARD, Nathaniel Bagshaw. **On the Growth of Plants in Closely Glazed Cases**. Londres: Ed. John Van Voorst & Paternoster Row, 1852.

VANNUCHI, Luanda Villas Boas. **São Paulo, da cidade de muros à cidade ocupada: insurgências e contradições**. XVII ENANPUR. ANAIS... São Paulo, 2017.

VELOSO, Caetano. **Verdade tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

VILLAÇA. Flávio. **Espaço intra urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

